www.ovnipesquisa.com.br revistaovnipesquisa

Nº 19
ANO VI

ISSN 2675-8962

OVNI PESQUISA

OPERAÇÃO PRATO
O QUE OS MILITARES OBSERVARAM?

ENTREVISTA
HEROS DE CAMPOS JARDIM

ANUNNAKI
A FARSA DOS CRIADORES DA RAÇA HUMANA

UM OVNI SOBRE A
BASE AÉREA DE ANÁPOLIS

O ENIGMA NAZCA

ÁREA 51
TESTES COM OVNIs?

LIVRO "ETs DE VARGINHA"
OS BASTIDORES DO LANÇAMENTO

Gigantescas figuras foram desenhadas no solo do deserto peruano, em Nazca, há quase 2 mil anos. Muitas só podem ser vistas do alto. Um dos maiores enigmas da Arqueologia até os dias de hoje. Para os teóricos dos Deuses Astronautas, uma prova de contato com seres alienígenas no passado...

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

BRAZUL
FILM COMPANY

DOCUMENTÁRIO • FILME PUBLICITÁRIO • FOTOGRAFIA
COBERTURA DE EVENTO • VÍDEO PARA YOUTUBE

(13) 99633-3993 @brazulprodutora
contato@brazulprodutora.com

Fernanda Emanuele Palva Santos.
De Belo Horizonte, MG.
Associada *OVNI Pesquisa*
desde outubro de 2023

www.ovnipesquisa.com.br

Seja um associado

OVNI
PESQUISA

Faça parte da melhor equipe de pesquisa da América Latina! Sendo um associado você contribui para a continuidade do nosso projeto, recebe a revista em casa, e tem acesso a todo o nosso arquivo. Se você é um pesquisador, vai receber todo o suporte para seus estudos, e poderá acompanhar nossa equipe em eventos e expedições. E o que é melhor, terá descontos em todos os nossos produtos!

Mande um e-mail:
cipfani@hotmail.com

ANO 6 | Nº 19 | Março 2024

Rua Donnato Lima, 220
Bairro Amazonas, Contagem, MG, Brasil
Cep: 32223-160
(31) 99426-5326
cipfani@hotmail.com

Expediente

EDITOR
Paulo H. Baraky Werner
DRT 14060/MG

COEDITOR
Edison Boaventura Júnior

REDES SOCIAIS
Rafaela Oliveira
Thiago H. Baraky Werner

REVISÃO
Rodrigo Moura Visoni
Leonardo Vaz Rodrigues

ARTES
Márcio Vicente Teixeira
Philipe Kling David
Paulo H. Baraky Werner
Matheys Maturano
Thiago H. Baraky Werner

DIAGRAMAÇÃO
PW Desenhos

CONSULTORES VOLUNTÁRIOS

Albert Eduardo - Belo Horizonte, MG
Aloysio Carvalho - Belo Horizonte, MG
Antônio Faleiro - Passa Tempo, MG
Claudio Tsuyoshi Suenaga - Osaka, Japão
Leandro Henrique - Mariana, MG
Leonardo Vaz Rodrigues, SP
Marcelo Kaczmarech - Ponta Grossa, PR
Márcio Vicente Teixeira - França
Micaela Malosso - Portugal
Osmar de Freitas - São Paulo, SP
Pablo Villarrubia Mauso - Espanha
Paulo Aníbal Mesquita - São Paulo, SP
Philipe Kling David - São Paulo, SP
Rafaela Oliveira - Fortaleza, CE
Renato A. Azevedo - São Paulo, SP
Rodrigo Moura Visoni - Rio de Janeiro, RJ
Thiago Bezerra de Melo - Recife, PE
Vandeir Santos - Contagem, MG
Vanderley de Brito - Campina Grande, PB
Keline Borges - Belém, PA

FOTOGRAFIAS
Brazul Produtora
Cláudio Eduardo Silva
(Imagens não creditadas) Pixabay® / Freepik®

Anuncie na Revista OVNI Pesquisa! Solicite nosso midia kit
cipfani@hotmail.com
(31) 99426-5326

Editorial

OVNI PESQUISA

A verdade está lá fora...

X-FILES -FOX®

Nos Estados Unidos, novas leis de transparência estão sendo criadas para facilitar o acesso à informação sobre UAPs (Fenômenos Anômalos Não Identificados) para o público. Essa nova lei visa não apenas incentivar pilotos civis a relatar seus avistamentos (coisa que antes era até proibido) como obrigar as agências de aviação a compartilhar essas informações.

No seriado *Arquivo X*, o agente do FBI, Fox Mulder tentava a todo custo obter evidências que sempre eram acobertadas. Sua companheira, Dana Scully, avessa à teoria dos "alienígenas", acabou por compreender que existia algo muito maior, até mais que seu ceticismo acadêmico: a realidade do fenômeno OVNI. E mesmo que você não "acredite", o fenômeno vai continuar ocorrendo.

O que diria Dana Scully face às novas declarações de ex-agentes da inteligência norte-americana sobre o resgate de naves e seres não humanos? A busca frenética pela verdade, que durou mais de uma década, transformou os agentes do FBI responsáveis pelas análises dos casos classificados como "Arquivos X".

Nós, ufólogos, estamos percorrendo o mesmo caminho há mais de 70 anos. E apesar de não haver nenhuma prova contundente sobre a realidade do fenômeno OVNI, podemos nos contentar com milhares de evidências, muitas delas, robustas e com o selo oficial das forças armadas.

Por meio de leis de acesso a informação, um volume gigantesco de documentação sobre o estudo do tema foi liberado. Somam-se a isso, os relatórios divulgados à imprensa, mostrando que a cada dia, mesmo que em doses homeopáticas, os dados sobre os OVNIs começam a romper o véu do ceticismo acadêmico e militar.

Até mesmo a sisuda Nasa, que sempre evitou citar os OVNIs em suas declarações, agora surge com um seleto grupo de cientistas para estudar as milhares de observações dos UAPs.

A agência responsável por levar os primeiros seres humanos à Lua, quer ser novamente a protagonista em mais um grande passo da humanidade: a descoberta de vida inteligente fora da Terra.

Paulo Baraky Werner
Editor *OVNI PESQUISA*

Capa: Paulo B. Werner

Errata:
Edição nº18, p. 11.
Onde se lê: agrimensor paraense
Leia-se: agrimensor paranaense

DESDE 1991
CIPFANI
Centro de Investigações e pesquisas de Fenômenos Aéreos Não Identificados

Sumário

04 • Panorama
06 • O testemunho dos militares nos relatórios oficiais da Operação Prato
12 • Aeronáutica confirmou oficialmente a presença de OVNIs
17 • Fenômeno OVNI presente no carnaval de 2024
18 • O início da Ufologia científica no Brasil
22 • Capa - O enigma Nazca
30 • A farsa Anunnaki - Parte 1
35 • Novo livro sobre os "ETs" de Varginha
36 • Os segredos da Área 51 - Parte 1
39 • Os arquivos históricos da Ufologia
40 • 2023: o ano dos UAPs
42 • Um OVNI sobre a base aérea de Anápolis

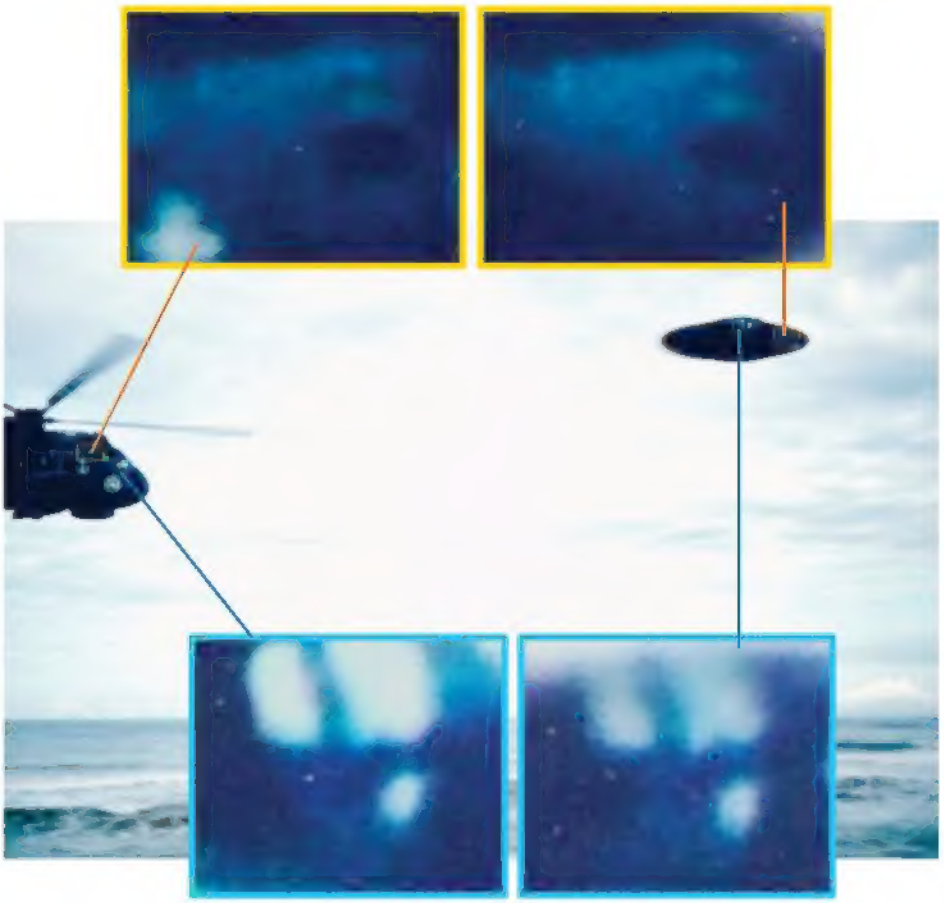
ADQUIRA TODAS AS EDIÇÕES JÁ PUBLICADAS. ACESSE: www.ovnipesquisa.com.br

A Revista *OVNI Pesquisa* é uma publicação trimestral do Cipfani. A finalidade é abordar o tema de uma forma criteriosa e objetiva. As matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores que colaboram de forma voluntária, sem qualquer tipo de remuneração. Reprodução de partes são permitidas, desde que citadas as fontes.

Sua opinião é importante!
Envie suas críticas ou sugestões:
cipfani@hotmail.com

SIKORSKY X OVNI: EVIDÊNCIA DE FRAUDE

Kentaro Mori
Responsável pelo site online 'Ceticismo Aberto'



Na edição da revista *OVNI Pesquisa* nº 15, de dezembro de 2022, havia uma pergunta: *"Seria o flagrante de um helicóptero perseguindo um OVNI a mais espetacular fotografia de OVNI da história?"*.

De fato a imagem é chamativa. Está bem enquadrada, com a linha do horizonte no terço inferior, com um disco voador — incluindo detalhes do que parecem janelas — no canto superior direito, e um helicóptero Sikorsky parcialmente enquadrado do lado esquerdo. Seria uma boa ilustração artística, não fosse o fato de que foi enviada pelo correio a Paulo Werner como se fosse um registro real, segundo ele no distante ano de 2001.

Visando sujeitar o material à análise agora, Rodrigo Moura Visoni também compartilhou o texto e uma versão eletrônica comigo, e a encaminhei a colegas do exterior. Uma análise conclusiva, neste caso, felizmente veio rápido.

"Sim, é uma fraude", concluiu o pesquisador belga Wim van Utrecht. *"A maior evidência disso é que algumas áreas da imagem do disco voador são quase idênticas a áreas que podem ser vistas na imagem do helicóptero (ilustração ao lado)"*.

"Evidentemente, isso não deveria ocorrer normalmente", continua Van Utrecht. *"Meu palpite é que a foto original mostrava dois helicópteros da marinha do mesmo tipo, e que alguém manipulou no Photoshop o da direita para que se tornasse um OVNI. Usando elementos de um objeto real, distante, na fotografia, o autor da fraude sabia que pareceria realístico – até que você analise com mais cuidado, claro"*.

Defensores da imagem poderiam argumentar que seria possível que dois objetos similares, em posições geometricamente similares, poderiam ter reflexos similares. Ao que eu reforçaria que entre as imagens que o suposto OVNI reproduz do helicóptero, estão partes das cabines e janelas.

A menos que se defenda que existem discos voadores que têm cabines e janelas iguais a modelos de helicóptero Sikorsky usados pela marinha brasileira, a evidência encontrada por Van Utrecht é bem conclusiva de manipulação na imagem. OP

Livro: Os Invasores - contatos, ataques e sequestros

Foi lançada oficialmente a Vaquinha para obtenção de verbas para a impressão do livro *Os Invasores - contatos, ataques e sequestros*, do pesquisador e editor da *OVNI Pesquisa*, Paulo Baraky Werner.

O livro conta com 124 págs. Ricamente ilustrado, com trabalhos de campo realizados desde 1990.

A obra reúne pela primeira vez casos inéditos, documentação oficial, e participação de ufólogos renomados, dentre eles, Albert Eduardo, Antônio Faleiro e a pesquisadora paraense Keline Borges Soares entre outros convidados.

O livro, já em fase de ajustes finais, será lançado assim que a meta da arrecadação seja atingida. Quem contribuir, terá seu nome publicado no livro, uma forma de agradecimento ao apoio.

Faça sua contribuição!

- **20 reais** - Nome publicado no livro;
- **30 reais** - Nome publicado no livro (recebimento do livro em PDF);
- **55 reais** - Nome publicado no livro (recebimento do livro impresso);
- **65 reais** - (acima) - Nome publicado no livro (livro impresso, autografado + brinde!)

- **www.ovnipesquisa.com.br**

INSCREVA-SE NO CANAL OFICIAL: Revista OVNI Pesquisa (Documentários, pesquisas, análises dos fatos, contraponto e muita informação!)

Colaboradores, Representantes e Apoiadores da revista OVNI Pesquisa

- **Murilo de Paula Fernandes**
São Paulo/SP
- **Elvano de Castro Lacerda Neto**
Seabra/BA
- **Ana Flávia M. Cardoso Vulliamy**
Coppet/Suécia
- **Filipe Sebastião Abreu Serra**
Rio de Janeiro/RJ
- **Douglas Farias de Jesus**
Joinville/SC
- **Fabrício Manoel Oliveira**
São Paulo/SP
- **Sant Clair Ramos**
Americana/SP
- **Aloisio Santiago**
Belo Horizonte/MG
- **Rochele Correia Caminha**
Charqueadas - RS
- **Luis Henrique Fink**
São Francisco do Sul - SC
- **Maquir Moreira da Silva**
São Gonçalo do Amarante – RN
- **Hellen Paraguassú**
Mucugé - BA
- **Valmir Freire**
São José dos Campos - SP
- **Gilmar Honorato Pereira**
Vazante - MG
- **Josimar José Rosa**
Registro - SP
- **Mauro Machado do Prado**
Goiânia - GO
- **Sidinei Marcolin**
Bento Gonçalves - RS
- **João Edgofe Alexandre Furtado**
Codó - MA
- **Luciana Gomes R. de Andrade**
Belo Horizonte - MG
- **Fernanda Emanuele Paiva Santos**
Belo Horizonte - MG
- **Claudio Ramos Branquinho**
Belo Horizonte - MG
- **Luis Gustavo G. da Costa**
Belo Horizonte - MG
- **Carlos Henrique da Silva**
Salgueiro - PE
- **Gutenberg Oliveira**
São Paulo - SP
- **Fernando Ferreira Santos**
Ilhéus - BA
- **Ludmilla Barbra Rabello Graci**
Ribeirão Preto - SP
- **Filipe Alves de Lima**
Contagem - MG

Associados inscritos até o fechamento da edição

Seja você também um associado OVNI Pesquisa!

Ou torne-se um apoiador master de nossas expedições. Para saber os detalhes entre em contato. A *OVNI Pesquisa* está mudando a realidade da Ufologia e você pode fazer parte desta revolução.

contato@ovnipesquisa.com.br

■ Paulo Baraky Werner e Elizabeth Oliveira Damascena, 1º Congresso de Ufologia da Revista *OVNI Pesquisa* em Betim, MG

■ Murilo de Paula Fernandes ao lado de Edison Boaventura Júnior no lançamento do livro *ETs de Varginha - montando o quebra cabeça* em São Paulo - SP

Lançamento: Meu Universo
Luiz Augusto L. da Silva

A **Rede Omega Centauri** para o Aprimoramento da Educação Científica lançou em janeiro o livro *Meu Universo*, de autoria de Luiz Augusto L. da Silva, astrônomo e divulgador da ciência que, em 2023, completou cinco décadas de atuação nessas áreas.

O livro inclui crônicas diversas, capítulos sobre astrobiologia, considerações sobre Fenômenos Anômalos Não Identificados, além de uma seleção de memórias oriundas das vivências acumuladas pelo autor, e reflexões de ordem social inspiradas pelo estudo continuado da ciência astronômica.

Referência ωκ-BK-2024.01
formato digital
501 páginas
R$ 34,90

Pedidos diretamente para o autor:
luizastronomo@gmail.com
Pague com PIX:
universoastronomia22@gmail.com

Paulo Baraky Werner

O TESTEMUNHO DOS MILITARES NOS RELATÓRIOS OFICIAIS DA OPERAÇÃO PRATO

Neste artigo selecionamos alguns dos principais Registros de Observação de OVNIs (ROVs) que contêm observações de militares e os apresentamos aos nossos leitores

Algumas das testemunhas mais importantes dos eventos ocorridos durante a Operação Prato foram os próprios militares, dentre eles, o então capitão Uyrangê Bolívar Soares Nogueira de Hollanda Lima (1940-1997), que comandou a Operação. Os 130 Registros de Observação de OVNIs (ROVs), já disponíveis para consulta no Arquivo Nacional, são o que tornam a Operação Prato tão mais rica e especial que a maior parte dos casos em que autoridades militares foram chamadas a investigar eventos ufológicos. Isso porque, dentre os 130 ROVs, 79 são relativos a observações feitas por militares, na companhia de civis, o que equivale a mais de 60% dos registros. Destes 79 registros, 40 foram observações exclusivas de militares, o que equivale a mais de 30% dos registros, ou seja, nos registros oficiais, os relatos que tiveram militares como observadores superam aqueles testemunhados apenas por civis.

O teste da população e passagem da tropa em revista: ROV nº 16 e o relatório especial da 1ª missão

Sabemos que a primeira missão da Operação Prato foi iniciada oficialmente em 20/10/1977, entretanto, o capitão Hollanda passou a coordená-la somente em 01/11/1977, quando chegou a Colares a bordo de um helicóptero Bell H-1H Huey, na companhia do Tenente-Coronel Camillo Ferraz de Barros (1937-2019), chefe da Segunda Seção da Aeronáutica (A2), com sede em Belém. Os militares reservaram aquele dia, que foi o de maior presença militar na Ilha de Colares, durante toda a Operação, para a realização de testes junto à população, com a apresentação de *slides* sobre a ida do homem à lua, dentre outras exibições. Entretanto, eles também foram testados pelos corpos luminosos, que os recepcionaram com um impressionante espetáculo exibicionista, com direito a voo supersônico. Uma verdadeira passagem da tropa em revista, na qual os objetos luminosos eram a autoridade máxima.

Supersônicos e Debochados

Eram 19h, quando um corpo luminoso amarelado, vindo da direção da Baía do Sol, com uma parte superior em formato de semicírculo avermelhado, emitindo lampejos azulados, cruzou os céus de Colares, em velocidade inferior a 800 km/h e em trajetória descendente. O corpo luminoso adentrou o campo de visão dos agentes posicionados no centro da cidade, Sargento Flávio e Coronel Camillo, em altura estimada de 2.000 metros, baixando para cerca de 1.500 metros. Ali, diante do militar de maior patente, Tenente-Coronel Camillo, acelerou até atingir velocidade supersônica (acima de 1.226 km/h), alterando sua cor para o vermelho, com inclinação de subida em 45º, entrando no campo de visão dos militares posicionados no campo de aviação, antes de desaparecer. Os eventos desta noite foram incluídos no *ROV nº 16* e no Relatório Especial da Primeira Missão.

AUTORA

Keline Borges Soares

Keline Borges é advogada (OAB-PA 32.446), assistente social, moradora de Belém, pesquisadora da casuística ufológica e dos eventos ocorridos no estado do Pará na década de 1970.

kelineborges3742@hotmail.com

O Protagonismo do Agente (Sargento Flávio Costa)

Os muitos registros precisos, por vezes, ilustrados com croquis perfeitamente detalhados, que são uma das principais referências para compreendermos as complexas evoluções daqueles objetos, devem-se, em sua maior parte, ao protagonismo de um outro agente do A2, além do capitão Hollanda, trata-se do Sargento Flávio Costa, "com especialização em observação meteorológica, do Quadro de Artífices do Corpo de Pessoal Subalterno da Aeronáutica" (ANICETO, H.A. *Corpos Luminosos: uma operação militar em busca de respostas*. Edição do Autor. 2014, p. 26).

O Sargento Flávio participou da Operação desde a Primeira Missão, utilizando o codinome de agente Ernesto, antes mesmo que o capitão Hollanda fosse designado para chefiá-la. Após oficialmente suspensa a Operação, assim como o capitão Hollanda, ele continuou investigando aqueles fenômenos, mesmo durante suas férias, registrando as observações destas missões extraoficiais em Relatórios Extras (em um total de 16 relatórios) e é ele o maior responsável pelos 288 registros contidos nos Resumos Sintéticos Cronológicos (RSC), que são os relatórios vazados da Operação.

Nosso agente foi o responsável por redigir o Relatório Especial da Primeira Missão, único documento militar que expõe o objetivo da Operação: "esclarecer, o que de real existe sobre os aparecimentos e movimentação, em nosso Espaço Aéreo Inferior, dos chamados Objetos Voadores Não Identificados". É neste relatório que consta a observação do objeto em voo supersônico no dia do teste da população (01/11/1977), no qual o sargento conclui que aqueles OVNIs, que executavam manobras complexas, por vezes em velocidade supersônica, obedecendo a horários, eram "inteligentemente dirigidos".

Baía do Sol na rota dos OVNIs: Relatório Especial da Missão e ROV Nº 12

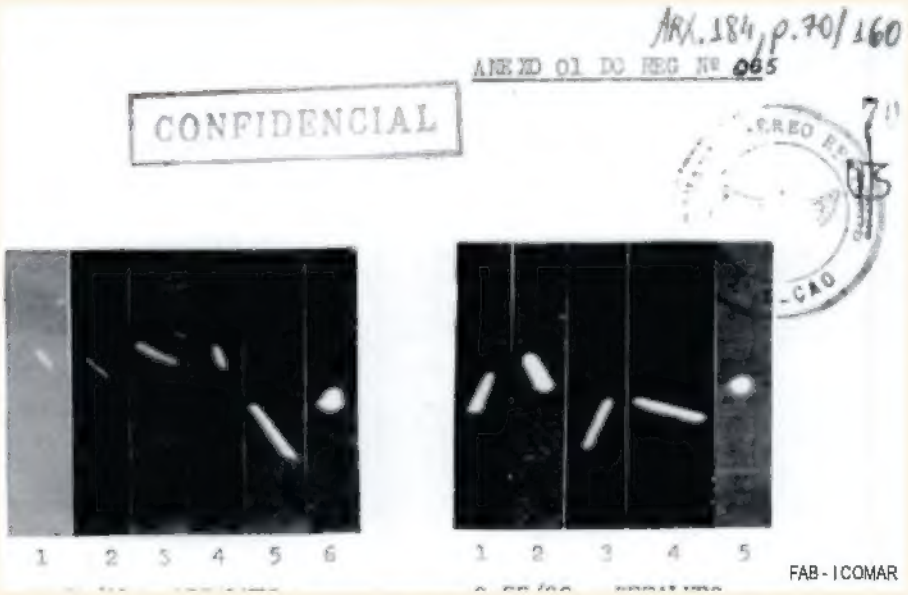
Conforme Relatório de Missão do Sargento Flávio, a Baía do Sol, localizada na Ilha de Mosqueiro, que forma um triângulo juntamente com a Ilha de Colares e a Ilha do Marajó, estava no trajeto das cinco principais rotas observadas por testemunhas e militares, conforme croqui anexado neste relatório. Não à toa, o próprio capitão Hollanda já realizava vigílias por lá, antes de assumir oficialmente a Operação Prato, geralmente, em companhia de amigos, como o piloto Ubiratan Pinon Frias e o cinegrafista Milton Mendonça, como consta no *ROV nº 12*, de 22/10/1977, no qual se registra que, às 22h40, ele observou um corpo luminoso azul, com brilho muito intenso (solda elétrica), em trajetória reta, no sentido Norte/Sul (Baía do Marajó/Baía do Sol), em altitude estimada de 60 metros, cerca de 3.000 metros de distância, com ausência de ruído e sem deslocamento de ar. Este registro demonstra que o local já era reconhecido como um *hotspot* de avistamentos, desde os primeiros dias da Operação.

Impressionantes evoluções sobre a Baía do Sol: ROV nº 41

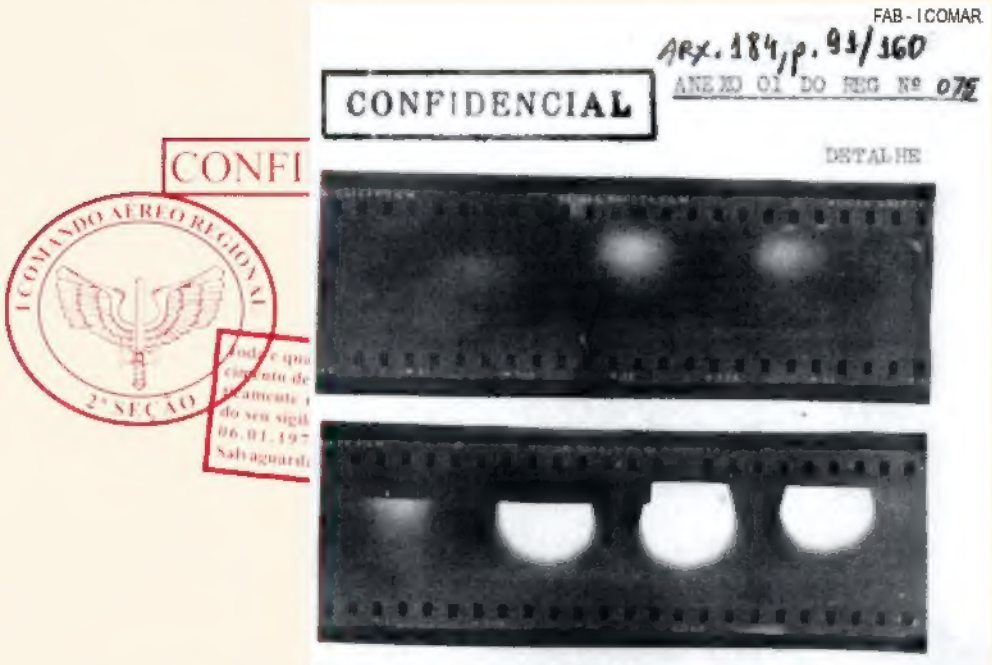
Em 22/11/1977, às vésperas do início da Segunda Missão, o Sargento Flávio retornou à Baía do Sol, acompanhado da Sra. F.M. Freitas Costa, do piloto civil Ubiratan Pinon Frias, falecido em 2014, e da Srta. Célia Montenegro, para realização de uma vigília, ocasião em que testemunharam corpos luminosos realizando manobras complexas e evoluções impressionantes, que se iniciaram por volta de 1h30, quando um primeiro corpo luminoso foi avistado em frente à ponta do Machadinho, sobre a Baía do Sol, cerca de 30 metros de altitude e a 1.500 metros de distância dos observadores, que se encontravam na praia. O objeto subia e descia em movimentos irregulares. O segundo objeto apareceu às 3h10, emitindo lampejos de rápida duração, dando a impressão de ar eletrificado. O evento durou cerca de vinte minutos.

Às 3h20 entrava em cena o terceiro corpo luminoso, de cor amarelo fosco, com velocidade em torno de 500 km/h, a cerca de 300-400 metros de altitude e 600 metros de distância dos observadores. O objeto não emitia ruídos e acelerou, afastando-se dos observadores, quando começou a subir, realizando duas voltas completas, em movimento espiral. Nos três minutos seguintes, às 3h23, surge um quarto objeto, bem mais próximo dos observadores do que o anterior, realizando uma curva à esquerda sobre eles e desaparecendo em seguida. O quinto objeto aparece às 4h25, em trajetória reta, vindo da direção de Colares, a cerca de 300 metros de altura e 800 metros de distância.

Às 5h18, surgem, ao mesmo tempo e paralelamente, o sexto e o sétimo objeto, de cor amarelo fosco, com velocidade em torno de 200 km/h e em baixa altitude, passando acima dos observadores, quando estes perceberam que



■ Fotografias anexas ao ROV nº 66, referentes à vigília realizada no Rio Guajará, em Ananindeua, nos dias 09 e 10/12/1977.
Fonte: BR_DFANBSB_ARX_0_0_0184_d0001de0001/Sistema de Informação do Arquivo Nacional



■ Fotografia anexa ao ROV nº 75, referentes à missão realizada na Fazenda Jeju, em São Domingos do Capim, no dia 16/12/1977.
Fonte: BR_DFANBSB_ARX_0_0_0184_d0001de0001/Sistema de Informação do Arquivo Nacional

■ Ilustração da série fotográfica anexada aos ROVs nº 75 e 76, referentes as missões realizada na Fazenda Jeju, em São Domingos do Capim, nos dias 16 e 17 /12/1977.
Fonte: BR_DFANBSB_ARX_0_0_0184_d0001de0001/Sistema de Informação do Arquivo Nacional

os dois objetos possuíam tamanhos distintos e o menor estava ligeiramente à frente do maior. Ao se afastarem cerca de 300 metros, o objeto maior acelerou e realizou uma curva suave à esquerda, cruzando a trajetória do menor, à frente deste. Posteriormente, o objeto maior realizou uma conversão à direita e, novamente, cruzou a trajetória do menor, que seguiu em frente, em linha reta, enquanto o maior foi em direção a Colares.

Os eventos desta noite estão parcialmente relatados no *ROV nº 41*, no qual o Sargento Flávio descreveu apenas o sexto e o sétimo objeto, denominados por ele como elementos "A" e "B", que surgiram às 5h18. Contudo, no croqui anexo ao relatório, elaborado pelo agente, foram excluídos apenas os dois primeiros avistamentos, sendo representadas as trajetórias do terceiro objeto em diante, ou seja, cinco representações de um total de sete avistamentos. Além do croqui, foram anexadas seis fotografias ao registro.

A segunda missão e o agente George, do CISA-BR

Em 25/11/1977, alguns dias depois dos impressionantes avistamentos relatados no *ROV nº 41*, iniciava-se a Segunda Missão da Operação Prato, estranhamente, sem a presença do capitão Hollanda. Em seu lugar, estava na posição de comando o agente George, vindo da sede do Cisa (Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica), em Brasília e subordinado diretamente ao ministro da Aeronáutica, Joelmir de Araripe Macedo. Compunham a equipe, além do agente George, o agente Ernesto (Sargento Flávio Costa) e o agente Smith. A segunda missão durou apenas 11 dias, encerrando-se em 05/12/1977.

Um OVNI sobre Hollanda e os agentes do SNI na Baía do Sol: ROV nº 58

Três dias após o início da Segunda Missão, o capitão Hollanda, que não deixou de investigar aqueles fenômenos, mesmo sem estar à frente da Operação, seria o protagonista de um dos avistamentos mais impressionantes daquele período, ocorrido em 28/11/1977 e que foi relatado na entrevista concedida por Hollanda em 1997 aos ufólogos Ademar José Gevaerd e Marco Antônio Petit, ocasião em que o capitão narrou a experiência que viveu na companhia do cinegrafista Milton Mendonça e de três agentes do SNI.

O capitão, que naquele dia precisava retornar cedo para Belém, para cumprir um compromisso em família, iniciou a vigília sem os agentes do SNI, que estavam atrasados, e antes que estes chegassem, o capitão avistou dois objetos cruzando os céus. Próximo às 19h30, ainda sem a presença do SNI, o capitão desmontou e guardou seus equipamentos no carro para retornar à Belém. Mas antes que ele partisse, os agentes do SNI chegaram, justificando o atraso em razão de um acidente de trânsito ocorrido na estrada. Segundo Hollanda, enquanto conversava com os agentes sobre os registros já realizados naquela noite, um deles disse: "Olha aqui em cima, agora. Olha pro alto". Ao olhar para cima, o capitão teria

avistado um objeto estacionário, na vertical, com cerca de 30 metros de diâmetro:

[...] *tinha um negócio enorme bem em cima da gente. Era um disco preto, escuro, parado a não mais que 150 m de altura, exatamente onde estávamos.* [...] *Ficou parado, mas tinha uma luz no meio, indo de amarela para âmbar. E fazia um barulho como o de ar-condicionado* [...]. *Era grande, com talvez uns 30 m de diâmetro* [...]".

O evento foi registrado no *ROV nº 58*, totalmente abstraído dos impressionantes detalhes mencionados na entrevista, mas com características objetivas que esclarecem detalhes do relato. No registro, o objeto é descrito com cor amarela avermelhada, emitindo lampejos azulados e em posição inicialmente estacionária, deslocando-se, em seguida, para o Leste, atingindo velocidade supersônica. Segundo a descrição, antes de se deslocar, "o OVNI emitiu uma série de quatro focos de luz azul".

Para o pesquisador Hélio Aniceto (2014), este evento foi crucial para que Hollanda fosse reconduzido ao posto de comando da Operação Prato, assumindo a Segunda Missão, já em andamento, no dia seguinte ao avistamento do objeto estacionário na Baía do Sol, ou seja, em 29/11/1977. A Segunda Missão foi oficialmente encerrada em 05/12/1977.

Missões na Fazenda Jeju: ROVs nº 75 a 78

A Fazenda Jeju, localizada no município de São Domingos do Capim, na microrregião do Guamá, há 83 km de Belém, foi palco de duas missões especiais, realizadas pelos militares da FAB. O município, distante do litoral, situa-se às margens do rio Guamá, na confluência com o rio Capim, duas importantes hidrovias do estado do Pará. Neste aspecto, ressalta-se que, apesar de o fenômeno Chupa-Chupa se fazer presente, especialmente, em zonas litorâneas, foram registrados eventos em localidades interioranas, porém, curiosamente, sempre próximos a grandes fluxos de água.

As missões na Fazenda Jeju ocorreram a pedido do proprietário, que alegou ter encontrado marcas de um possível pouso de OVNI no solo da propriedade. A primeira equipe de agentes, designados pelo chefe do A2, chegou à Fazenda Jeju em 16/12/1977. Em campo, confirmaram a existência dos buracos no solo, realizaram medições e tiraram fotografias. Na noite daquele mesmo dia, às 23h50 e na virada para o dia 17/12/1977, às 0h30, os agentes testemunharam um dos eventos mais importantes daquele período, que foi registrado no *ROV nº 76*. Vejamos a descrição, como consta no relatório oficial:

"O OVNI mudava de cor, passando do branco azulado muito intenso para o vermelho rubro, variando sua luminosidade e velocidade. Os elementos da Equipe não observaram sua ascensão. Desapareceu por interposição das árvores".

O objeto, inicialmente a 4.000 metros de altitude e na forma de um halo luminoso, se deslocou pela fazenda. Em seguida, o halo alongou-se na horizontal e depois na vertical, assumindo a forma vertical, como uma espécie de gota comprida, que desceu do céu, executando uma manobra em 90º. A 400 metros, o objeto mudou novamente de forma, para um formato de semicírculo, descendo até 70 metros, distanciando-se dos observadores, em direção à estrada PA-127 e aumentando de tamanho, conforme se distanciava. Durante este avistamento, a equipe adentrou a viatura e saiu da Fazenda para acompanhar o objeto ao longo da estrada, até quando ele não pôde mais ser avistado.

O relato dos agentes teve profundo impacto no I Comar e nos dias 20 e 21/12/1977, uma nova missão foi designada para a Fazenda Jeju. Em vez de uma, foram duas equipes de agentes, comandadas pelo Tenente-Coronel Filemon Menezes, chefe do SNI em Belém. Uma equipe foi designada para a região conhecida como Piçarreira e outra para a Fazenda. As observações daquela noite foram registradas nos *ROVs nº 77 e 78*.

A missão no Rio Laranjeiras: ROVs nº 88 e 89

Outra importante missão da Operação Prato foi realizada no Rio Laranjeiras, nas proximidades do distrito de Icoaraci, em Belém, na virada dos dias 27-28/01/1978. Os eventos ocorridos no Rio Laranjeiras foram incluídos nos ROVs nº 88 e 89. Esta missão contou com a participação de um civil, o piloto da aviação comercial, Virgílio Ernesto Arantes Mello (1935-1978), que foi o cinegrafista daquela missão. As fotografias dos frames dos filmes em Super 8, gravados naquela noite, foram anexadas aos ROVs citados, ficando conhecidas como "Série Virgílio".

Vejamos a descrição do ROV nº 88:

"O OVNI movimentava-se serpenteando (proa variável). Ao aproximar-se do clarão da cidade, procedeu a uma curva acentuada, rumando para o Norte. Apagou à distância de 3.000 metros, em frente ao ponto de observação (caixa d'água, 28m de altura)".

"Abaixo, a descrição do ROV nº 89:

O OVNI movimentava-se serpenteando, afastou-se do clarão da cidade (Belém), efetuando curva acentuada para o rumo NE, apagando à distância de 3.000m à frente dos observadores".

Não importam as circunstâncias fáticas que colocaram um civil como o cinegrafista responsável pelas filmagens em uma operação militar oficial, importa que, sua presença lá e a inclusão dos *frames* de Super 8 nos relatórios oficiais transformaram esses filmes em material oficial, afinal, a nenhum civil é dado o direito de produzir material audiovisual particular em uma operação militar oficial.

Portanto, os *frames* dos filmes Super 8, anexados aos *ROVs 88 e 89*, são a prova documental mais contundente de que os militares produziram filmes durante a Operação Prato, que foi a maior e mais importante operação militar brasileira, designada para investigar o fenômeno OVNI. Resta-nos questionar: Onde e sob posse de quem estes vídeos estão?

Os eventos testemunhados pelos agentes da Operação Prato e registrados nos ROVs auxiliam na desconstrução de mitos, como o da narrativa da histeria coletiva, que associam o fenômeno Chupa-Chupa à simplicidade da população e as lendas folclóricas que povoam o imaginário popular de comunidades pesqueiras e ribeirinhas da região Amazônica, pois como os dados oficiais nos mostram, as principais testemunhas deste fenômeno, em termos numéricos, foram os militares. OP

■ Figuras 1 e 2 da "Série Virgílio", que são fotografias de frames de Super 8, anexas ao ROV nº 89, referentes à vigília realizada no Rio Laranjeiras, em Belém, nas dependências da CIMATRO/VOLKSWAGEN, no dia 28/01/1978

Fonte: BR_D-FANBSB_ARX_0_0_0184_d0001de0001/Sistema de Informação do Arquivo Nacional.

■ Abertura do evento, contando com a presença de Arthur Gregório, que foi um dos responsáveis pela organização, e seu pai, Edison Boaventura Júnior

Fotos: xxxx

O 1º ENCONTRO UFOLÓGICO "ENIGMAS E MISTÉRIOS" FOI UM SUCESSO!

Equipe OVNI Pesquisa

No dia 20 de janeiro de 2024, durante o dia todo, ocorreu o 1º Encontro Ufológico Enigmas e Mistérios! Foi uma experiência incrível vivida por mais de 200 pessoas, que lotaram o auditório do Espaço Lyouman em São Paulo–SP.

O congresso foi comemorativo aos 28 anos de aniversário do Caso Varginha, sendo apresentado pelo ator e diretor Lauro Miguel que viajou da cidade de Cláudio–MG especialmente para participar do evento.

Nesse encontro sensacional, os presentes tiveram a oportunidade de ouvir especialistas renomados compartilhando as suas experiências e pesquisas sobre ufologia. Por meio de palestras e debates apaixonantes, mergulhamos no desconhecido e aprendemos mais sobre o Fenômeno OVNI no Brasil e no mundo.

"O evento foi muito bem organizado. Para vocês terem uma ideia, havia até itens de uso pessoal dentro do banheiro, personalizados com o logotipo do canal Enigmas e Mistérios. Tudo feito com muito carinho e cuidado. Tivemos acesso a uma parte do museu pessoal do Edison e pudemos comprar diversas edições da revista *OVNI Pesquisa* e de outras publicações sobre o tema. É claro que também tivemos acesso a alguns produtos da Loja Misteriosa, como camisetas e canecas, além de contar com palestras sobre vários casos ufológicos narrados pela nata da Ufologia Brasileira. Foi incrível!", afirmou Roberta Antonelli, uma das participantes do evento.

Paulo Baraky Werner, editor da revista *OVNI Pesquisa*, fez a primeira palestra e compartilhou suas pesquisas de campo e suas ideias sobre o fenômeno. Jamil Vila Nova trouxe relatos pessoais, mostrando como diferenciar fenômenos explicáveis de fenômenos relacionados propriamente aos OVNIs.

Edison Boaventura Júnior, coeditor da *OVNI Pesquisa*, trouxe dez casos brasileiros de quedas e explosões de OVNIs. A pesquisadora Encarnación Zapata Garcia evidenciou aspectos do Caso Guarapiranga e sua correlação com as mutilações de animais.

Finalmente, Vitório Pacaccini, pertencente ao Grupo dos Sete, que investigou o Caso Varginha em 1996, palestrou sobre sua história de vida, fornecendo, igualmente, detalhes do caso mineiro. Pacaccini esclareceu, ainda, como superou o assédio que sofreu durante os 28 anos que permaneceu sumido e contou o porquê de ter retornado ao cenário ufológico.

Um dos momentos áureos do evento se tratou de uma emocionante homenagem aos pesquisadores iniciais do Caso Varginha, com direito a entrega de placas de honra ao mérito. Foram homenageados: Vitório Pacaccini, Jamil Vila Nova, Edison Boaventura Júnior, Eduardo Mondini, Osvaldo Mondini e Cinthya Covo (representando seu pai, Claudeir Covo). Ubirajara Franco Rodrigues foi convidado, agradeceu o convite, porém não pôde comparecer ao encontro.

Houve o lançamento do livro *ETs de Varginha - Montando o quebra-cabeça!*, de Edison Boaventura Júnior e muito mais... Quem estava lá viveu essa experiência ufológica de alto nível. Não perca o próximo evento que já está sendo elaborado!

Enfim, o 1º Encontro Ufológico Enigmas e Mistérios terminou coroado de sucesso e foi uma oportunidade ímpar em que os entusiastas do assunto se conectaram, aprenderam um pouco mais sobre o tema e compartilharam diversos conhecimentos e fatos ufológicos, além de contarem as suas próprias histórias. OP

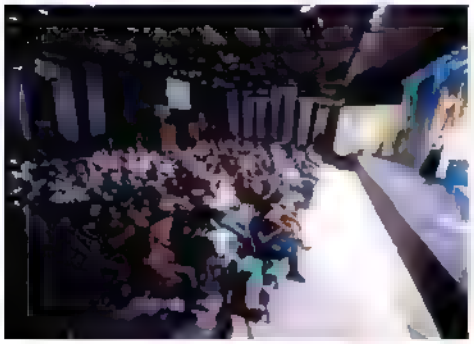
■ Venda de produtos exclusivos da Loja Misteriosa, à frente, Margareth Orlandi e sua equipe

■ Ator e diretor Lauro Miguel, que fez a condução do evento apresentando os palestrantes

■ Paulo Baraky Werner, Renato Azevedo e Valmir Freire, associado da revista *OVNI Pesquisa*

■ Momento culminante do evento, onde os integrantes do Grupo dos Sete receberam uma placa alusiva aos 28 anos do Caso Varginha. Chintya Covo, representando seu pai, Claudeir Covo (1950-2012)

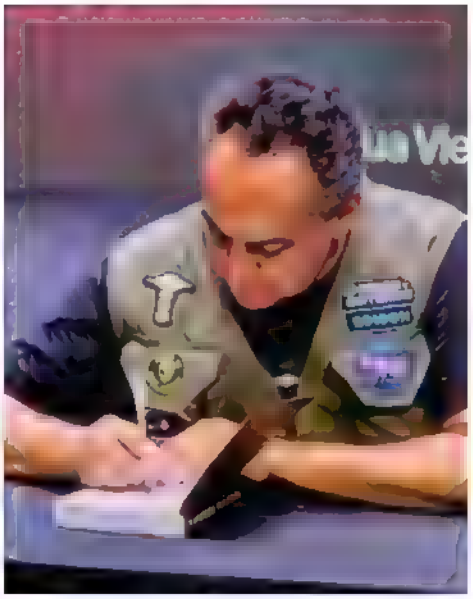
■ Raphael Fernandes com Edison Boaventura Junior. Incentivador do canal no princípio, dirigindo vários vídeos quando o canal chamava "Enigmas e Mistérios em 11 Minutos"



■ Acima, Paulo Baraky Werner, Edison Boaventura Júnior, Jamil Via Nova, Encarnación Zapata Garcia, Vitório Pacaccini e Lauro Miguel, elenco de palestrantes do evento respondendo perguntas do público

■ Ao lado, Centenas de pessoas lotaram o auditório em uma maratona de palestras que começou às 9h30 e terminou já por volta das 19h

■ Abaixo: Foto histórica do primeiro grande evento realizado pelo Canal Enigmas e Mistérios, com centenas de elogios do público presente



■ Maratona de autógrafos do autor do livro *ETs de Varginha, montando o quebra-cabeça*, Edison Boaventura Júnior. A primeira edição esgotou

AERONÁUTICA CONFIRMOU OFICIALMENTE A PRESENÇA DE OVNIs

Depoimentos em relatórios oficiais da FAB – Força Aérea Brasileira – e documentos da embaixada norte-americana no Brasil, sobre um caso de avistamento de OVNIs ocorrido em Canoas – RS, revelaram o interesse desses militares no insólito fenômeno OVNI!

Por Edison Boaventura Júnior
Coeditor OVNI Pesquisa
boaventura_gug@hotmail.com

Você sabia que a FAB – Força Aérea Brasileira – confirmou oficialmente OVNIs nos céus do Brasil? Mas não pense que estamos falando daquele caso brasileiro clássico conhecido como a noite oficial dos OVNIs, ocorrido em 19 de maio de 1986. Trata-se de outro caso bem mais antigo...

Décadas antes aconteceu esse fato, envolvendo a tripulação militar de um DC-47 da Aeronáutica e a tripulação de um avião do serviço aerofotogramétrico da empresa aérea Cruzeiro do Sul, sendo amplamente divulgado pelos meios de comunicação, em março de 1967.

Todavia, a relevância desse caso ocorrido precisamente no dia 18 de março de 1967 se encontra no fato de a imprensa obter da aeronáutica, de forma inédita, um documento oficial assinado pelos militares.

Como se desenrolaram os fatos? Primeiramente, a torre de controle da base entrou em contato com o avião Douglas da Cruzeiro de prefixo PP-CES, que retornava do Uruguai, e pediu ao comandante Bernardo Aizemberg que se aproximasse do OVNI e o identificasse.

O comandante atendeu ao pedido da torre, mas o estranho objeto voador acelerou em direção oposta da aeronave e em 25 minutos desapareceu. Na ocasião toda a imprensa escrita explorou o ocorrido de forma sensacionalista, publicando matérias de capa e noticiando que um avião teria sido perseguido por um disco voador até Porto Alegre.

Jornais como o *Diário de Notícias*, de Porto Alegre – RS, nas suas edições de 21 e 23 de março de 1967; *Diário de São Paulo*, nas suas edições de 23 e 24 de março de 1967; Jornal O *Dia*, na sua edição de 23 de março de 1967 e *Notícias Populares*, de 30 de março de 1967; dentre outros, trouxeram detalhes sobre o caso.

Também, por meio do boletim ufológico *SUPYSÁUA* nº 42, a partir da página nº 05, editado pelo GUG – Grupo Ufológico de Guarujá,

foram disponibilizados outros detalhes dessa inusitada história da Ufologia Militar brasileira.

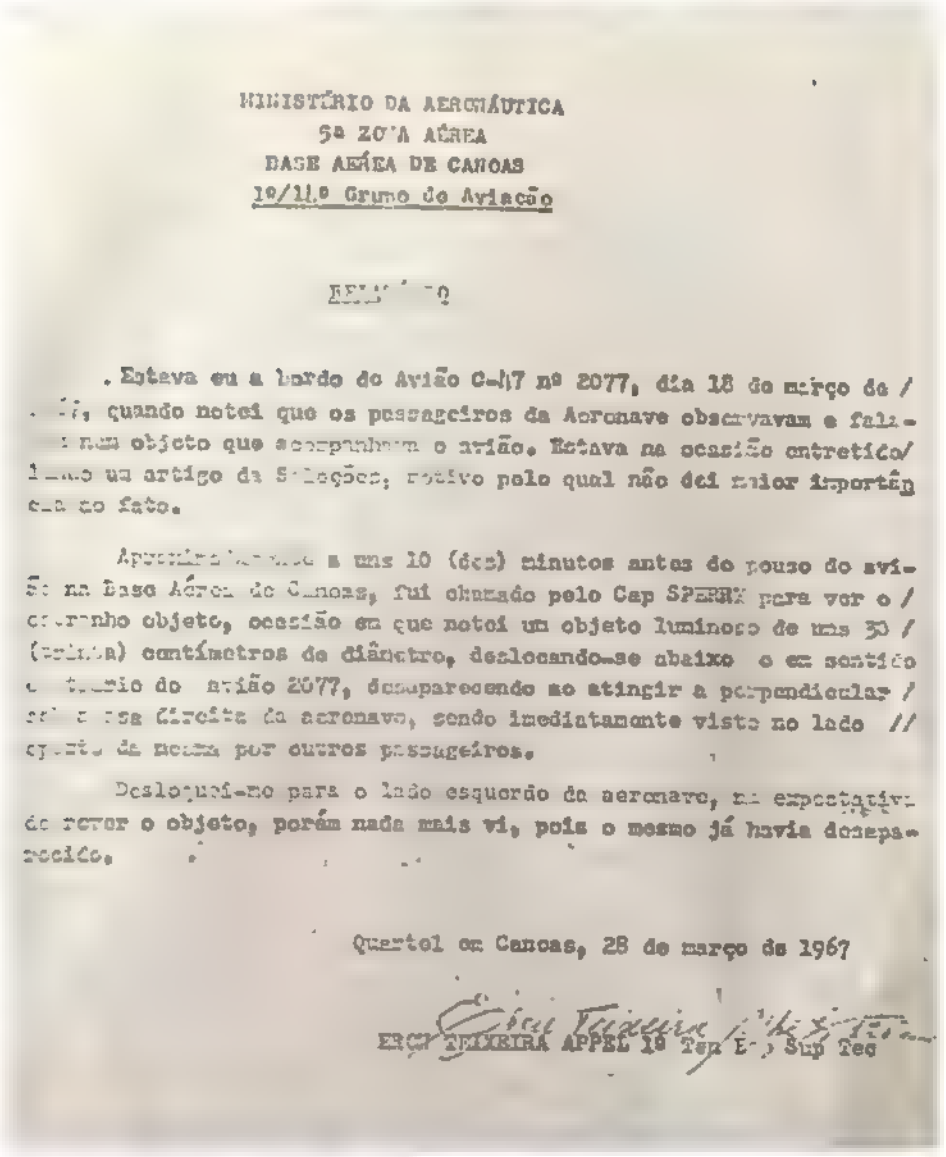
Os depoimentos militares foram colhidos em uma das salas da Base Aérea de Canoas e, por meio de um documento oficial formulado sobre aquele incidente, obtivemos, pela primeira vez, o reconhecimento do Ministério da Aeronáutica de que um fenômeno anômalo acompanhou os aviões, sendo testemunhado por militares, controladores da torre de controle e civis nos céus de algumas cidades do Rio Grande do Sul, nos dias 18, 19 e 20 de março daquele ano.

RELATÓRIO OFICIAL

Abaixo, transcrevo na íntegra o primeiro documento oficial devidamente assinado por autoridades militares, que foi fornecido aos jornalistas por determinação do comandante da Base Aérea de Canoas, coronel Zenith Borba dos Santos:

"Cerca de dez minutos após a decolagem que realizaram num avião Douglas C-47, prefixo 2077, do aeroporto de Florianópolis, com destino a Porto Alegre, o capitão Jaeckel, verificou que havia uma luz bastante intensa ao lado direito do aparelho. A luz se deslocava no rumo de Porto Alegre, o mesmo que seguia o aparelho militar, num nível pouco acima e numa velocidade equivalente a do avião. Até as proximidades de Torres, a luz se manteve na mesma posição, quando foi encoberta pelas nuvens. As condições atmosféricas, naquele momento, não eram muito propícias a observações visuais. Logo após, já nas proximidades da cidade de Taquara, onde as condições atmosféricas eram excelentes, com noite bastante clara e enluarada, a luz foi novamente avistada, desta vez, à frente e um pouco abaixo do avião. O capitão Jaeckel nesta ocasião chamou o Centro de Controle do Aeroporto Salgado Filho, para transmitir a posição do aparelho e indagar se havia algum outro avião voando naquele setor. O Controle informou negativamente e deu liberdade de ação para que o avião militar averiguasse o que havia. A partir de então, o capitão Puget passou a realizar manobras tentando a aproximação com o objeto luminoso. Toda a vez que o avião se dirigia em direção à luz, esta apagava e surgia em outra posição. Os capitães Puget e Jaeckel disseram, ainda, que a partir do momento em que foram feitas manobras de aproximação, ocorreram algumas mudanças na intensidade da luz. A luz que era intensa e azulada, aumentava e diminuía a luminosidade. Não sabem informar se essas mudanças na intensidade da luz se devia à aproximação e afastamento desta em relação ao avião ou se tal luminosidade diminuía e aumentava de forma natural. Foi então que surgiram nos dois aviadores a suspeita de que haviam dois objetos luminosos no espaço; tal a rapidez com que a luz desaparecia num ponto e surgia em outro. Verificando a inutilidade da perseguição, pois que o Douglas não conseguia se aproximar da luz, os capitães Puget e Jaeckel resolveram aproar para o Aeroporto de destino, na Base Aérea de Canoas. Foi nesta ocasião que as suspeitas de ambos foram confirmadas: avistaram duas luzes iguais, circulando sobre a cidade de Novo Hamburgo, apagando e acendendo alternadamente. Verificaram também que a luminosidade daqueles objetos era cada vez mais intensa. Antes que fosse realizado o pouso, as duas luzes surgiram próximas ao avião, do lado direito, sendo que uma mudou, nesta ocasião, a coloração da luz, passando de azulada para vermelho forte. A preocupação da manobra de aterragem fez com que os militares não prestassem muita atenção naqueles objetos. O capitão Puget ficou inteiramente absorvido na manobra para pousar, enquanto o capitão Jaeckel ainda viu uma última vez aquela luz, agora com a coloração avermelhada, que ficara situada sobre Canoas. A aterrissagem foi completada às 20:45 horas de sábado, dia 18 de março de 1967. Além dos dois pilotos, capitães Puget e Jaeckel, tripulavam o avião o mecânico de bordo, sargento Anacleto e o rádio-telegrafista, sargento Araújo. Como passageiros vinham mais cinco oficiais da Força Aérea Brasileira, e dez civis. É interessante frisar que os cinco oficiais que vinham como passageiros foram convidados a comparecer à cabina para que observassem o objeto luminoso. Todos constataram a luz que seguia o avião, sem, no entanto, saberem dar uma explicação do que se tratava. Enfim, todos os que estavam a bordo tiveram oportunidade de ver aquela luz e constatar o que se passava.

Porto Alegre, 22 de março de 1967
(Assinado)
Cap Alberto Espírito Santo Puget
(Assinado)
Cap Ronald Eduardo Jaeckel"



MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
5ª ZONA AÉREA
BASE AÉREA DE CANOAS
1º/11º Grupo de Aviação

RELATÓRIO

Estava eu a bordo do Avião C-47 nº 2077, dia 18 de março de / [illegible], quando notei que os passageiros da Aeronave observavam e fal[illegible] num objeto que acompanhava o avião. Estava na ocasião entretido/ lendo um artigo da Seleções, motivo pelo qual não dei maior importância ao fato.

Aproximadamente a uns 10 (dez) minutos antes do pouso do avião na Base Aérea de Canoas, fui chamado pelo Cap SPERRY para ver o / estranho objeto, ocasião em que notei um objeto luminoso de uns 30 / (trinta) centímetros de diâmetro, deslocando-se abaixo e em sentido contrário do avião 2077, desaparecendo ao atingir a perpendicular / [illegible] asa direita da aeronave, sendo imediatamente visto no lado // oposto da mesma por outros passageiros.

Deslocamo-me para o lado esquerdo da aeronave, na expectativa de rever o objeto, porém nada mais vi, pois o mesmo já havia desaparecido.

Quartel em Canoas, 28 de março de 1967

ERON TEIXEIRA APPEL 1º Ten [illegible] Sup Teg

■ Documento oficial do depoimento do militar Eron Teixeira Appel

O fato relatado acima causou surpresa e apreensão entre todos os passageiros daquele avião militar. Esta sensação só amenizou quando o avião pousou na pista da base. Mas os passageiros informaram que, ao pisarem em terra, verificaram que o estranho OVNI permanecia imóvel sobre a instalação militar.

"FUI CHAMADO PELO CAP. SPERRY..."

Nos dias seguintes, a 5ª zona aérea, com base nos dados que ficaram registrados na torre de controle do aeroporto Salgado Filho, instaurou um inquérito para receber os relatórios das testemunhas e apurar melhor os fatos.

Um desses depoimentos chegou ao meu conhecimento por volta dos anos 2000. Transcrevo abaixo este documento que foi elaborado dez dias depois da ocorrência e fornece mais informações:

"MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
5ª ZONA AÉREA
BASE AÉREA DE CANOAS
1º/14º GRUPO DE AVIAÇÃO

RELATÓRIO

Estava eu a bordo do Avião C-47 nº 2077, dia 18 de março de 1967, quando notei que os passageiros da aeronave observavam e falavam num objeto que acompanhava o avião. Estava na ocasião entretido lendo um artigo da Seleções, motivo pelo qual não dei maior importância ao fato. Aproximadamente a uns 10 (dez) minutos antes do pouso do avião na Base Aérea de Canoas, fui chamado pelo Cap. SPERRY para ver o estranho objeto, ocasião em que notei um objeto luminoso de uns 30 (trinta) centímetros de diâmetro, deslocando-se abaixo e em sentido contrário do avião 2077, desaparecendo ao atingir a perpendicular sob a asa direita da aeronave, sendo imediatamente visto no lado oposto da mesma por outros passageiros. Desloquei-me para o lado esquerdo da aeronave, na expectativa de rever o objeto, porém nada mais vi, pois o mesmo já havia desaparecido

Quartel em Canoas, 28 de março de 1967
(Assinado)
Eeron Teixeira Appel
1º Ten Esp Sup Tec"

Neste relatório militar foi citado o capitão de nome de guerra: SPERRY, que, ao averiguar, descobri que se tratava do copiloto da aeronave.

Curiosamente, nenhum dos dois relatórios foram disponibilizados no Arquivo Nacional, em Brasília – DF, após a desclassificação dos mesmos. Segundo me informou o brigadeiro José Carlos Pereira (1942-2020), há alguns anos atrás em Curitiba – PR durante um evento naquela capital paranaense, alguns casos envolvendo militares foram classificados como secretos e ultrassecretos e que, por este motivo, até os dias atuais não foram liberados, permanecendo assim ocultos do público e arquivados em área da inteligência da aeronáutica.

TENTATIVA DE PERSEGUIÇÃO

A torre de controle do aeroporto Salgado Filho tomou medidas especiais e solicitou ao comandante Aizemberg, do avião Cruzeiro do Sul para que perseguisse e identificasse o OVNI.

O comandante estava em companhia do comandante Ricardo Wagner, do piloto Costa Maia, do telegrafista Vicente Arno e do fotógrafo Francisco Urbano, no avião especializado e aparelhado para levantamentos aerofotogramétricos, que voltava de Montevidéu, no Uruguai. Após serem informados de que o estranho objeto estava na direção da cabeceira nº 28 do aeroporto Salgado Filho, sentido nordeste, a tripulação voou nesta direção e logo avistou a bola luminosa. O avião perseguiu a esfera luminosa por cerca de 15 minutos, mas não conseguiu se aproximar. O OVNI desapareceu e a aeronave retornou com sua tripulação atônita pela observação do objeto voador não identificado. O fotógrafo Francisco Urbano declarou que foi dificultoso obter algum registro fotográfico, pois, além da escuridão noturna, a tripulação não havia conseguido se aproximar do OVNI.

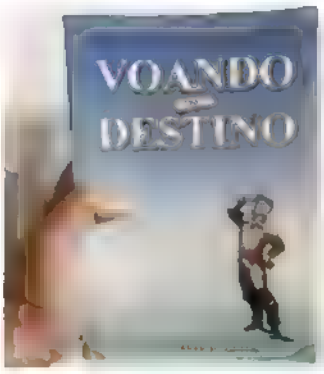
No aeroporto correu a notícia de que várias pessoas observaram o fenômeno e que, minutos antes daquela ocorrência em céus gaúchos, havia sido recebida uma mensagem de Montevidéu que indicava a aparição de um OVNI sobre o Aeroporto de Carrasco, na capital uruguaia.

FOIA LIBEROU DOCUMENTO

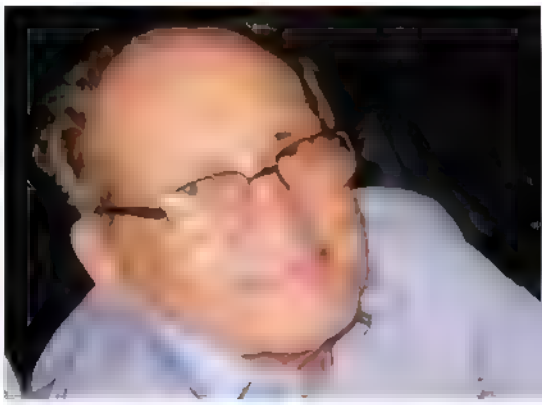
O FOIA - Freedom of Information Act (Lei da Liberdade de Informação), dos Estados Unidos, disponibilizou um documento do Department of Defense Intelligence Information Report que mencionava o caso de março de 1967. Este documento estava assinado pelo Brig. General de Defesa e Ataque norte-americano, Vernon A. Walters. O documento norte-americano comprova que os Estados Unidos registravam e repassavam para órgãos de pesquisa e inteligência todos os fatos relacionados ao Fenômeno OVNI ocorridos em território nacional.

No dia 16 de março de 1998 estive em Brasília – DF e recebi documentos que comprovavam este caso, das mãos do pesquisador Thiago Luiz Ticchetti. Anteriormente, ele me escreveu um e-mail que continha a seguinte informação: *"Sou filho de um ex-coronel da Aeronáutica que no final da carreira foi trabalhar no III COMAR, no Departamento A2, uma espécie de serviço de segurança da Aeronáutica no Rio de Janeiro, entre 1992 e 1993. Algumas vezes eu ia fazer companhia para meu pai no seu trabalho e ficava até o final do expediente, e nessa época eu já tinha um enorme gosto por Discos Voadores. Então certa vez pedi ao meu pai, por curiosidade, se ele poderia, se existisse, me deixar ver os documentos que o III COMAR tinha em relação aos OVNIS. E não é que tinham! E eram muitos documentos! Eu tentei tirar cópias, mas meu pai não deixou. Portanto a única saída foi copiar tudo à mão, o máximo que pude... eu vou relatar algo espetacular que aconteceu no dia 18 de março de 1967. São nada menos do que 9 avistamentos de um OVNI. Todos os relatos foram feitos por pilotos privados e da FAB... não tenho como provar que es-*

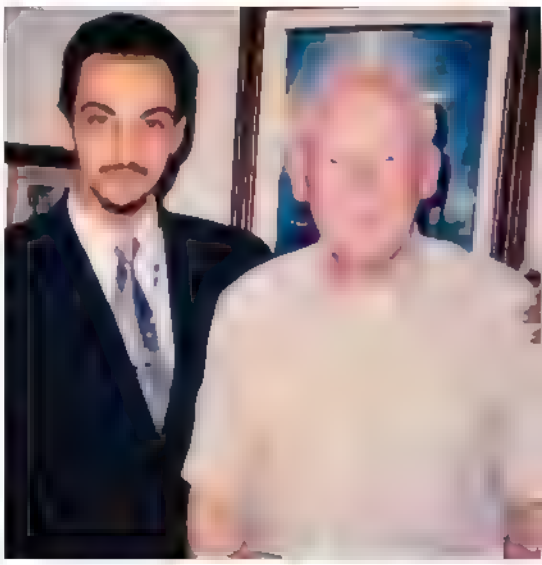
■ O piloto da FAB, Ronald Eduardo Jaeckel no princípio de sua carreira



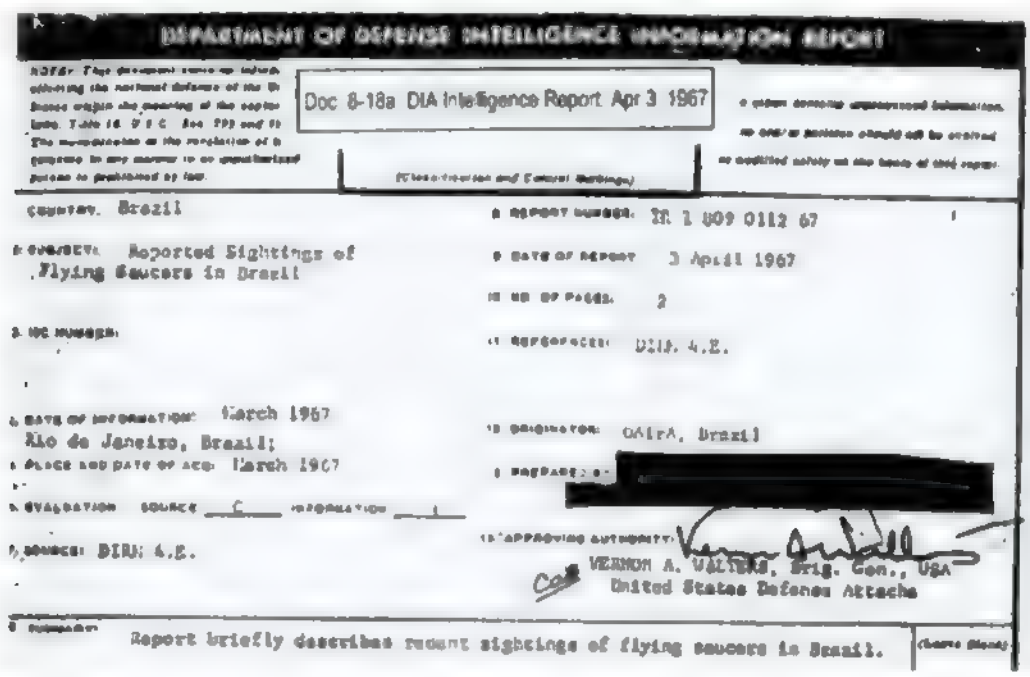
■ No final de sua carreira na Aeronáutica, finalizando como brigadeiro, Ronald Eduardo Jaeckel escreveu o livro *Voando com o Destino*, onde relatou suas experiências com OVNIs de forma resumida



■ Militar que presenciou os OVNIs no C-47, Eron Teixeira Appel



■ Edson Boaventura Jr e o brigadeiro Ronald Eduardo Jaeckel, durante seu depoimento em Brasília - DF



DEPARTMENT OF DEFENSE INTELLIGENCE INFORMATION REPORT

Doc 8-18a DIA Intelligence Report Apr 3 1967

COUNTRY: Brazil

SUBJECT: Reported Sightings of Flying Saucers in Brazil

REPORT NUMBER: IR 1 809 0112 67

DATE OF REPORT: 3 April 1967

NO. OF PAGES: 2

REFERENCES: DIRM 4.E.

DATE OF INFORMATION: March 1967
Rio de Janeiro, Brazil;

PLACE AND DATE OF ACQ: March 1967

EVALUATION: SOURCE C INFORMATION 1

SOURCE: DIRM 4.E.

ORIGINATOR: OAIRA, Brazil

PREPARED BY: [redacted]

APPROVING AUTHORITY: VERNON A. WALTERS, Brig. Gen., USA
United States Defense Attache

SUMMARY: Report briefly describes recent sightings of flying saucers in Brazil.

■ Detalhe do documento americano do DIA assinado por Vernon A. Walters, da Embaixada no Brasil em abril de 1967

ses relatos são verdadeiros. Somente a minha palavra como testemunha visual e principal".

Recebi na ocasião um dossiê das mãos do jovem pesquisador contendo os depoimentos de 1967 e dos casos ocorridos em outras épocas. Este compilado de casos confirmou os fatos ocorridos no sul do Brasil, demonstrando que algo excepcional realmente aconteceu ali.

Um dos casos transcritos e que me foram entregues, cita as cores do OVNI. Vejamos:

"Caso #3 – Hora: 19:15h – Dia: 18/03/67 – Uma luz seguia à direita do avião. Tinha uma luz avermelhada muito forte, que estava parada. O piloto pensou então se tratar de um planeta. Algum tempo depois, o piloto percebeu o entusiasmo dos passageiros e da tripulação que comentavam sobre o objeto. O piloto observou 2 objetos abaixo da aeronave. A direita um objeto era vermelho, seu diâmetro aumentava e dirigia raios luminosos para cima. O objeto da esquerda era menor e sua cor era verde e violeta"

Ao longo das minhas pesquisas ufológicas tive a oportunidade de conversar, pessoalmente e por telefone, com Jaeckel. E também com dois capitães que pilotavam o C-47 da FAB na época: Puget e Jaeckel.

Puget disse: *"Eu me concentrei na pilotagem... Estou convicto de que houve, no nosso caso, histeria coletiva... porque várias pessoas vieram à cabine... Eu vi luz, só luz intensa... O Jaeckel ficou com a fonia e eu decidi pilotar..."*

Atualmente reformado, o brigadeiro Ronald Eduardo Jaeckel seguiu carreira, sempre se especializando em defesa aérea, sendo comandante, no início dos anos 90, do Nucomdabra - Núcleo do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileira, em Brasília – DF. O Nucomdabra, que mudou de nome para Comdabra, atual Comae, é o órgão que centraliza o material mais consistente sobre o Fenômeno dos OVNIS. *"Fui eu que fiz força para levar tudo isso para o Comdabra. Institucionalizei uma ficha para as pessoas registrarem os casos. Foi em cima de uma diretriz que fizemos o questionário e divulgamos a todos os Comares"*, afirmou Jaeckel.

O brigadeiro, durante o telefonema, demonstrou seu ceticismo em relação ao assunto e comentou que na época deu entrevista por escrito para não haver distorções no fato acontecido em 1967. *"Na época saiu na revista* O Cruzeiro... *Não sou nenhum fanático. Tenho o pé muito atrás, nunca vi nada consistente... Nós vimos uma luz, no lusco fusco. Tinha nebulosidade... A própria variação do avião dificultava saber se a luz estava em cima ou embaixo... Como a noite todos os gatos são pardos... não teve nenhum significado...",* declarou Jaeckel lembrando-se do caso de 1967.

Em 2002 tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o brigadeiro Jaeckel em sua residência na cidade de Brasília – DF. Na ocasião ele me confirmou os fatos vivenciados por ele e pelos militares daquela época e ainda contou outros casos similares, informando que a Aeronáutica sempre pesquisou com seriedade o assunto. Frisou, ainda, que o Comdabra era o órgão competente para tratar desses casos ufológicos.

Todavia, no segundo semestre de 2019, conversei outra vez, por telefone, com Jaeckel e ganhei um livro autografado por ele. Em sua obra intitulada: *Voando com o Destino*, na página nº 254, ele cita de forma suave, poética e não detalhista, esse evento que marcou sua carreira. Transcrevo o trecho do livro a seguir: *"Em uma noite limpa e com lindas luzes nos acompanhando, voando sob um belíssimo manto de luzes cintilantes, nos sentimos alvos de uma especial homenagem e plenamente recompensada pelo bom desempenho naquela missão"*

Durante uma ligação telefônica no dia 14 de outubro de 2019, o brigadeiro Jaeckel disse o seguinte sobre o fato: *"Foi uma viagem bem acidentada e descrevo a mesma no meu livro. Sobre as luzes avistadas em Canoas, eu cito de forma poética no final da viagem, sem maiores detalhes. Na época, eu e o Puget entregamos um relatório assinado para a imprensa com os detalhes do caso para evitar que houvesse alguma distorção do fato"*

DÉCADAS DEPOIS VEIO A CONFIRMAÇÃO!

Nos dias 14 e 15 de janeiro de 2008, troquei algumas mensagens eletrônicas com o filho do major reformado Eron Teixeira Appel, um dos tripulantes do C-47, e obtive as

obscura
STUDIOS
www.obscura.art.br
contato@obscura.art.br

seguintes informações:

"Prezado Edison"

Procurei os relatórios oficiais de que dispunha (cópia dos originais entregues ao comando do V COMAR), mas não os encontrei, pois já há alguns anos deixei as pesquisas 'formais' de lado e, pelo que me recordo, doei todo material de que dispunha para bibliotecas (uma parte para Curitiba e outra para Porto Alegre). Conversei com meu pai a pouco e pedi-lhe um relato. Para minha surpresa ele tem o fato vívido na memória, mesmo transcorrido mais de 40 anos, pelo que repasso a você:

Declarante: Eron Teixeira Appel - Major RR - Força Aérea Brasileira

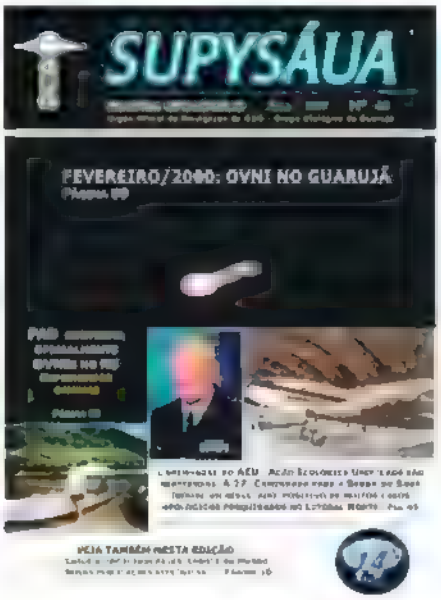
Patente a época do evento: Tenente Especialista em Suprimento Técnico.

Segundo informes de colegas que estavam a bordo do 2077, após decolar de Florianópolis com destino a Base Aérea de Canoas - BACO, no RS, o avião C-47 da FAB começou a ser seguido por OVNIs. Meu pai, a princípio, não deu maior importância ao fato, pois estava lendo um artigo 'muito interessante' na revista Seleções, embora toda agitação reinante em decorrência do avistamento.

Já próximo da Base Aérea de Canoas (BACO), por insistência dos colegas, ele resolveu verificar o que estava ocorrendo.

Da janela, avistou um objeto com cerca de 30 cm de diâmetro aparente, pequeno, mas bem visível, com o formato discoide - tipo dois pires sobrepostos, numa cor bronze (ou âmbar), que não lhe pareceu ser tripulado, e sim uma sonda teleguiada, haja vista que o tipo e a alta velocidade das manobras, bem como a estabilidade/controle de vôo atingido pelo objeto, o fizeram crer não ser um artefato de tecnologia humana.

Ressalta que o avião estava mais alto que o OVNI e este manobrava de um lado para o outro, por baixo da aeronave, como que 'brincando'.



■ Capa do Boletim *Supysáua* nº 42, que publicou parte desta história (Reprodução)

Relata ainda que algumas testemunhas, inclusive os pilotos, verificaram a existência de dois OVNIs, e ambos manobravam da mesma forma. Por vezes, quando um sumia, outro aparecia e eventualmente ambos apareciam, porém isso não foi verificado pelo meu pai.

A torre de controle da BACO, avisada pelos pilotos, confirmou existência visual dos OVNIs.

Pouco antes do pouso, os OVNIs teriam se afastado em velocidade vertiginosa, segundo informaram colegas. Meu pai já não mais assistia ao OVNI na ocasião do pouso, voltara a ler o artigo da revista Seleções...

Esse voo saiu do Rio de Janeiro e fez escala em Florianópolis.

Eu, Eron Teixeira Appel Júnior, filho do declarante, colhi na data abaixo este depoimento de Eron Teixeira Appel, o qual transcrevo, atestando ser este a mais fiel versão dos fatos que me foram narrados.

Canoas, 14 de janeiro de 2008"

OVNIs apareceram na região nos dias seguintes!

No dia 19 de março de 1967, por volta das 20h30, cerca de 20 testemunhas observaram um OVNI redondo e luminoso, de cor avermelhada, deslocando-se rapidamente no sentido sul a norte, numa localidade a 20 quilômetros de Pelotas – RS. O avistamento foi presenciado inicialmente pelas esposas de veranistas hospedadas no antigo Hotel Costinha, em Cascata - RS. Dentre os observadores estavam Paulo Araújo, José Júlio Pereira da Silva e o tenente Mireno Kaster, todos moradores de Pelotas, além do doutor Mariante Lopes, este último morador de Rio Grande. Por cerca de meia hora o OVNI evoluiu nos céus mudando de uma cor avermelhada para a cor de uma estrela mais esbranquiçada. Depois de subir a grande altitude, o OVNI mudou a direção e seguiu para o leste, desaparecendo.

Outra ocorrência aconteceu na cidade de Gravataí – RS, no dia seguinte, ou seja, no dia 20 de março de 1967. Eram por volta das 20h, quando o casal Oliveira observou uma bola de fogo alaranjada que passou baixo, quase raspando o telhado de sua residência. O OVNI emitia um zumbido semelhante a um enxame de abelhas e tinha o tamanho de um automóvel Ford Galaxie. Depois de 10 minutos o objeto voador ganhou altura e sumiu rumo ao espaço.

Em uma das mensagens recebidas por mim, o filho do militar reformado, Eron Teixeira Appel Júnior, relatou ainda um fato digno de nota... Disse que aquele vôo quase sofreu um acidente gravíssimo, pois ao decolar do Rio de Janeiro, o avião que estava com muita carga quase se chocou contra o morro em frente à pista (no "Calabouço" no Rio de Janeiro), pois teve de ser arremetido durante a decolagem por não atingir sustentação de voo. A aeronave, para não cair ao mar, teve que decolar imediatamente após a arremetida, restando pouca pista...

"Segundo as palavras do meu pai, o avião foi acelerado ao máximo e subiu quase na vertical e em paralelo ao morro em questão, escapando por fração de segundos de um acidente gravíssimo, dada a situação", escreveu Eron.

Eron lembrou ainda outro detalhe: "Outro fato, que não tem a ver com este relato, é que cerca de 9 anos depois, quando meu pai foi fazer a EAO – 'Escola para Oficiais Superiores' (quando o oficial passa para Major), havia necessidade de apresentação de uma palestra e meu pai, um pouco por influência minha, a época, apresentou o tema: OVNIS ou UFOS. O comandante do voo 2077 – na época Capitão - hoje Brigadeiro Jaeckel (talvez RR - reserva remunerada?), ao saber do tema que seria abordado pelo meu pai, enviou-lhe uma declaração sobre o seu avistamento, a qual também possuía cópia, mas que infelizmente não está mais comigo, talvez numa das bibliotecas já citadas. A palestra atingiu seu objetivo (conseguir pontos para aprovação no curso), embora alguns colegas olhassem com desdém para o tema, outros, após a palestra, procuraram meu pai pensando que era um estudioso/interessado pelo assunto, o que não é bem verdade. Para ele (meu pai), o fenômeno existe, porém não lhe chama tanta a atenção e por isso não lhe dedica tempo".

Considerando o que foi apresentado neste artigo, hoje tenho plena convicção de que esse caso foi e é de suma importância para a Ufologia mundial, pois foi a primeira vez que a FAB reconheceu o fenômeno OVNI, liberando um documento oficial à imprensa e com citação em documento do DIA norte-americano! Com o passar dos anos, muitos outros documentos foram liberados, mostrando que a aeronáutica sempre pesquisou o assunto. Infelizmente, parte da documentação e muitos outros relatórios e dossiês importantes permanecem acobertados da sociedade e dos ufólogos. OP

Fenômeno OVNI presente no Carnaval de 2024

Por Paulo Baraky Werner - Em 1955, o indigenista Américo Peret visitou uma tribo Caiapó às margens do Rio Fresco, no Pará. Uma cerimônia singular, onde um indígena dançava freneticamente cercado pelos seus pares. Ele usava uma vestimenta feita de palha, que mais parecia um traje espacial. (Ver edição *OVNI Pesquisa* N.º 13, pg 34)

A cerimônia celebrava a chegada de Bep Kororoti. Um ser que veio dos céus e trouxe o conhecimento para a tribo. Ele viveu um período entre os Caiapós, teve dois filhos e depois de um tempo, voltou para o "espaço"

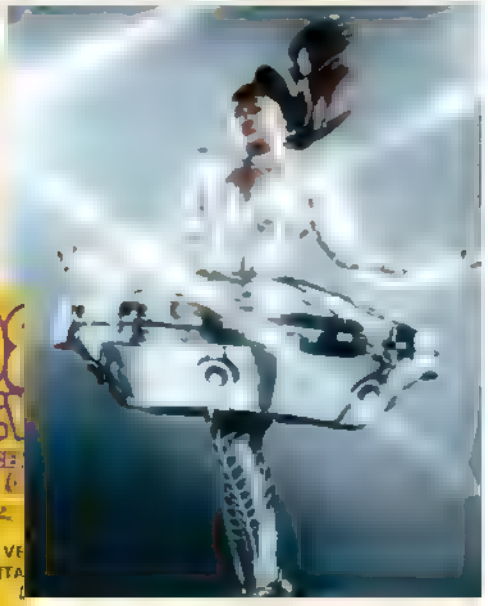
Após séculos, o fenômeno OVNI ainda é inspiração para lendas e tradições, em várias partes do mundo. Aqui no Brasil, podemos ver essa influência de forma direta em algumas representações do nosso rico folclore o saci, a mula-sem-cabeça e o Boitatá Seriam fenômenos luminosos e seres fantásticos, que em um passado remoto, não eram vistos como "alienígenas", mas sim, seres sobrenaturais, espíritos da natureza ou até mesmo, divindades.

Mariana, a primeira capital do Estado de Minas Gerais, rica por suas igrejas do século XVIII, e sua arquitetura barroca colonial, é povoada por lendas antigas, que excitam o imaginário da população e dos moradores das áreas rurais. Na cidade, foi criada a Associação de Caçadores de Assombrações de Mariana (ACAM) À frente, o editor do Jornal *O Espeto*, Leandro Henrique dos Santos, que elenca as principais lendas homenageadas no Carnaval deste ano. "Podemos destacar o Capitão Jack, Maria Sabão, a Procissão das Almas, Noiva de Furquim e por fim, o Caboclo d'água e a Mãe do Ouro, que podem ter ligação direta com o fenômeno OVNI A Mãe do Ouro são bolas de luz que percorrem as serras e o Caboclo d'agua, um ser avistado próximo aos rios, pode ser uma entidade alienígena." Finaliza Leandro, editor do Jornal *O Espeto*.

No Pará, o carnaval deste ano também foi cenário para uma representação ufológica. A cantora Gaby Amarantos fez alusão à Operação Prato, ocorrida no final do ano de 1977, em suas redes sociais, com grande sucesso.

Gaby mostrou sua fantasia inspirada em uma "nave mãe". Segundo ela, foram usados mais de 20 mil cristais, colados um a um.

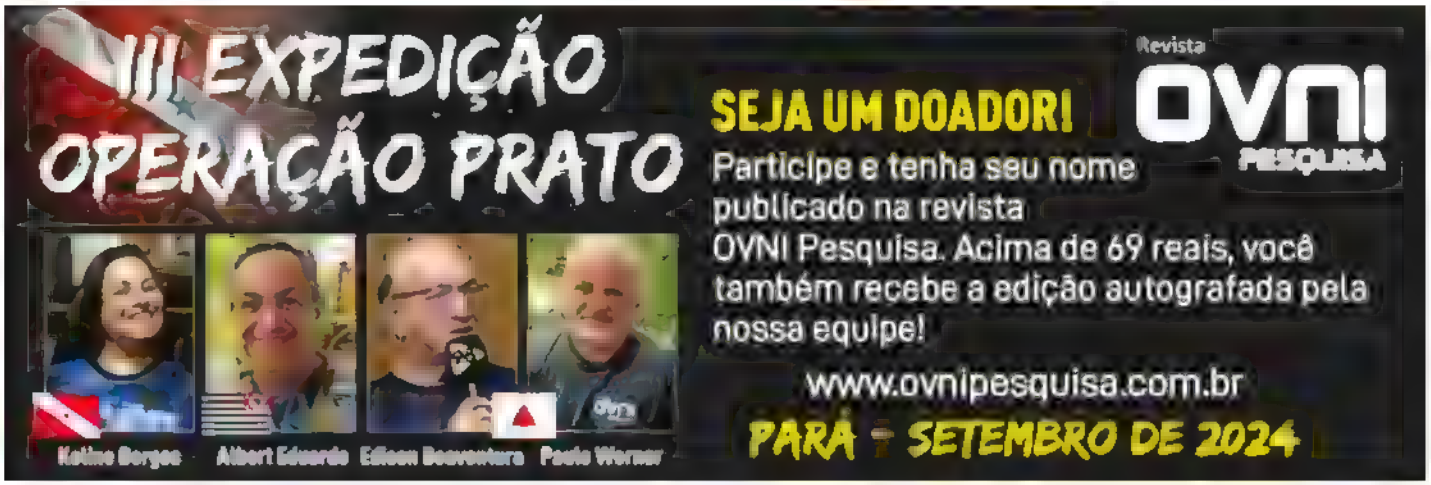
O fenômeno OVNI como representação cultural é mais uma evidência de como a observação de fenômenos anômalos pode criar mitos, lendas e um variado folclore.



■ Acima: Gaby Amarantos divulga em suas redes sociais um resumo do que foi a "Operação Prato" Abaixo, em look "Nave Mãe" para Festa da Vogue.

Ao lado, recorte de uma das artes produzidas pelo artista marianense Camaleão, que mostra a "Mãe do Ouro" O carnaval de Mariana, MG pela primeira vez homenageando suas lendas

(Imagens: Reprodução - André Martins)



O INÍCIO DA UFOLOGIA CIENTÍFICA NO BRASIL

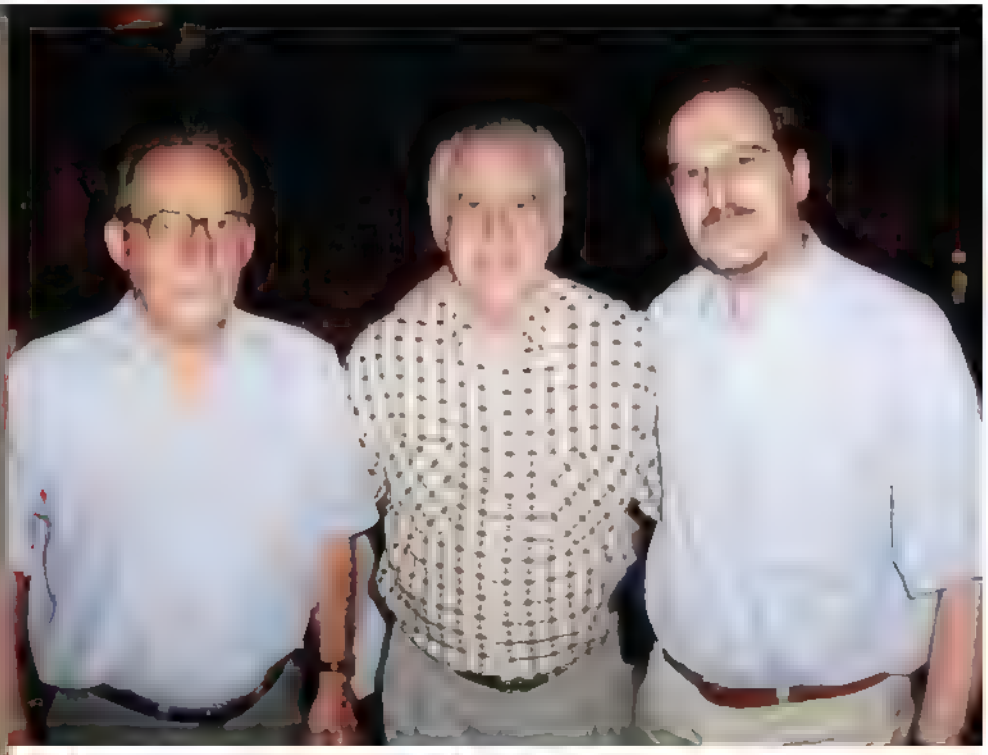
AUTOR

Pablo Villarrubia Mauso

Escritor, pesquisador, apresentador do Canal MISTERIOS e Consultor *OVNI Pesquisa* na Espanha

pablomauso@yahoo.es

O jurista Heros de Campos Jardim foi o pioneiro, no Brasil, das primeiras emissões radiofônicas sobre os então chamados "Discos Voadores". Também foi um dos fundadores de um dos primeiros e mais veteranos grupos ufológicos do país, o mítico CICOANI (Centro de Investigação Civil dos Objetos Aéreos Não Identificados), que criou junto com o professor Húlvio Brant Aleixo em Belo Horizonte -MG, em 1954



Adirson Latin, Heros Jardim do CICOANI e Pablo Villarrubia Mauso em entrevista exclusiva no ano de 2018

O doutor Heros nasceu em 1928 e, desde a mais tenra idade, a pupila de seus olhos se dilatava à noite para poder vislumbrar, mesmo sem telescópio, os "Mistérios do Firmamento", título que aplicara a seu programa de rádio, a partir de 1953, na Rádio Mineira, quando já tinha 26 anos. Durante quase dez anos atuou como locutor na capital mineira. O jovem Heros introduziu, naquele espaço - também pioneiro na divulgação da Astronomia - uma verdadeira "heresia" para os cientistas de ontem e ainda de hoje: notícias e comentários sobre os misteriosos "discos voadores", com a colaboração do professor Alexo.

Hero Eduardo (locutor, pseudônimo de Heros de Campos Jardim, em 1954): "No ar, *Os mistérios do Firmamento*, o programa que aborda um tema jamais explorado no rádio: o firmamento, suas maravilhas, em 15 minutos de emoção. *Os Mistérios do Firmamento*, uma produção de Heros Eduardo, com a colaboração de John Seixas, para os que apreciam Astronomia, conta com a participação de Bernardo Grimberg, Newton de Oliveira, Cilly Gabrielsen, Jesus Condé... Cometas e aerólitos, massas gasosas e graníticas que caminham vertiginosa e ameaçadoramente pelos espaços, ainda hoje constituirão o ponto de estudo do professor Dayle, o mestre da ciência astronômica, em lições repassadas com simplicidade e interesse, para os que apreciam os encantos siderais. Ao microfone, o professor Dayle...".

Assim iniciava o histórico programa radiofônico. Acudimos ao apartamento deste renomado jurista em pleno coração de Belo Horizonte. Entre antigas fotos, recortes de jornais e laudas amareladas dos seus primeiros roteiros de rádio, o doutor Heros nos contou detalhes de sua vida e incursões na Ufologia e Astronomia.

"O problema ufológico, até hoje, é insolúvel. Acho que não depende de nós, seres humanos, resolver este enigma: depende deles. Mas, quem são eles? De onde procedem? Desde jovem me interessei pelo firmamento e pela vida no Universo. As cidades absorveram a possibilidade das pessoas de encarar o espaço infinito. Hoje já não olhamos para cima, olhamos para nossos telefones celulares, para baixo" - opina nosso entrevistado.

— Como foram seus inícios no rádio em Minas Gerais?

— Com treze anos, em 1941, ganhei um concurso de locutor esportivo infantil. Gostava muito de futebol e fui contratado como locutor esportivo na Rádio Mineira, a partir de 1946. Fiquei três anos irradiando futebol. As pessoas se surpreenderam, pois eu levava "no chinelo" muito locutor famoso da época (risos). No princípio dos anos 1950 me formei em direito, fui juiz do trabalho, depois juiz de direito e promotor de justiça. Minha paixão pelas coisas do céu me fez criar *Os Mistérios do Firmamento*, que era um programa sobre Astronomia. Naquela época era difícil encontrar uma emissora que fizesse um programa dessa natureza, mas consegui convencer os diretores. Tinha boa voz e introduzia elementos de divulgação amenos para os ouvintes.

— Eu diria que até hoje sua voz é invejável... Como era o programa?

— O prefixo musical era a *Cavalgada das Valquírias*. O Fernando Marinho era o diretor artístico da rádio Mineira e foi ele quem me contratou. Eram 15 minutos de "soberbas emoções", uma produção de Hero Eduardo, meu pseudônimo, em colaboração com outras pessoas. Naquela época muitos programas eram educativos e eu explicava como era o planeta Marte, as fases da Lua, a possibilidade de vida fora da Terra, por exemplo. Mais tarde, o Fernando Marinho fundou a TV Itacolomi. Disse-me para levar os *Mistérios do Firmamento* para a TV, mas só narrando, eu não aparecia na tela. Eram projeções de imagens fixas, de fotos astronômicas. Na escola de Astronomia havia uma senhora que fotografava

os astros para mim. Ficou no ar só três meses.

— O senhor também criou um grupo pioneiro na Astronomia mineira. Como isso aconteceu?

— Fui um dos fundadores do Centro de Estudos Astronômicos de Minas Gerais, o CEAMIG, que ainda existe. Surgiu a partir da dona Zininha, ou Maria da Conceição de Carvalho Lanna Wykrota. Ela sempre fora uma apaixonada pelos encantos e mistérios do firmamento. Era professora e ouvia o programa *Os Mistérios do Firmamento*. Ela conversou comigo e decidimos reunir um grupo de pessoas para fundar o CEAMIG César Lattes de Minas Gerais. Esse cientista estava em evidência naquela época, pois pesquisava a radicação cósmica. Chegamos a convidá-lo a vir a Belo Horizonte, mas ele não respondeu e tramos o nome dele do grupo. Um dia, apareceu um jovem de 14 anos que fabricava telescópios e logo se associou ao grupo. Ele era seguidor assíduo do programa, e nos contou que, em uma ocasião, estava com muito sono e pediu à mãe para acordá-lo quando o programa começasse. Porém, a progenitora se esqueceu e ele chorou muito. Mais tarde ele teve um programa na Rádio Inconfidência, durante quase um ano, com o mesmo nome que o meu e entrevistava astrônomos e cientistas. Aquele rapazinho se chamava Bernardo Riedel e seria um grande astrônomo, professor na escola de engenharia de Astronomia da Universidade Federal de Minas Gerais. Eu fique até 1955 no CEAMIG. Mais tarde eles criaram um observatório na Serra da Piedade.

— O senhor fazia observações astronômicas naquela época?

— Nós fazíamos observações na Praça Cairo, no Bairro Santo Antônio, escura completamente em 1954, e na BR-3, BH-RJ. Usávamos pequenos telescópios de membros do grupo.

— Como foi a sua iniciativa de falar sobre Ufologia em 1954, quando ainda o assunto era muito incipiente?

— Já no "Os mistérios do Firmamento" eu oferecia notícias sobre discos voadores na nossa região, pois, naquela época, havia mais avistamentos que hoje. Eu pensei: há uma correlação entre Astronomia e discos voadores. Então comecei a dividir o programa. A primeira parte era de Astronomia e a segunda sobre Ufologia. Mas os astrônomos não gostam do tema, com exceções, mas nenhum deles se queixou. Então eu conheci o professor Húlvio Brant Aleixo. Nós tínhamos um amigo em comum que nos apresentou. Vivíamos no mesmo bairro. O programa de rádio contribuiu para a formação do CICOANI, o Centro de Investigação Civil dos Objetos Aéreos Não Identificados, porém, o Húlvio já tinha a ideia de criação do mesmo, bem antes do programa. Então fundamos o CICOANI em 1954, quando o programa já estava no ar há um ano.

- O senhor também fez radionovelas de ficção científica na rádio Mineira...

— Sim, em 1954 escrevi os roteiros e fiz a locução de As aventuras interplanetárias de Dick Rogers, um nome parecido ao de Buck Rogers. Os personagens chegaram ao planeta Marte e durou quinze episódios, quatro meses. Eu estava claramente influenciado pelo Flash Gordon e o Buck Rogers. O programa ia de 17 a 17h30 três vezes por semana, segunda, quinta e sexta-feira.

— Por que o senhor decidiu abandonar o rádio?

— Porque já não dava para viver daquilo e estava a ponto de casar... Além disso, começaria a trabalhar na justiça. Mas eu gostava muito desse meio de comunicação. Lá conheci o Mazzaropi quando ele veio trabalhar na rádio, durante uma temporada, e se tornou amigo nosso. Também conheci a Hebe Camargo. Mas mudei de emissora e fiquei três anos na rádio Itatiaia como locutor esportivo, porém retornei para a Rádio Mineira, onde me chamavam "locutor, enciclopédia". Domingo pela manhã apresentava programas de música, à tarde radiava futebol e no final do dia fazia "Uma noite na ópera". Fiz também um programa educativo sobre a cultura em cada estado brasileiro, o "Através do Brasil". Informava-me por meio de livros, pois, logicamente, não existia Internet naquela época...

> **Acho que não depende de nós, seres humanos, resolver este enigma: depende deles**
>
> Heros de Campos Jardim

Humanoides em Conceição de Mato Dentro

— O senhor já viu um OVNI?

— O que vou contar aconteceu a princípios dos anos 1970. Eu morava na rua Desembargador Drummond, e às 21h30, eu chegava da casa da minha sogra, de carro, com minha esposa. Quando fui guardar o veículo na garagem, olho para cima e vejo uma bola luminosa, silenciosa; veio se aproximando desde 200 ou 300 metros de distância. Desci do carro e disse à minha esposa: "Amazilis, olha!". Ela logo se dividiu em duas; uma delas foi em direção à Pampulha e a outra em direção à Serra do Curral. Tudo isso em total silêncio. Eu já era juiz e telefonei para o Húlvio Brant Aleixo. Ele me disse que na Argentina tinha acontecido um caso parecido.

— O senhor me contou, antes de gravar esta entrevista, que houve um caso importante com humanoides na fazenda da sua mãe e que nunca contou a nenhum meio de comunicação. Como foi este caso?

— Em 1955 a minha mãe tinha uma lavra de pedras coradas na região nordeste de Minas Gerais, em Conceição de Mato Dentro, e ela dormia lá, na sede da fazenda. Ocasionalmente eu ia passear na região. Um dia, pela manhã, apareceu na casa um dos empregados, o "Mané Véio", e a esposa, que já tinham certa idade. Ele então disse à minha mãe: "Sá Neninha, os hóme da Lua tiveram lá no morro ontem!". Minha mãe ficou intrigada... a casinha do "Mané véio" ficava a 150 metros da sede principal da fazenda. E ele continuou: "eu fui verter água (urinar) lá fora, à meia-noite, mais ou menos, e quando olho para cima do morro tinha uma bola de luz e três homenzinhos pequeninos cavando o chão. Eu chamei minha esposa para ver aqueles "hóme da lua". Ficaram lá quase meia hora, com aquela bola parada ao lado e eles cavucando no chão com alguma coisa na mão. Depois eles entraram na bola e foram embora", narrou o ancião.

"Aquelas pessoas não tinham rádio, nem existia televisão naquela época, era gente muito humilde, pura. Não existia energia elétrica na fazenda" – recorda ainda emocionado, Heros de Campos.

O jovem foi à fazenda da mãe quinze dias depois do fato, falou com as testemunhas e subiu até o topo do morro para verificar se havia algum vestígio da presença daqueles seres. Heros não encontrou nenhuma marca no solo, talvez pelo fato de haver chovido bastante, dias antes.

— O curioso é que nossa lavra tinha material radioativo; tanto assim que o professor Djalma Guimarães, um grande cientista de Belo Horizonte, disse que o teor da radiatividade da lavra da minha mãe era dos maiores do mundo. Os geólogos tinham descoberto berilo, águas-marinhas, mas ela abandonou a "Lavra das Posses" por essas dificuldades técnicas: era necessário maquinaria muito cara e avançada para realizar as extrações - pondera o jurista.

Um briga espacial, e contatos imediatos em Belo Horizonte

A amizade do doutor Heros com o professor Húlvio Brant Aleixo durou até a morte deste último.

— Eu o convidei para colaborar, em 1954, no meu programa e, desde então, fomos amigos próximos. Após fundarmos o CICOANI saíamos, aos sábados, rumo à Serra do Cipó. O Húlvio tinha uma Kombi. Geralmente viajávamos com o nosso secretário, o Manuel, pessoa muito inteligente. Durante as entrevistas com as pessoas na roça, o Húlvio perguntava tudo à testemunha: idade, sexo, estado civil,

número de filhos, etc., e logo fazia observações de cunho psicológico nas suas anotações. Ele era muito rigoroso – recorda.

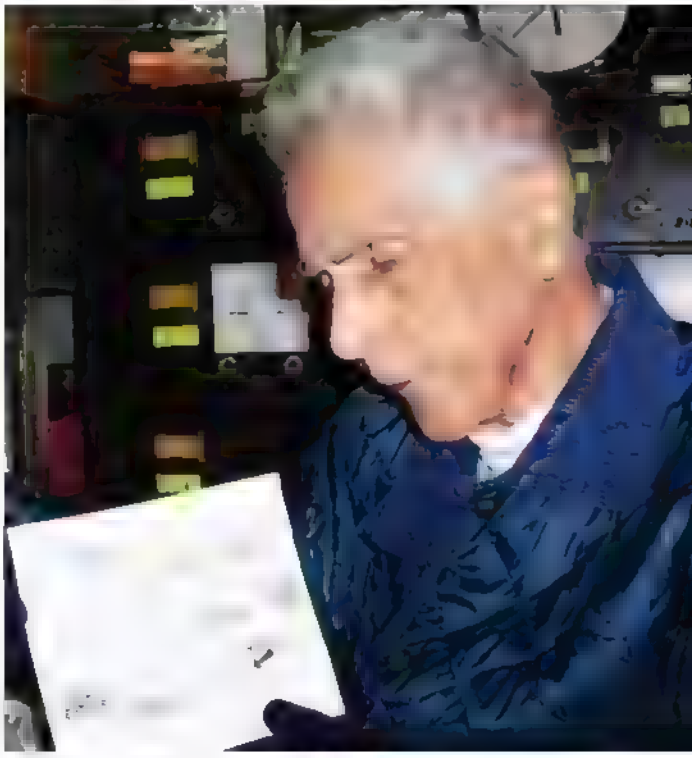
Um dos casos clássicos investigado pelos dois amigos, além do ufólogo Alberto Francisco do Carmo, foi dos ciclopes do bairro da Sagrada Família, em Belo Horizonte, no dia 28 de agosto de 1963, também pesquisado pelo autor destas linhas junto ao historiador Cláudio Suenaga.

— Falamos com os meninos e com os familiares: não parecia que eles mentissem e mantiveram a versão dos fatos toda a vida. Este é um dos casos mais estranhos e intrigantes da Ufologia mundial e aparece em muitos livros.

No dia 14 de setembro de 1967, por volta das 10h50 da manhã, o jovem Fábio José Diniz, de 16 anos, vivenciou algo que jamais esqueceria sobre o campo de futebol defronte ao hospital da Baleia, em Belo Horizonte. No meio do campo notou um objeto, pousado, em forma de cogumelo. Das bordas da nave saiu uma espécie de tubo transparente do qual surgiram dois seres a menos de cinco metros de distância. Mentalmente, Fábio ouviu algo parecido a: "Não corra! Volte!" em perfeito português. Logo depois um deles lhe disse: "Compareça aqui, amanhã, neste mesmo horário, do contrário levaremos a sua família". Um dos seres portava uma espécie de arma no braço direito. Ambos voltaram ao interior da nave pelo mesmo cilindro transparente enquanto o jovem aterrorizado viu o objeto decolar e desaparecer no infinito.

Os humanoides mediam, aproximadamente, dois metros de altura e eram de compleição robusta. Estavam vestidos com uma roupa justa, de cor verde, semelhante à dos mergulhadores. Tinham quatro dedos em cada mão e sobre a cabeça apresentavam uma espécie de antena. A nave era como uma calota esférica de cerca de 20 metros de diâmetro rodeada de janelas parecidas a vigias.

— Fomos até a casa do rapaz, também no bairro Santa Ifigênia, e ele se encontrava totalmente transtornado. O Húlvio levou o Fábio até o delegado David Hazan, na Afonso Pena, com o Bernardo Monteiro, no Primeiro Distrito Policial, e o jovem lhe contou a história. O delegado disse: "pode ir lá no horário combinado e nós te daremos proteção". Húlvio levou o Fábio para a casa dele, para acalmá-lo, pois estava muito nervoso e começou a chorar. No dia seguinte, às 9 horas da manhã, o Húlvio, Alberto Francisco do Carmo e outra pessoa foram buscar o jovem na casa dele, de carro. Quando chegaram viram que lá estavam cinco soldados armados, meio escondidos no mato. O Fábio não queria se aproximar do meio do campo, mas eles o convenceram. Mas o tempo passou e não houve nenhum sinal da volta daqueles seres gigantes... Então o Fábio ficou mais calmo. Ele entrou no meu carro e o levamos para casa. Mais tarde soubemos que ele tinha entrado na Marinha e não tivemos mais contato– recapitula Heros Jardim.



Húlvio Brant Aleixo em seu escritório com milhares de arquivos acumulados durante quase meio século de pesquisas

Outro caso com a participação direta do doutor Heros Jardim foi o de Hermelindo acontecido no dia 9 de setembro de 1976, na região da Serra do Cipó, conhecida pela sua rica casuística ufológica. Voltando, de madrugada, para sua casa rural, viu uma forte luz e começou a correr. Algo bateu no seu ombro e rolou no chão com muita dor. Logo viu descerem da escuridão quatro cabos, cada um com um gancho no extremo; por um deles desceu um ser de cerca de 1,30 metro de altura ao seu lado, que tentou agarrá-lo. Notou que a roupa da entidade era escorregadia. Mesmo assim conseguiu abraçá-lo com força, mas o ser se desvencilhou do camponês, que novamente caiu ao chão. Em seguida, o pequeno humanoide colocou um dos ganchos com o cabo em um dos pés de Hermelindo que foi erguido até cerca de três metros de altura e logo caiu sobre uma touceira. Tanto o ser como o objeto luminoso desapareceram.

— A roupa do Hermelindo foi parar nos Estados Unidos ou Japão, não lembro exatamente. Parece que queriam saber se e estava impregnada de radiação. Voltei, muitos anos depois, para vê-lo. Ele ficou paraplégico, perdeu a memória. O Hermelindo faleceu, talvez, em 2004 - diz o jurista com pena.

Nos anos 1990 visitou, sempre com o professor Aleixo e também com o pesquisador Adirson Latini a cidadezinha de Matheus Leme, para investigar um caso de ataque de chupa-cabras.

— As galinhas de um sítio amanheceram mortas e o Húlvio foi avisado. Não houve nenhum ruído: da casa do camponês, até o galinheiro, havia poucos passos de distância. As galinhas foram degoladas, sem barulho. Não vimos as aves, pois havia passado algum tempo. Mas aquela testemunha tinha se deparado com uma criatura estranha: um misto de macaco com homem – diz com assombro.

Heros Jardim conheceu o célebre astrônomo e ufólogo estadunidense J. Allen Hynek durante uma visita a Belo Horizonte e esteve presente, junto dele, em uma palestra no auditório da Associação Médica de Minas Gerais, apresentado por Húlvio Brant Aleixo.

— Ele era um verdadeiro sábio, e sua presença na nossa cidade muito nos honrou. Ele conseguiu elevar a Ufologia à categoria científica. Isso foi uma grande vitória naquela época. Também nos contou casos acontecidos nos Estados Unidos e Canadá muito parecidos com os brasileiros, a exemplo da paralisação de motores de carros por OVNIs ou marcas sobre o terreno. OP

Última foto tirada de Hermelindo, meses antes de sua morte, ocorrida em 2004. Foto: Paulo B. Werner CIPFANI®

O ENIGMA

Dianaurquiza, Pixabay® / Paulo Baraky Werner

A NAZCA

Centenas de desenhos gigantescos em pleno deserto peruano. Alguns só podem ser vistos do alto. Mensagens para os deuses astronautas ?

Por Renato A. Azevedo

Colaboração: Aloysio Carvalho

"Lamento dizer, mas os astronautas do passado teriam ficado presos na terra", Maria Reiche, arqueóloga alemã.

Com seus 758 quilômetros quadrados de superfície, a Planície de Nazca abriga 358 geoglifos, com muitos sendo descobertos ainda hoje, que há décadas estão entre os maiores desafios da arqueologia mundial. Infelizmente, têm sido também alvo frequente não somente de vândalos, mas de mistificadores que apresentam "explicações" destinadas somente a enganar os incautos. As Linhas de Nazca são o produto de duas fases distintas da cultura que existiu nessa região ao sul do Peru. A fase Paracas durou de 400 a 200 A.C., e a fase Nazca de 200 A.C. a 500 D.C.

Descobertas mais recentes dão conta de uma impressionante rede de aquedutos, poços e canais subterrâneos, com pontos de captação de água e respiradouros em forma de espiral de até sete metros de profundidade. Pesquisadores concordam que a civilização que floresceu na região não teria sido possível sem o acesso à água. O sofisticado sistema de galerias filtrantes, poços, reservatórios e canais foi escavado de forma a permitir a extração de água do lençol freático. A água vem de infiltração e neve dos Andes, que passa ao subsolo e é captada pelos aquedutos. O sistema deve ter sido construído, em sua maioria, entre os anos 300 e 500 próximo à época da construção de boa parte das linhas e geoglifos.

O achado se revelou tão importante que é protegido pelo estado peruano desde 2006, considerado Bem Cultural da Nação. Muitos dos canais preservados, de fato, são utilizados ainda hoje. O sistema hídrico é consistente com a descoberta, publicada pelo arqueólogo Johan Reinhard em 1985, de que a adoração às montanhas e fontes de água era muito importante na religião e economia da cultura de Nazca. O pesquisador apresentou a teoria de que as linhas e figuras eram parte das práticas religiosas voltadas a deidades associadas à disponibilidade de água, naturalmente essencial para a agricultura e produção de alimentos. Algumas linhas levariam a locais onde divindades poderiam ser adoradas, e os animais e demais figuras seriam invocados para auxiliar os deuses para o fornecimento de água. Outro pesquisador, David Johnson, igualmente associou os geoglifos ao sistema de aquedutos da região.

Anteriormente, em 1977, Alberto Rossell Castro propôs que os geoglifos poderiam ser classificados em três grupos. Um seria ligado a irrigação e divisão de campos, o segundo mapeaia montes e montanhas da região, e o terceiro seria ligado às observações astronômicas.

Discos voadores não precisam de pistas de pouso

Apesar de vários elementos de Nazca serem conhecidos desde o século XVI, somente em 1927 o arqueólogo peruano Toribio Mejía Xesspe (16/04/1896 – 02/11/1983) observou os geoglifos enquanto escalava montes na região. O norte-americano Paul Kusok (21/04/1869 – 1959) da Universidade Long Island, foi o primeiro a sobrevoar as linhas com um avião e estudá-las em profundidade. Ele pesquisava sistemas de irrigação na região, e foi o primeiro a descobrir um dos desenhos em forma de pássaro. Uma observação ao acaso mostrou a Kusok que algumas das linhas pareciam convergir para o horizonte no dia do solstício de inverno do hemisfério sul.

A ele se uniram o arqueólogo norte-americano Richard P. Schaedel (1920 – 2005) e a matemática e arqueóloga alemã Maria Reiche (15/05/1903 – 08/06/1998). Eles propuseram a teoria de que as figuras e linhas eram marcadores astronômicos para apontar onde e quando o Sol e outros corpos celestes surgiam em datas importantes.

Em 1968 Erich von Däniken publicou o livro Eram os Deuses Astronautas (Chariots of the Gods no original) propondo a teoria de que as linhas de Nazca seriam pistas de pouso para as naves de alienígenas que visitaram a Terra nos tempos antigos. Suas ideias foram naturalmente atacadas pela comunidade científica e completamente refutadas.

Um dos (muitos) problemas da teoria dos antigos astronautas é sua completa falta de consistência. Von Däniken e os fãs da série Alienígenas do Passado do History Channel afirmam que o platô de Nazca e suas linhas funcionavam como um gigantesco espaçoporto. O problema, conforme constatou Maria Reiche, é que o terreno é bastante macio, ao que a arqueóloga resumiu: "As naves ficariam atoladas" E, evidentemente, como os ETs teriam pousado para construir as linhas, antes que seu espaçoporto estivesse finalizado, para então permitir que suas naves pousassem? Ou teriam enviado à distância instruções para o povo de Nazca elaborar as marcações para eles? Com quais meios se deu tal suposta comunicação? De fato, o lado fantasioso da Ufologia, lamentavelmente, não costuma ter o hábito do questionamento, afinal conforme alguém já escreveu, este "atrapalha a crença".

Reproduzindo os geoglifos

Apesar do que os mistificadores alegam, está claro que os povos que habitaram Nazca

Livro do autor suíço Erich Von Däniken: *Chegada dos Deuses. Revelando os Locais de Aterrissagem Alienígena de Nazca*

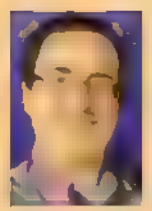
poderiam ter elaborado as linhas com facilidade, somente removendo pedras, seixos e a camada superior avermelhada que cobre a planície, expondo terra argilosa bem mais clara abaixo, que é abundante em cal. A profundidade dessas escavações é somente de dez a quinze centímetros, e poderia ser feita utilizando-se ferramentas simples disponíveis para o povo da região.

Joe Nickel, famoso arqueólogo norte-americano, é membro do Comitê de Investigação Cética (Committee for Skeptical Inquiry) e reitor associado do Instituto do Centro de Investigação. Autor ou editor de mais de 30 livros, já expôs várias alegações fraudulentas e mistificadores, e em seu trabalho demonstrou a falibilidade das ideias de Von Daniken. Entre outros aspectos destacou o trabalho do pesquisador Paul Kusok em 1947, que de fato comentou de forma satírica que as linhas de Nazca eram chamadas de "campo de pouso pré-histórico", e que alguns faziam piada comparando-as com os canais que se acreditava existir em Marte. Nickel ainda comenta sobre uma foto divulgada por Däniken, do que este havia chamado de "área de estacionamento". O desenho circular é na verdade a junta do joelho de um dos desenhos de pássaro, ou seja para estacionar ali uma nave alienígena teria que ser bem pequena.

Conforme o arqueólogo explica, Maria Reiche afirmava que os habitantes de Nazca, a fim de realizar seus enormes desenhos, primeiro esboçavam um desenho preliminar, e restos destes ainda são visíveis nas proximidades das grandes figuras. Para traçar linhas, a matemática apontava que eram utilizados cordas e postes de madeira ou rochas. Para círculos, um ponto central marcado por uma estaca ou rocha, mais uma corda, seriam suficientes. E em vários pontos centrais de muitas das figuras foram encontrados restos dessas estacas, ou mesmo rochas

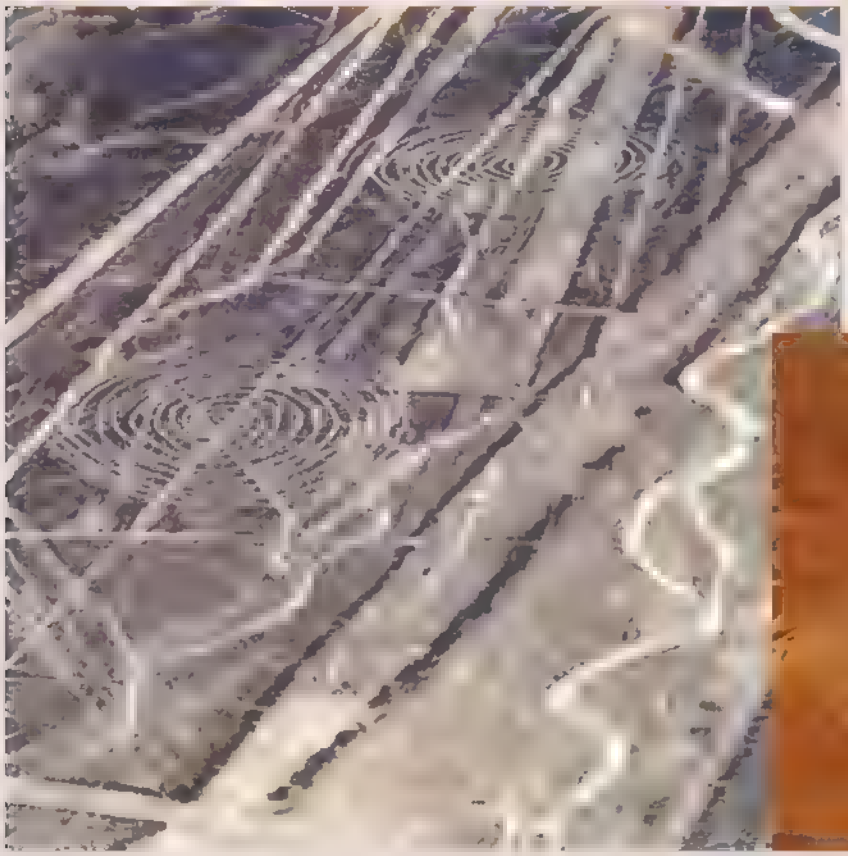
AUTOR

Renato A. Azevedo



Engenheiro eletrônico por formação, seguidor pelo caminho do jornalismo especializando-se em Ufologia, Astronomia, ciência e cultura pop. Desenvolve trabalhos também no subgênero da fantasia, terror e folclore, e participou de várias antologias temáticas, além de ser autor de e-books disponíveis on-line.

@renatoa.azevedo



O próprio Joe Nickel decidiu tentar reproduzir uma das figuras, especificamente a do condor. Ele e sua equipe utilizaram uma área cedida a eles em West Liberty, Kentucky e primeiro realizaram um desenho menor, a fim de plotar coordenadas e medir as linhas retas. Depois, utilizando o mesmo número de unidades de medida, multiplicando tais unidades para manter a escala, realizaram o desenho maior.

Utilizando tais técnicas, completamente acessíveis aos antigos habitantes de Nazca, o resultado foi espantoso: uma réplica do mesmo tamanho e quase exata do condor, lançando por terra a teoria dos antigos astronautas em Nazca.

Alinhamentos astronômicos?

A teoria de que sejam um calendário astronômico ainda é discutida. Kusok e Reiche estavam convencidos de que várias das linhas apontavam, no horizonte, as posições nas quais o Sol e outros astros apareceriam em épocas determinadas, tais como solstícios. Outros pesquisadores teceram teorias a respeito de alguns dos

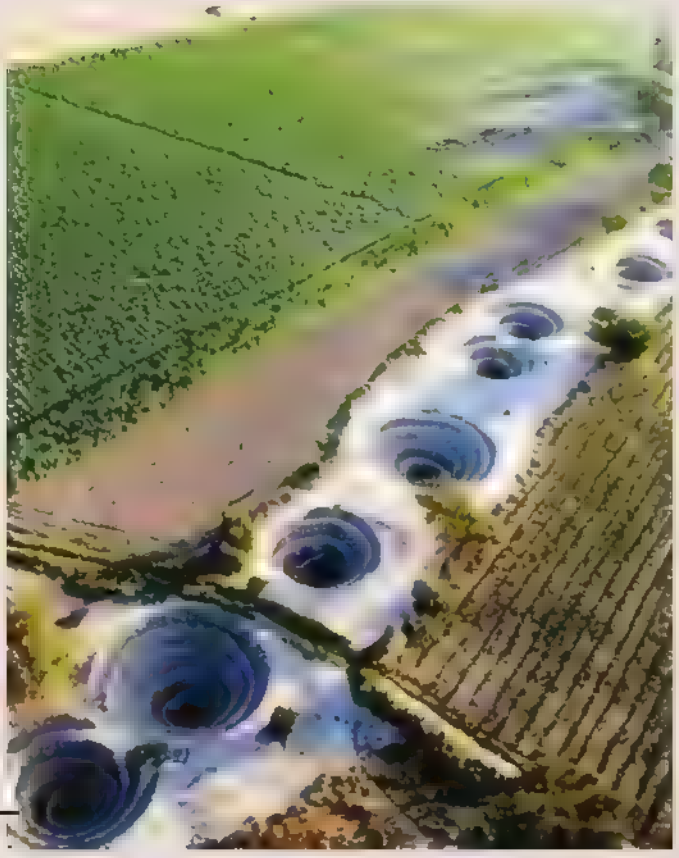
O Gigante do Atacama é um geoglifo antropomórfico na área de Cerro Unitas do Deserto do Atacama, Chile. Com cerca de 119 metros, é o maior geoglifo antropomórfico pré-histórico. Foi sugerido que a figura possa representa um xamã, uma figura espiritual ou divindade. Para os teóricos dos Deuses Astronautas, é a representação de um ser alienígena, usando roupas com antenas

animais retratados nos geoglifos poderiam representar constelações. Porém, apesar de alguns desses alinhamentos serem bastante precisos para serem meras coincidências, a teoria astronômica caiu em desuso para explicar as linhas de Nazca.

O que, evidentemente, não depõe contra os fatos de que muitas das culturas antigas de fato faziam observações astronômicas extremamente precisas. É fundamental deixar claro que nenhuma civilização alienígena "ensinou" Astronomia para os povos antigos. Muito pelo contrário, esse conhecimento foi se acumulando ao longo de gerações de observadores do céu, quando nossos antepassados descobriram que, em determinadas épocas do ano marcadas pela posição dos astros, havia migração de espécies animais, ou era a época da chuva (sendo assim o período ideal para plantar) além de inúmeras outras práticas.

A correta observação e registro de movimentos de estrelas e planetas no céu era literalmente questão de vida ou morte para nossos antepassados. Não admira, portanto, que inúmeros sítios arqueológicos espalhados por todo o mundo revelem alinhamentos astronômicos que ainda hoje nos assombram. Esse feito extraordinário reflete somente a tenacidade, a capacidade e engenhosidade de nossos remotos antepassados, a quem devemos muito do que hoje conhecemos.

Muitos que se dizem pesquisadores da Ufologia brasileira fariam bem se assistissem aos episódios da série Cosmos, de 1980, apresentada por Carl Sagan e disponível até mesmo no YouTube, na qual o maior divulgador científico de todos os tempos detalha esse feito das antigas civilizações. De novo, era questão de vida ou morte saber interpretar os sinais dos céus. Lamentavelmente muitos mistificadores continuam a desrespeitar, por puro preconceito, o riquíssimo patrimônio cultural de milênios da civilização humana, atribuindo muitas de suas realizações a deuses-astronautas, esquecendo-se muitas vezes de forma conveniente de que nossos antepassados eram muito mais inteligentes, engenhosos e talentosos do que comumente se pensa.



Aqueduto de Occongalla - Os nazcas viviam às margens de um pequeno rio que cruzava o deserto. Acredita-se, porém, que um fenômeno El Niño, há 2 milênios atrás, tenha causado uma forte tempestade e uma inundação, obrigando-os a adentrarem ainda mais ao deserto, até fundarem uma pequena cidade onde atualmente é Nazca. Longe de rios, a única forma de obter água era cavando: toda água que escorria das cordilheiras se acumulava no fundo das areias do deserto, a uma profundidade de aproximadamente 8 metros. Assim, foram formando os aquedutos, que podem ser encontrados em diversos pontos de Nazca

Na cultura pop

Em Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal (Indiana Jones and the Kingdom of the Crystal Skull, 2008) o arqueólogo mais famoso do cinema visita a região de Nazca buscando pistas de um velho amigo desaparecido, mistério relacionado à caveira do título. Pouco mais de uma referência em um filme que, se não chega ao nível da trilogia original, ao menos respeita a história pregressa do personagem e diverte. Bem diferente da produção mais nova, e recomenda-se ao leitor que faça um favor a si mesmo, e não a assista.

Os misteriosos geoglifos ocupam um lugar central na trama de mais uma aventura de Martin Mystère em *A Pista de Nazca*, aventura publicada na edição 15 da primeira série da editora Mythos em 2003. Nessa história, o Detetive do Impossível se envolve com a pesquisadora Ajna Soegard, natural da Groenlândia e da etnia inuit, ou esquimó. Ela tem a teoria de que existiram blocos de civilizações adiantadas muito antes do que a história oficial admite. Isso se encaixa na própria teoria e experiência de Martin, a respeito da existência, no passado, das grandes civilizações tecnológicas e antagônicas da Atlântida e de Mu.

As descobertas que ambos fazem a respeito de Nazca resultam em uma corrida contra o tempo, na qual o destino da civilização atual pode estar em jogo. Recomendamos a leitura do artigo *Alienígenas, Artefatos Impossíveis e Civilizações Perdidas* em *OVNI Pesquisa* 13, abordando as histórias de Martin Mystère.

Os Incas (povo Quechua), Aymarás e outros povos andinos documentavam as "sombras" ou nuvens escuras da Via Láctea, documentando esses desenhos (um calendário), coisa que nenhum outro povo fazia, e por isso levou muito tempo para os estudiosos modernos associarem certos desenhos comuns em cerâmicas e tecidos ao céu, simplesmente porque as estrelas não combinavam.

Ameaças

Infelizmente, como muitos sítios arqueológicos no mundo, Nazca não está livre de ameaças. Invasores de terra têm se tornado um problema grave na região, e o puro e simples vandalismo tem atingido os geoglifos em algumas ocasiões. Uma delas teve como protagonista o grupo Greenpeace, que em 2014 escreveu ao lado do desenho do beija-flor uma mensagem dirigida para a Conferência das Partes da ONU sobre o Clima, ou COP20. Conforme os investigadores da justiça peruana, para chegarem ao local os vândalos percorreram um caminho que danificou a planície, e removeram pedras e terras ancestrais para escrever sua mensagem.

Apesar de o grupo que alega defender o meio ambiente ter na época emitido uma nota se desculpando, a ação foi fortemente repudiada pelos peruanos. Em 2017 a justiça daquele país condenou o arqueólogo austríaco Wolfgang Sadik à prisão, com direito a liberdade condicional, atribuindo ainda uma multa de 200.000 dólares por haver participado do vandalismo.

Geoglifos espalhados pelo continente

Não somente em Nazca existem geoglifos monumentais. A região de Chug-Chug, situada no Deserto do Atacama no Chile, contém 23 sítios arqueológicos com perto de 500 geoglifos descobertos. Como os de Nazca eles trazem representações geométricas, zoomórficas ou antropomórficas, e estão situados ao longo de uma rota de caravanas que une dois oásis, Calama e Quillagua. O Deserto do Atacama é conhecido como o lugar mais seco do planeta, onde em alguns locais não chove há séculos. Isso tem auxiliado a preservar os geoglifos, que se estima terem sido elaborados entre os anos 900 e 1550, embora alguns possam ser de até 1000 A.C. No total, o Atacama tem mais de 5000 geoglifos catalogados, a maioria constituindo marcações de caminhos. Infelizmente, aqui também atividades humanas de turismo e construções podem representar uma ameaça a esse patrimônio.

É importante frisar que a prática de produzir geoglifos persiste ainda hoje na América do Sul, abrangendo localidades no Chile, Peru e Colômbia. Chega a ser comum, em vilarejos próximos a montanhas, que nestas sejam produzidas mensagens, e até mesmo propagandas políticas. O Império Inca, no Peru e no norte do Chile, usava as montanhas para expor mensagens sobre suas trilhas e estradas mais longas. Os incas construíram quatro grandes caminhos imperiais, partindo de Cuzco e seguindo para norte, sul, leste e oeste. A do leste chegava até a Amazônia, e acredita-se que possuía uma ligação com o famoso Caminho de Peabiru. A do sul atingia as terras geladas no extremo sul, passando pelo Atacama. Nas culturas Quechua e Aymarás essa prática de desenhar em encostas, e no solo, era muito comum, e persiste até hoje!

No Brasil especificamente no Acre, geoglifos têm sido encontrados nos últimos 40 anos. Mais de 500 dessas formações foram catalogadas, a maior parte formada por trincheiras de 1 a 2 metros de profundidade e até 11 metros de largura, delimitadas por muretas feitas com a própria terra escavada para sua construção. Os geoglifos possuem formato geométrico, círculos, quadrados, hexágonos, elipses ou retângulos, e por vezes compostos por círculos concêntricos ou inseridos em quadrados. As dimensões variam entre 100 e 300 metros, e as figuras próximas geralmente são conectadas por caminhos de entrada e saída.

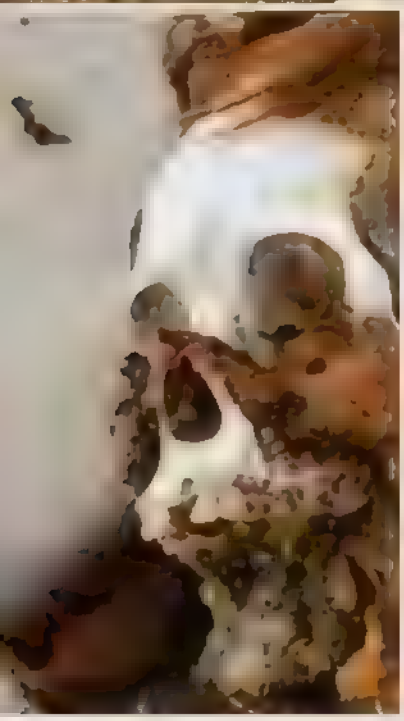
A maioria, pelas dimensões, de fato apresenta dificuldades para ser visualizada a partir do solo. Muitos dos geoglifos têm sido encontrados por sobrevoo de aeronaves, e boa parte deles também pela expansão da fronteira agrícola e remoção da cobertura vegetal. A maior parte deles se situa nos vales dos rios Acre, Iquiri e Abunã, e alguns foram localizados no Amazonas, em Roraima e na Bolívia.

Estima-se que, na época da construção das figuras, a cobertura vegetal era composta de bambu, há cerca de 6.000 anos. O arqueólogo Alceu Ranzi, o primeiro a divulgar os geoglifos do Acre, elaborou a teoria de que as

www.facebook.com/mundosemfimoficial

As pirâmides de Cahuachi

Este lugar passou séculos escondido pelas areias do deserto, e foi descoberto há pouco mais de 30 anos por caçadores de tesouro que procuravam túmulos na região. Cahuachi significa "lugar onde vivem os videntes", e era um importante centro cerimonial para os nazcas. Acredita-se que, sob as areias do deserto, existam dezenas de estruturas como essas. As linhas desenhadas no deserto representam apenas uma fração da cultura, que dominava técnicas avançadas de engenharia



Os Nazca decapitavam pessoas como sacrifício aos deuses: eles faziam isso em rituais religiosos para pedir água e fertilidade.
E guardavam as cabeças mumificadas como troféus. Várias dessas cabeças já haviam sido encontradas pelos arqueólogos, mas há pouco tempo foi descoberto um corpo decapitado enterrado de forma cerimoniosa próximo aos desenhos.

Ana Carolina Prado (superabril.com.br)

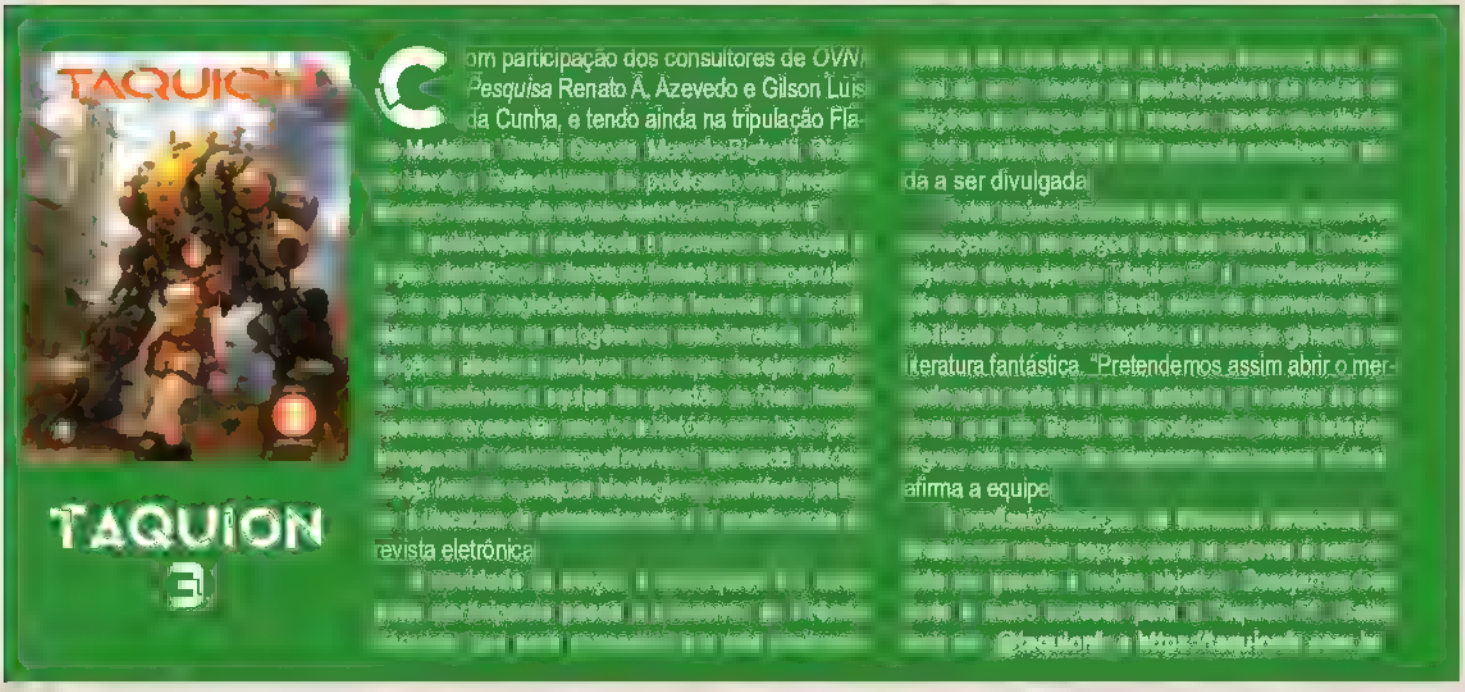
figuras foram construídas em um período ainda anterior, mais de 11.000 anos atrás, marcado por maior aridez, e que tenha havido algum tipo de intercâmbio entre a cultura que então habitava o norte do Brasil e a de Nazca. Existem outras interpretações entre a comunidade arqueológica brasileira, e a maioria coincide na proposta de que os geoglifos seriam espaços sociais coletivos para uso cerimonial e ritualístico.

O Grupo de Pesquisa Geoglifos da Amazônia tem realizado pesquisas por imagens de satélite, sobrevoo com aviões e prospecção terrestre. Os cientistas afirmam que a regularidade das formas dos geoglifos, bem como suas dimensões e os locais onde foram construídos, demonstram que seus autores possuíam uma técnica arquitetônica desenvolvida e extensiva, dotada ainda de bons conhecimentos de cálculos matemáticos. Outra preocupação é preservar as figuras, algumas das quais já tendo sido infelizmente destruídas de forma involuntária, e divulgá-las para que as pessoas entendam a importância de sua proteção e estudo.

Existem geoglifos em outros locais do mundo, mas na América do Sul eles têm atraído mais atenção e sido estudados por sua imensa variedade com mais afinco. Infelizmente, também têm sido onde as interpretações mais estapafúrdias surgem. É interessante que europeus e americanos adeptos da teoria dos antigos astronautas costumam sugerir autores alienígenas para construções em outros países e continentes, não em seus próprios.

Como sempre defendemos aqui na *OVNI Pesquisa*, a ciência é que deve ter a palavra final. E a busca incessante motivada pelos questionamentos têm demonstrado que as respostas prontas e fáceis dos mistificadores como sempre, não se aplicam. Para quem está sempre ao lado do conhecimento e racionalidade, e nunca da crença, resta a admiração pela habilidade e conhecimento com que nossos antepassados produziram essas obras que ainda hoje nos fascinam. Há evidências de possíveis contatos no passado, e isso é notório. Porém, nunca devemos menosprezar a capacidade humana. OP

PUBLICIDADE



Além de Nazca

Por Aloysio Carvalho

Existe uma crença comum de que Nazca é algo único no mundo. Definitivamente não é, na verdade, existem milhares de geoglifos na região andina do Perú, e também na Bolívia, descendo rumo sul pelo menos até o norte do Chile, todos relacionados com as culturas que ali habitaram desde 3500 anos atrás (cerca de 1500 a.C.) até a colonização espanhola. E em outros países como EUA, Austrália, Inglaterra e mesmo no Brasil, no Acre, são encontrados grandes geoglifos antigos.

Se você viajar pelo norte do Chile, especialmente Atacama e na parte andina da Bolívia e Perú, verá que esse traço cultural persiste ainda hoje na região, com inúmeros "geoglifos modernos", usados para marcar um colégio, um time, uma cidade ou até mesmo propaganda política feita em encostas visíveis dos vilarejos, da estrada e também das tradicionais trilhas a pé.

São muitos geoglifos, alguns reconhecidos como "marcadores de trilhas" e indicações da presença de água e abrigo na proximidade. Tal prática foi ordenada pelos imperadores Inca, assim como manutenção da trilha e pontes. Outros geoglifos parecem relacionados a calendários astronômicos, usados para marcar as estações do ano, com perfeitas marcações dos solstícios e equinócios, geralmente nos planaltos, distantes de morros onde subir para observar o céu.

Nazca cai nesse último cenário, uma enorme planície quase plana, a pouco mais de 500 metros de altitude. E entre os desenhos de Nazca, alguns claramente são calendários celestes, mas a maioria parece ter outras funções ligadas a religião, pedidos aos deuses do céu e rituais.

Ainda hoje, dezembro de 2023, novas figuras vem sendo descobertas na região, mais 29 grandes geoglifos nos distritos de El Ingenio e Changuillo, próximos a Nazca. Outras grandes concentrações de geoglifos, ainda maiores que Nazca, existem em Chug-Chug, região de Tocopilla no Atacama, com mais de 500 geoglifos, e Pintados, na região de Tarapacá, com 450 geoglifos documentados, ambos no Chile. Para comparação, Nazca, no Perú, tem 358 figuras, é apenas a terceira maior concentração de desenhos, apenas foi a primeira a ser reconhecida a partir de um avião e se tornou a mais famosa

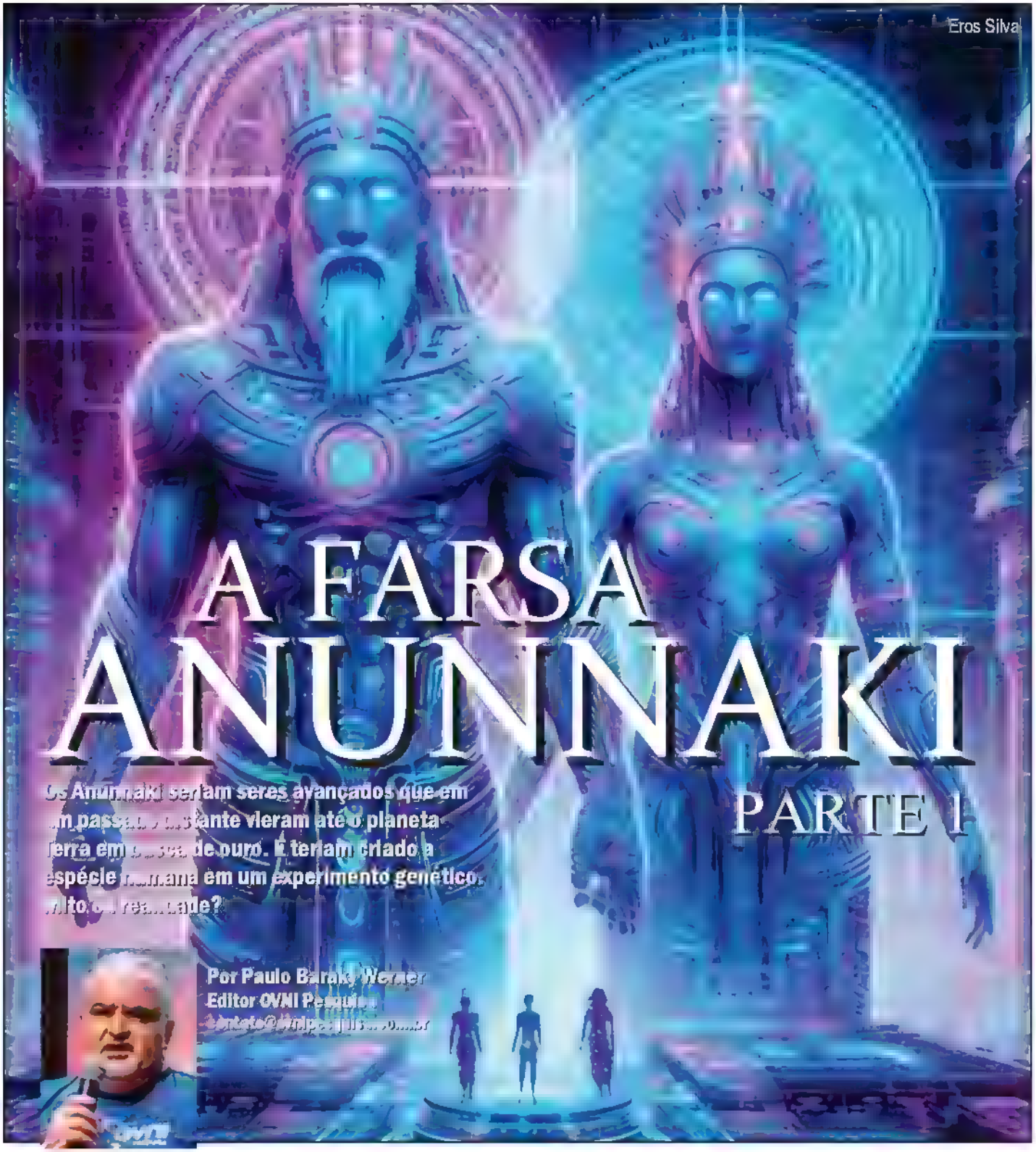
Geoglifos gigantes de Chug-Chug, no Chile

Aloysio Carvalho no deserto de Atacama, Chile - Campo geotermal Geysers del Tatio

Dinâmica de construção dos geoglifos segundo o pesquisador Luis Briones

Sem tecnologia alien

Por mais que a imaginação corra solta em programas sensacionalistas como o "Alienígenas do Passado", onde os supostos pesquisadores alegam que os desenhos só poderiam ser orientados do alto, de alguma aeronave, fica evidente que não era necessária uma intervenção alienígena para isso. No sentido de orientar os construtores dos desenhos no solo do deserto, usava-se a figura em escala reduzida, a qual seria orientada por um projetista em uma posição elevada. No deserto eles poderiam construir torres simples, de até 10 metros de altura. E a medida que o desenho fosse sendo produzido, a torre era deslocada, e dessa forma, do alto, era dado as orientações. Em outros locais, bastava ficar em uma colina mais elevada, como demonstra a figura ao lado. E esses desenhos poderiam orientar viajantes e também, em parte, serem dedicados a algum tipo de ritual. Como o pedido de boas colheitas.



Zecharia Sitchin (1920-2010) nasceu no Azerbaijão, mas cresceu na Palestina. Teria adquirido conhecimento de hebraico antigo e moderno, de outras línguas semíticas e europeias, sobre o Antigo Testamento e a história e Arqueologia do Oriente Próximo. Sitchin baseou a série *As Crônicas da Terra*, em textos e evidências pictóricas registradas pelas civilizações antigas do Oriente Próximo. Mas não há evidências disso. Suas alegadas credenciais de especialista não são reconhecidas pela Academia.

Sitchin defendia uma explicação alternativa para a origem da humanidade, envolvendo uma versão da "teoria dos antigos astronautas". Ele atribuiu a criação da antiga cultura sumeria aos "Anunnaki" (ou "Nefilim"), uma raça alienígena nativa de um planeta chamado Nibiru, que se encontraria nos confins do Sistema Solar.

Segundo a interpretação que Sitchin faz da cosmologia sumeria, há um planeta desconhecido de nossa ciência, chamado Nibiru (associado ao deus Marduk na cosmologia babilônia), que segue uma órbita elíptica e demorada, passando pelo interior do Sistema Solar a cada 3600 anos. Segundo Sitchin, um dos satélites de Nibiru teria colidido catastroficamente com Tiamat, outro planeta hipotético, localizado entre Marte e Júpiter. Esta colisão teria formado o planeta Terra, o cinturão de asteroides e os cometas. Tiamat, conforme descrito no "Enuma Elish", o épico da criação mesopotâmica, é uma deusa. De acordo com Sitchin, contudo, Tiamat era o que é agora conhecido como Terra. Quando atingido por uma das duas luas do planeta Nibiru, Tiamat teria se partido em dois. Numa segunda passagem, o próprio

Nibiru teria atingido um dos fragmentos e metade de Tiamat teria se tornado o cinturão de asteroides. A segunda metade, após capturar a órbita de uma das luas de Tiamat (a nossa Lua), seria empurrada para uma nova órbita e tornar-se-ia o atual planeta Terra.

O cenário delineado por Sitchin, com Nibiru retornando ao interior do Sistema Solar regularmente a cada 3600 anos, implica numa órbita de 235 unidades astronômicas, estendendo-se do cinturão de asteroides até 12 vezes mais distante do Sol que Plutão.

Segundo Sitchin, Nibiru é o lar de uma raça extraterrestre humanoide e tecnologicamente avançada, chamada de Anunnaki no mito sumério, que seriam os chamados nefilim da Bíblia. Ele afirma que eles chegaram à Terra pela primeira vez provavelmente há 450 mil anos, em busca de minérios, especialmente o ouro, que descobriram e extraíram na África.

Esses "deuses" eram os militares e pesquisadores da expedição colonial de Nibiru ao planeta Terra. Sitchin acredita que os Anunnaki utilizaram a engenharia genética para unir os seus genes aos do Homo erectus, gerando o Homo sapiens. Os membros desta nova espécie serviriam de escravos para trabalhar nas minas de ouro. Segundo ele, inscrições antigas relatam que a civilização humana de Sumer, na Mesopotâmia, foi estabelecida sob a orientação destes "deuses", e a monarquia humana foi instalada a fim de prover intermediários entre a humanidade e os Anunnaki. Ele crê que a radioatividade oriunda de armas nucleares usadas durante uma guerra entre facções dos Anunnaki seja o "vento maligno" que destruiu Ur, por volta de 2000 a.C. (segundo ele, o ano exato seria 2024 a.C.), descrito no Lamento por Ur. Ele afirma que sua pesquisa coincide com muitos textos bíblicos – e estes seriam originários de textos sumérios. Resumidamente, esse seria o cerne da teoria dos Anunnaki, que dentro do exposto por Sitchin é muito mais abrangente. Os Anunnaki seriam os pilares de referência de todas as outras mitologias, espalhadas pelos quatro cantos do globo. Lembrando que não há o registro sobre "Anunnaki" nos escritos cuneiformes. Isso é uma invenção de Sitchin.

Negação da ciência

Os relatos sobre os primórdios da criação acabam por suscitar todo o tipo de especulação. É um grande erro desmerecer a ciência alegando que há vazios e falhas. Obviamente o processo de pesquisa é complexo, às vezes lento e ramificado. Não há verdades absolutas e sempre há correções e complementações. A certeza inequívoca de seus dogmas é atributo exclusivo da religião. Essa, sim, (segundo os crentes) portadora da verdade! Carl Sagan (1935-2006) disse que a ciência desperta um sentimento sublime de admiração. Mas a pseudociência também produz esse efeito. As divulgações às vezes escassas da ciência deixam nichos vazios que a pseudociência preenche com rapidez.

Teoria da conspiração

Se houvesse um complô contra a verdade, obviamente Sitchin nunca teria decifrado as tábuas de argila. Aliás, isso também não é confirmado. Pode ser mais uma de tantas mentiras criada por ele. Se houvesse mesmo essa conspiração, o seu acesso a esse material teria sido negado. Nem mesmo os seus livros seriam publicados. Ele poderia ter sofrido censura dos institutos acadêmicos, o que nunca ocorreu. Pois para os acadêmicos, a obra dele é apenas ficção, fantasia. Nada com que se preocupar. O mesmo vale para os aproveitadores, que usam as fotos da NASA para contradizer a própria agência espacial americana. Segundo estes pesquisadores, dentre eles Marco Antônio Petit, há no planeta Marte e na Lua diversas estruturas artificiais. São pirâmides, esfinges, estátuas, dutos, torres gigantescas, vestígios fósseis e até mesmo cidades alienígenas, constituindo a definição máxima de pareidolia. Por incrível que pareça, há livros no mercado que exploram estes delírios. E o que é pior, há quem compre! Picaretas e oportunistas existem em todos os segmentos da sociedade. A Ufologia não seria exceção. O ignorante estabelece critérios que desqualificam o conhecimento alheio em favor de sua falta de conhecimento. Ele faz ideias falsas sobre si e sobre o mundo que o cerca, de forma errônea e deturpada.

A perigosa ideia de Darwin

O tema sobre os "deuses astronautas" é vasto e, obviamente, não iremos esgotar o assunto. É uma tarefa quase impossível. Mas dentro destas alegações, notamos que o conhecimento sobre os estudos da evolução humana é negligenciado pelos seus detratores. Nem precisamos ir muito a fundo dentro deste cenário. Quando até mesmo Charles Darwin (1809-1882) é criticado, percebemos que os ataques são ideológicos e sem sustentação científica. Por não compreenderem como funcionam as engrenagens da evolução – e acreditarem que ela é linear, sem ramificações –, estabelecem uma visão simplista de algo extremamente complexo. É consenso entre os acadêmicos que Darwin é considerado o pai da maior descoberta científica da humanidade. Seu livro *A Origem das Espécies*, publicado em 1859, causou espanto na sociedade da época. Entretanto, conseguiu grande receptividade nas décadas seguintes, superando a rejeição que os cientistas tinham pela transmutação de espécies. Já em 1870, a evolução por seleção natural tinha apoio da maioria dos intelectuais. Sua aceitação quase universal, entretanto, não foi atingida até a emergência da síntese evolutiva moderna, entre as décadas de 1930 e 1950, quando um grande consenso consolidou a seleção natural como o mecanismo básico da evolução. A teoria de Darwin é considerada o mecanismo unificador para explicar a diversidade da vida na Terra. E hoje, em pleno século XXI, notamos um retrocesso dentro deste entendimento. E o que é pior: essa rejeição vem justamente de quem alega fazer ciência, ou acredita que faz.

A preocupação dos que queriam no passado negar a teoria evolutiva de Darwin tinha a ver, pelo menos em parte, com a questão da autoridade da Bíblia: para eles, qualquer dúvida sobre a exatidão dos textos sagrados abriria brechas para questionamentos de todos os tipos. Muito mais complicado que isso, no entanto, era conciliar a evolução com alguns aspectos essenciais da teologia cristã tradicional. O mais importante deles envolve o conceito de pecado original. Hoje, Darwin é criticado dentro de outra vertente, a pseudociência, constituída por aqueles que afirmam que a Terra é plana, ou oca, e que o homem não pisou na Lua. Dentro deste balaio, podemos incluir alguns dos defensores dos alienígenas do passado. Por motivos óbvios, estes detratores vivem em uma bolha, na qual apenas os que desqualificam e não compreendem a ciência sobrevivem.

"O elo perdido"

É um mantra, repetido à exaustão pelos "especialistas em Anunnaki". onde estariam os "elos perdidos" que preencheriam as lacunas da evolução humana? O que eles ignoram, ou desconhecem, é que o registro fóssil é bem amplo. Os estudos dentro desta área remontam a mais de 168 anos, quando os fragmentos de um neandertal foram descobertos no vale de Neander, na Alemanha, em 1856. Há fósseis que foram descobertos em décadas passadas e que até hoje estão em processo de limpeza e estudos. Existem cientistas que passam praticamente a vida inteira estudando apenas alguns poucos espécimes. A Paleoantropologia é uma disciplina complexa, que ganha fôlego a cada avanço da ciência. O erro de Sitchin foi limitar o conhecimento científico. Achar que a ciência fosse imutável como as escritas cuneiformes – que se mantiveram inalteradas por milênios –, e que os dados incorretos apresentados por ele permaneceriam intocados. Para os adoradores de Sitchin, quem somos, de onde viemos e para onde vamos, já foi respondido. A teoria dos deuses alienígenas explica de forma simples os questionamentos mais importantes da humanidade.

Milagre sob as pedras

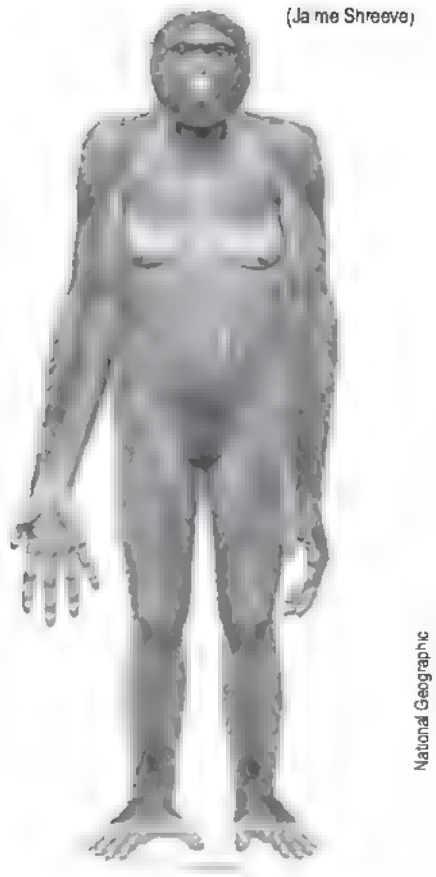
O surgimento do Homo sapiens data de cerca de 230 mil anos, no leste da África, e recentemente foram encontrados ancestrais de sua linhagem datados de cerca de 300 mil anos, no Marrocos. E as escavações não param. Um detalhe que muitos desconhecem, principalmente os especialistas dos deuses astronautas, é que o processo de preservação de antigos hominídeos é quase um "milagre". Descobrir um esqueleto completo, então, praticamente "impossível", principalmente dentro do cenário de escavações na África. Quando acontecia a morte de algum antepassado humano, seus ossos eram disputados por predadores. Hienas trituravam estes ossos, e raramente sobrava alguma

parte intacta. Eram espalhados ossos por centenas de metros. Restava apenas um quebra-cabeça. Dentes são mais facilmente encontrados. Infelizmente, muitas vezes eles não fornecem informações suficientes para a identificação do espécime. Portanto, para haver a preservação fóssil são necessárias várias condições. Isto explica a ausência de registros fósseis dos grandes primatas, que habitavam as regiões úmidas de florestas, um ambiente que não oferece uma boa fossilização. Mesmo assim, os fósseis de transição são inúmeros. Há lacunas? Sim, claro! Qual estudo científico não as possui? Dentro do exposto por Sitchin – de que a humanidade é uma criação alienígena –, se apoiando apenas na alegada falta de um "elo perdido" é totalmente incoerente. Certas críticas sobre essas "ausências" no registro evolutivo são decorrentes da falta de conhecimento sobre Geologia, Paleontologia e Paleoantropologia. Pedro José T. da Glória, professor da Universidade Federal do Pará com experiência na área de Arqueologia Pré-histórica e Antropologia Biológica, com ênfase em Bioarqueologia, nos deu assessoria na parte de evolução humana deste artigo. Ele enfatiza que, nos últimos 50 anos, foram encontrados centenas de fósseis mostrando intermediários entre as formas da nossa linhagem evolutiva. No caso específico do Homo sapiens, o crânio de Jebel Irhoud, achado no Marrocos e datado de 315 mil anos, mostra face e dentição moderna, mas neurocrânio ainda ancestral, demonstrando uma forma intermediária entre H. heidelberguensis e Homo sapiens, que viveu na África.

Das árvores para o solo

O Ardipithecus ramidus (ardi = solo, pithecus = macaco, ramid = raiz) é uma espécie de hominínio bípede que faz parte da linhagem de antepassados da espécie humana. Foi descrita pelo paleoantropólogo americano Timothy D. White e sua equipe, a partir do descobrimento de alguns maxilares na África Oriental, em 1983. Em 2009, foi descrito um indivíduo do sexo feminino, o fóssil mais marcante dessa espécie, pois boa parte do esqueleto foi encontrada, revelando muitos dos seus hábitos de vida. Ela seria o que muitos definem como um fóssil de transição. É uma descoberta muito importante porque confirma que os hominínios caminhavam erguidos sobre dois pés há 4,4 milhões de anos, em um ambiente úmido e arborizado. Ela tinha braços longos para deslocamentos em árvores, mas era, ao mesmo tempo, bípede, contrariando a tese de que a bipedia aconteceu em ambiente de savanas, com longos espaçamentos de vegetação. O Ardipithecus ramidus também se distingue por seus caninos superiores pequenos e em forma de diamante, que são muito mais parecidos aos humanos que os caninos em "v" dos chimpanzés. Além disso, os machos Ardipithecus, como os humanos, tinham os dentes caninos

> **O elo perdido é uma noção equivocada que atrapalha o entendimento sobre a evolução.**
>
> (Jaime Shreeve)



National Geographic

de tamanho similar aos das fêmeas, o que para os cientistas teve relação com mudanças decisivas nos comportamentos sociais. No entanto, a criatura provavelmente se parecia mais a um símio que a um humano. O Ardipithecus preenche os requisitos de "elo perdido" para os teóricos dos antigos astronautas? A resposta seria sim. Porém, este tipo de evidência não aparece em suas palestras, livros e documentários. Isso, sim, é "estranho"!

Escala de tempo fora de compasso

Sitchin alega em seu livro que o "homem" começou a usar pedras como ferramentas há dois milhões de anos. E do nada, como em um passe de mágica, em 3800 a.C. os sumérios apareceram. Estudos recentes conduzidos por arqueólogos encontraram no Quênia artefatos de pedra com bordas afiadas de 3,3 milhões de anos, recuando em mais de 1,3 milhão de anos o uso de material lítico. Portanto, temos um intervalo de três milhões de anos entre o uso destas primeiras "ferramentas" até o surgimento da civilização sumeriana. Geologicamente, uma fração na história da Terra, mas um tempo considerável dentro da escala evolutiva humana. Mas para Sitchin, três milhões de anos de evolução humana é pouco. No campo arqueológico, Pedro da Glória deixa bem claro que as civilizações e as grandes construções na região do Oriente Médio surgiram nos últimos 10 mil anos, e não há nada que indique construções anteriores. Sitchin faz crer em seus livros que a humanidade evoluiu rapidamente, e isso só seria possível graças a uma intervenção alienígena. Porém, cientificamente, isso é totalmente fora de contexto.

Sitchin à época se baseou nos dados que eram oferecidos pelas descobertas recentes de fósseis na África. Em seu livro, há várias correções a serem feitas, principalmente em relação à datação dos achados sobre os Australopitecos. Há que se recuar no tempo mais de 1,9 milhão de anos. A informação de que os Australopitecos fabricavam ferramentas de pedra semelhantes às produzidas pelos neandertais é totalmente equivocada. Sitchin cometeu um erro grosseiro em tal afirmação. Os Australopitecos, segundo estudos recentes, faziam, sim, o uso de ferramentas para múltiplas tarefas, incluindo sua alimentação. Essas ferramentas eram simples e um tanto menos elaboradas que os machados de mão bifaciais produzidos pelos Homo erectus, há cerca de 1,8 milhão de anos. Os neandertais, por sua vez, usavam ferramentas de pedra que, em geral eram mais diversas e elaboradas que as tecnologias anteriores, chamada de indústria mousteriense. Os Homo sapiens modernos, por fim, adotaram uma tecnologia ainda mais elaborada, composta por instrumentos de ossos, conchas, marfim e lâminas líticas. Para muitos arqueólogos essa era uma prova da superioridade intelectual destes últimos.

Até há alguns anos se supunha que com essas ferramentas os antepassados do homem tinham superado e acabado por expulsar seus rivais da Idade da Pedra. No entanto, muitos cientistas acreditam que não existia uma diferença tão abrupta nas capacidades intelectuais e tecnológicas entre os neandertais e os sapiens. Os neandertais sobreviveram por mais de 150 mil anos, e isso significa que eram uma espécie com enorme capacidade de se adaptar às altas latitudes em que viviam.

Homo sapiens saído de um cartola

Pesquisadores rebatem a falácia de que o Homo sapiens surgiu de repente, "do nada", como mágica, segundo Sitchin, e tenha simplesmente eliminado os neandertais da face da Terra. A interação entre as duas espécies aconteceu de várias formas, incluindo o cruzamento entre elas. A cada dia os cientistas descobrem vestígios desta relação. Se os neandertais eram habilidosos, por que desapareceram? Segundo o paleoantropólogo americano Bruce Hardy, do Kenyon College, em Gambier, Ohio: "Não sabemos exatamente, mas não acreditamos que te-

nham sido eliminados pelos humanos modernos. Pode ser que estes tenham apresentado uma ligeira vantagem reprodutiva, que, com o passar dos anos, permitiu que sua população superasse a dos neandertais. Acredita-se que os neandertais tenham se extinguido há cerca de 28 mil anos, o que sugere pelo menos dez mil anos de possível interação com o homem moderno."

O mosaico surreal em relação ao surgimento dos hominídeos modernos, exposto por Sitchin não tem fim. Ele alega que seriam necessários 10 milhões de anos de evolução para dominarmos as ciências matemáticas, a engenharia e a Astronomia. Hoje, depois de mais de quatro décadas da publicação do livro *O 12º planeta*, praticamente estes questionamentos e "lacunas" foram respondidos pela Paleoantropologia e Arqueologia. Sobre o questionamento de Sitchin da "evolução acelerada" do Homo sapiens, a ciência já tem várias evidências de como ocorre esse processo. Numa definição simples, a "evolução" é causada por um desequilíbrio entre a necessidade de uma espécie e suas condições para satisfazê-las. Ao se tornar bípede, por exemplo, o ancestral humano perdeu boa parte de sua capacidade olfativa – até então necessária para farejar caça junto ao chão – e ganhou uma visão mais apurada para avistar a caça ao longe. Até três décadas atrás, os cientistas tinham bons motivos para duvidar que as espécies pudessem sofrer evoluções significativas num curto espaço de tempo. Acreditava-se que a maioria dos organismos já estava devidamente adaptada ao seu meio ambiente no planeta. Nos anos 1980, porém, os biólogos começaram a desconfiar que a evolução possa ser um processo mais dinâmico, dependendo da situação. Há muito a ciência sabe que as mudanças pode ocorrer em ritmo acelerado. O próprio Charles Darwin registrou transformações rápidas determinadas por interferência humana em cães e pombos. O que tem impressionado os cientistas é que essa evolução a jato, antes restrita a casos pontuais, está ocorrendo na natureza com uma frequência impressionante, em centenas de espécies – tanto pela ação humana como pelas mudanças ambientais. Sitchin se prendeu a uma escala de tempo em relação à evolução humana, acreditando que ela seguiria o mesmo ritmo dos seus ancestrais. Porém, disputas por território, novos hábitos alimentares, cruzamento entre espécies e adaptações ao clima aceleraram o processo dentro do cenário evolutivo. E isso também ocorreu com os primeiros humanos no passado.

Manipulação genética: criando o homem

E Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, ou como sugere Sitchin, "Os deuses". Segundo a "teoria dos Anunnaki", os pré-humanos, talvez Homo erectus, dentro da cronologia apresentada (430 mil anos), eram utilizados para minerar ouro. Não sabemos como, mas o fato é que depois de algum tempo, os Anunnaki resolveram ter relações sexuais com eles e, deste cruzamento, houve um aprimoramento genético. Porém, as evidências da nossa herança evolutiva que apontam claramente uma ligação aos nossos antepas-

Anunnaki
Criadores da espécie humana

OPINIÃO DE UM GENETICISTA

AUTOR

Gilson Luis Da Cunha
Biólogo, doutor em genética e biologia molecular pela UFRGS

E-mail
gilsonlcunha@gmail.com

Ao longo da história sempre foi mais fácil preencher as lacunas da ignorância com mitos, superstições e, mais recentemente, com mistificações do que assumir essas duas singelas palavras: "não sei". Há muito o que não sabemos sobre a evolução humana e nosso conhecimento cresce de modo irregular. Até o fim dos anos 90, 1998, para ser preciso, era inconcebível a noção de que nossos ancestrais Homo sapiens tivessem gerado híbridos com outras espécies de hominídeos. A descoberta da criança de Lapedo, naquele ano, em Portugal, mudou tudo. Tratava-se de um esqueleto que muitos achavam pertencer a um Homo sapiens com más formações ósseas que lhe dariam uma aparência "Neandertaloide", nada mais que isso.

Nos anos 2000, a equipe do geneticista sueco Svante Pääbo, não só demonstrou que houve, sim, cruzamentos entre nossa espécie e nossos primos Neandertais, como, posteriormente, foi capaz de sequenciar o genoma Neandertal e mostrar que boa parte da espécie humana possui entre 3 e 5% de genes herdados dessa espécie de hominídeo. A história humana é cheia de lacunas. Os fósseis de Homo sapiens mais antigos de que se tem notícia, foram encontrados no norte da África e possuem em torno de 300.000 anos. Análises genômicas comparando grupos de humanos modernos sugerem que populações africanas podem apresentar fragmentos herdados de espécies desconhecidas de hominídeos que se extinguiram muito antes do Homo sapiens deixar a África e se aventurar pela Eurásia. Afinal, o registro fóssil não ocorre com a mesma facilidade em toda a parte e é bastante provável que tenham existido ancestrais da humanidade, dos quais jamais teremos outra evidência além de fragmentos de DNA em nosso próprio genoma. Contudo, é preciso fazer um alerta: mesmo no caso dos Neandertais, e dos Denisovanos, até o momento as únicas outras espécies do gênero Homo a terem seu genoma analisado, os fragmentos encontrados apresentam alguma similaridade com o genoma de humanos e de outros primatas.

Se fôssemos mesmo produto da hibridação entre o Homo erectus e uma forma de vida extraterrestre, as diferenças saltariam aos nossos olhos em uma comparação entre os genomas humano e os de outros primatas. De fato, a similaridade genética entre um humano e um chimpanzé é de, pelo menos, 99,6%. Se tivéssemos sido "criados" pela inserção de genes de uma espécie sem nenhum parentesco conosco, seres evoluídos em uma biota totalmente diferente, as diferenças entre nós e os grandes símios seriam muito maiores. Mas não é o que acontece. Isso, sem falar que há um razoável registro fóssil de nossa história evolutiva entre o Homo erectus e o aparecimento dos primeiros Homo sapiens, o que torna a hipótese de que evoluímos aqui mesmo, através da seleção natural que atuou sobre mutações de ocorrência natural, sofridas por nossos ancestrais hominídeos em diferentes momentos de nossa pré-história, a única plausível. OP

PUBLICIDADE

Gilson Luis Da Cunha é também escritor de ficção científica, autor de ***Onde Kombi Alguma Jamais Esteve***, romance vencedor do **Prêmio Argos 2020**, e de ***O Curioso Caso de Cthulhu e Cremilda***, coletânea de noveletas que dá sequência às aventuras da Kombi mais rodada do universo e seu insólito motorista.

Esses e outros títulos também podem ser encontrados como E-book Kindle na loja Kindle da Amazon.

Os livros físicos podem ser obtidos diretamente com ele pelo e-mail: gilsonlcunha@gmail.com

sados que viviam em árvores estão presentes em nossos corpos. Como exemplo, podemos citar o músculo palmar longo. Nem todos possuem, mas trata-se de um músculo que vai do punho ao cotovelo. Cerca de 10% dos seres humanos já perderam esse músculo. Hoje, ele não tem grande serventia, mas era útil aos nossos ancestrais para garantir a força necessária para subir em árvores. No passado, tínhamos muito mais pelos no corpo. Os músculos arrectores pilorum (arrector pili, no singular), conectados aos folículos capilares, ajudavam a arrepiar o pelo, para parecermos maiores diante de uma situação de risco ou ameaça. O músculo piramidal está situado na parte de baixo do abdome e tem um formato triangular. Algumas pessoas não têm nenhum, enquanto algumas têm dois. Não serve para nada além de mover a chamada "linha alba", que vai do ventre inferior até o peito, atravessando o umbigo longitudinalmente. Hoje em dia, esses músculos não têm utilidade, mas, no passado, quando caminhávamos em quatro patas, facilitava a mobilidade e a rotação dos músculos abdominais. Temos ainda o apêndice, sisos, e a terceira pálpebra. Não é raro encontrar esse tipo de membrana em primatas, portanto, possivelmente as perdemos há muito tempo com a evolução da nossa espécie.

Caso sejamos o resultado de uma manipulação genética, um aprimoramento realizado por avançadas civilizações alienígenas, por que temos em nossos corpos vários resquícios evolutivos que nos ligam diretamente aos antigos primatas? Van Ted, uma entusiasta da obra de Sitchinh, alega que foi feito um estudo genético do DNA mitocondrial de "mulheres" neandertais, e concluíram que compartilhamos entre 2,5 a 4% do DNA com eles. Mas segundo o mesmo estudo, fazendo análises a partir do cromossomo Y, chegou-se à conclusão que aparentemente o DNA neandertal não foi compartilhado com os humanos modernos. Pedro da Glória deixa claro que essa informação está incorreta. "O DNA que acusou cruzamento entre sapiens e neandertais foi o DNA nuclear e não o mitocondrial. Além disso, não há evidência de mudança súbita de DNA da nossa linhagem nos últimos 500 mil anos, com exceção de episódios pontuais de hibridização". Vale ressaltar que nenhum dos especialistas em Anunnaki que produzem palestras, livros e cursos aceitaram participar deste artigo. Todos foram convidados! E recusaram responder meus questionamentos. Um deles, André de Pierre, alegou que não poderia responder por Sitchin. Interessante é que o mesmo faz lives, produz livros e dá palestras sobre o tema. André de Pierre é um caso à parte, sensacionalista ao extremo e seu trabalho é totalmente desconectado do viés científico. Ele fez um vídeo no qual mostra um sítio arqueológico que eu visitei anos atrás, como sendo uma "descoberta" dele. Sendo que o local possui até uma placa do órgão que administra o patrimônio histórico. E são essas pessoas que se intitulam especialistas em Anunnaki.

Trabalho escravo

Eis que surge então o Homo sapiens, resultado do cruzamento entre os "deuses" Anunnaki e o homem primitivo. Agora os deuses teriam trabalhadores para operarem suas máquinas de mineração. Não é claro quanto tempo durou essa jornada de trabalho. Não há nada que comprove isso. O fato é que os "primeiros" humanos inteligentes já estavam em contato direto com seres avançados. Provavelmente falando sua língua e dominando conhecimentos básicos para operacionalizar suas ferramentas de mineração. Como em todo processo há muita logística e setores envolvidos.

Robô de mineração espacial (NEO-01)

Seres avançados não precisam de escravos

Algumas empresas estão se aprofundando cada vez mais em pesquisas aeroespaciais. A Origin Space, com sede em Pequim, afirma que planeja lançar em breve o primeiro "robô de mineração espacial" (NEO-01), que sairá da órbita terrestre e seguirá ao espaço em um foguete da série Longa Marcha com carga útil secundária.

A ideia de explorar recursos minerais do espaço não é recente e já existe na comunidade científica há um tempo.

O robô de mineração foi nomeado como NEO-1. No entanto, na primeira viagem, o robô não fará nenhuma mineração em asteroides. Por ora, a sonda entrará em fase de testes, para demonstrar funções múltiplas e captura simulada de pequenos corpos celestes.

Além do NEO-1, a China também desenvolverá um telescópio óptico chamado "Yuanwang-1" que tem função de identificar alvos espaciais que estão propensos à mineração. A China e os Estados Unidos, também seguem as pesquisas de como extrair minérios espaciais.

Se nós, seres humanos, já estamos desenvolvendo robôs especializados em realizar a extração de minerais em locais de difícil acesso, ou com um alto grau de complexidade, o que podemos imaginar daqui a cinco décadas? Porque uma civilização altamente avançada como os Anunnaki, que possuem conhecimento de manipulação genética, naves que cruzam o universo, precisariam utilizar mão de obra primitiva (escrava) para minerar o ouro aqui em nosso planeta?

O mundo de fantasia criado por Sitchin não resiste a uma abordagem simples e baseada na lógica.

O ouro por ser relativamente inerte, pode ser encontrado como metal, às vezes como pepitas grandes, mas geralmente se encontra em pequenas inclusões em alguns minerais, como quartzo, rochas metamórficas e depósitos aluviares originados dessas fontes. O ouro está amplamente distribuído, e amiúde encontra-se associado ao quartzo e pirita. A África do Sul é o principal produtor de ouro atualmente (e ao que parece, no passado também).

O ouro é encontrado em várias partes do universo. Creio que não haveria dificuldades para encontrar o mesmo em outros lugares. Mas aqui na Terra, além de um clima perfeito, oferecia aos aliens o que há de melhor – mão de obra gratuita. Este cenário apresentando por Sitchin não pode ser assim tão simples. Será que o pretenso dilúvio acabou com todas as evidências? Fez desaparecer as minas, as bases, cidades, equipamentos e resíduos da mineração? Segundo os "especialistas", até mesmo as "pistas de pouso" que estavam nas montanhas desapareceram. Não há sequer um indício de tudo isso. Não há um parafuso, uma broca de diamante... não há sequer uma ilustração, escultura... Impossível tanto tempo de interação, mais de 400 mil anos e nada ter sido produzido que pudesse dar sustentação aos registros citados por Sitchin.

De máquinas para as pedras

Não é claro nos textos, mas ao que parece, os seres humanos passaram a ser um problema para os Anunnaki. Faziam muito barulho. Para limpar a Terra, um dilúvio de proporções globais fez o serviço. Segundo Sitchin, pela passagem de Nibiru, que iria provocar uma influência gravitacional que desestabilizaria as camadas de gelo nos polos. Mas Enki, protetor da humanidade, havia informado a um homem sobre o desastre chamado de Utnapishtim. O mesmo sabendo da inundação, construiu um enorme barco, carregando-o de plantas e animais de toda espécie. Assim passado o desastre, a vida iria ressurgir novamente. Pois é, o Noé bíblico era Utnapishtim. Ele conseguiu a proeza de enfiar dentro de um barco de madeira milhares de espécies. Uma embarcação como a proposta por Noé, ou como queiram, Utnapishtim, poderia flutuar, com ressalvas. Obviamente seria impossível o transporte de todas as espécies, invalidando a proposta oferecida pelos deuses. Os teóricos apresentam uma alternativa, em vez de levar os animais, apenas amostras biológicas. Assim, passado o dilúvio, as espécies seriam reintroduzidas. Só que eles não explicam como Noé faria isso. Passou de carpinteiro, marinheiro, para cientista especialista em genética? OP

Continua na edição nº 20

Em nosso canal oficial no YouTube, assista aos vídeos sobre os Anunnaki. Envie seus comentários?
contato@ovnipesquisa.com.br

NOVO LIVRO SOBRE OS "ETS" DE VARGINHA!

Matheys Maturano, ilustrador oficial da *OVNI Pesquisa* fez a belíssima capa, assim como várias outras artes para o livro

Por Edison Boaventura Júnior

Durante o 1º Encontro Ufológico Enigmas e Mistérios, realizado no dia 20 de janeiro de 2024, houve o lançamento do livro *ETs de Varginha: Montando o Quebra-cabeça!*, de autoria de Edison Boaventura Júnior.

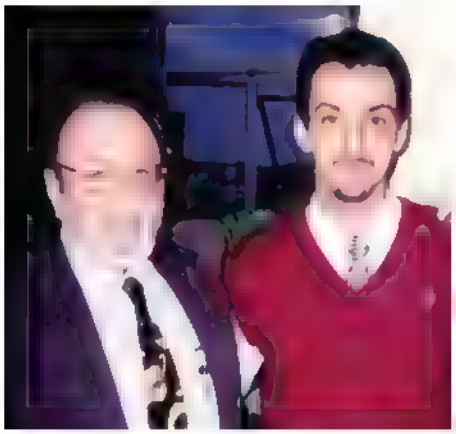
Aspectos inéditos sobre o envolvimento americano no caso são apresentados e um capítulo exclusivo é dedicado para revelar as informações sobre os vídeos e fotos, supostamente existentes e, que estariam nas mãos de civis e militares.

O livro com 402 páginas e totalmente colorido apresenta mais de 250 fotos e documentos referentes ao caso, em seus anexos. Além disso possui a maior bibliografia!

O livro se apresenta como uma obra imperdível para todos os entusiastas do assunto e agregará com informações inéditas sobre este caso, considerado como um caso de "Arquivo X" com aspectos reais sobre o acobertamento, mortes misteriosas, capturas e muito mais.

CASO VARGINHA EM OUTROS LIVROS...

Existem alguns livros já escritos sobre o caso mineiro. Vou comentar quatro obras nacionais e uma internacional a seguir. O primeiro livro escrito sobre o caso foi *Incidente em Varginha – Criaturas do Espaço no Sul de Minas*, de Vitório Pacaccini e Maxs Portes, pelas Edições Cuatiara, em 1996.



Roger K. Leir, autor do livro *UFO Crash In Brazil*, ao lado de Edison Boaventura Júnior

Na minha humilde opinião é um dos melhores livros que eu recomendo e que já se encontra esgotado! Foi escrito no ferver da pesquisa de campo e no auge dos acontecimentos. Por isso, trás informações iniciais do caso com bastante precisão. O livro conta ainda, passo-a-passo, a pesquisa empreendida e as descobertas, sob a ótica dos autores. Todos os pesquisadores iniciais do episódio foram mencionados e homenageados. Os detalhes do envolvimento militar foram revelados e alguns nomes resguardados para não prejudicar os envolvidos.

A segunda obra escrita e com bastante conteúdo eu recomendo também! Trata-se do livro *O Caso Varginha* do pesquisador e advogado Ubirajara Franco Rodrigues. Nesta obra de linguagem rebuscada, temos muitos detalhes e uma pesquisa mais aprofundada e rica em detalhes.

Este livro publicado pelo CBPDV e pela M. C Gráfica e Editora Ltda, em 2001, trouxe incríveis informações, fruto de cinco anos de investigações ininterruptas. Ubirajara, de forma bem criteriosa, não deixou nenhum aspecto da pesquisa de fora e seu livro foi um dos mais aguardados de todos os tempos, pois ele foi o descobridor do caso.

A terceira obra recomendada é *Varginha – Toda a Verdade Revelada*, de autoria do pesquisador Marco Antônio Petit de Castro que foi publicada pelo CBPDV e pela Editora Mona, em 2015.

O livro aborda uma história repaginada, de um dos maiores casos ufológicos brasileiros. Detalhes são esmiuçados e percebo, capítulo a capítulo, o forte acobertamento que imperou na época e continua imperando! É uma boa obra, mas trás alguns pontos polêmicos e inverídicos, no meu ponto de vista, principalmente, na questão da queda da nave, cujo depoimento da testemunha não é confiável e já havia sido descartado pelo Grupo dos Sete. Nem toda a verdade foi revelada neste livro, pois existem peças faltantes do quebra-cabeça.

UMA COBERTURA DE OUTRO MUNDO

O quarto livro para ser lido, tomando um cafezinho acompanhado de um pão de queijo, é *Os ETs de Varginha*, da jornalista Margarida Hallacoc, publicado pela Páginas Editora, em 2023.

Este livro de 200 páginas, conta a saga de uma jornalista, durante o ano de 1996, em meio a surpresas, mistérios, boatos e desafios na cobertura do maior caso ufológico mineiro. Há muitos detalhes no livro da Margarida que não foram percebidos pelos pesquisadores do episódio, durante as entrevistas. Leia esta obra e você saberá os bastidores de uma cobertura de outro mundo!

Além destes livros de autores brasileiros, eu recomendo a obra em língua inglesa, cujo título do livro é *UFO CRASH IN BRAZIL*, escrito por Roger K. Leir (1935-2014), em 2005. Neste livro são revelados detalhes da observação e tratamento médico no Hospital Regional, no centro de Varginha – MG, feito por um ortopedista, além de outros aspectos interessantes. OP

Para adquirir o livro, entre em contato com o autor pelo e-mail: boaventura_gug@hotmail.com

Baseado em documentos disponibilizados pelo governo norte-americano, este é o primeiro de dois textos sobre os mitos que cercam a famosa Área 51, nenhum dos quais resiste a uma análise mais criteriosa

A Área 51 fica a noroeste de Las Vegas e faz parte de um extenso complexo militar com nada menos que 1.489.243 de quilômetros quadrados e inclui o Local de Testes de Nevada, estabelecido para testes de armas nucleares e o Campo de Testes e Treinamento de Nevada para testes de voo e prática de tiro. A origem da sua identificação até hoje é incerta, sendo a teoria mais aceita a que informa que simplesmente é o contrário da Área 15, que já era registrada anteriormente pelo governo norte-americano.

Campo de testes nucleares, o primeiro uso documentado da Área 51

O Campo de Teste de Nevada (Nevada Test Site NTS), 104 quilômetros ao norte de Las Vegas, foi um dos locais de teste de armas nucleares mais importantes nos Estados Unidos. Os testes nucleares, tanto atmosféricos como subterrâneos ocorreram lá entre 1951 e 1992. Após a Segunda Guerra Mundial, o governo norte-americano criou a Comissão de Energia Atômica (Atomic Energy Commission AEC) para monitorar o desenvolvimento da ciência e tecnologia atômica em tempos de paz. A década de 1950 tornou-se um período de rápida expansão das armas atômicas dos EUA, com o medo de que a União Soviética aumentasse a quantidade dos seus artefatos nucleares e a crença de que o desenvolvimento de tais armas ajudaria a estabelecer a hegemonia mundial dos EUA.

Em 1950, a AEC considerou muitos locais para o desenvolvimento e testes de armas nucleares nos EUA. A Comissão então selecionou o campo de bombardeio e artilharia de Las Vegas. Em 18 de dezembro de 1950, o presidente Harry Truman (1884-1972) autorizou o estabelecimento de uma porção de 1.761 quilômetros quadrados da Cordilheira como Campo de Provas de Nevada. Sob a autoridade do Presidente Truman, a AEC designou e administrou o terreno. Em 1955, o nome do local foi alterado para Nevada Testing Site. Com o tempo, a área para testes foi ampliada consideravelmente. O NTS adquiriu mais terrenos em 1958, 1961, 1965, 1967 e em 1999.

Em 27 de janeiro de 1951, os testes nucleares no NTS começaram oficialmente com a detonação da *Shot Able*, uma bomba de 1 quiloton, como parte da Operação Ranger. Entre 1951 e 1992, o governo dos EUA conduziu lá um total de 928 testes nucleares. Desses testes, 100 foram atmosféricos, com os demais sendo subterrâneos. Instalações de teste para foguetes nucleares e motores ramjet também foram construídas e usadas desde o final da década de 1950 até o início da década de 1970.

A AEC pretendia originalmente que o NTS fosse um local de testes onde experimentos rápidos pudessem ser conduzidos com bombas nucleares de pequena escala. Idealmente, os resultados levariam então ao desenvolvimento de bombas atômicas maiores e de armas termonucleares avançadas. Na realidade, os testes atmosféricos em grande escala tornaram-se comuns e duraram quase 12 anos.

Os testes nucleares subterrâneos começaram no NTS com a Operação Nougat em setembro de 1961. O Projeto de Armas Especiais das Forças Armadas (Air Force Special Weapons Project, AFSWP) determinou originalmen-

AUTOR

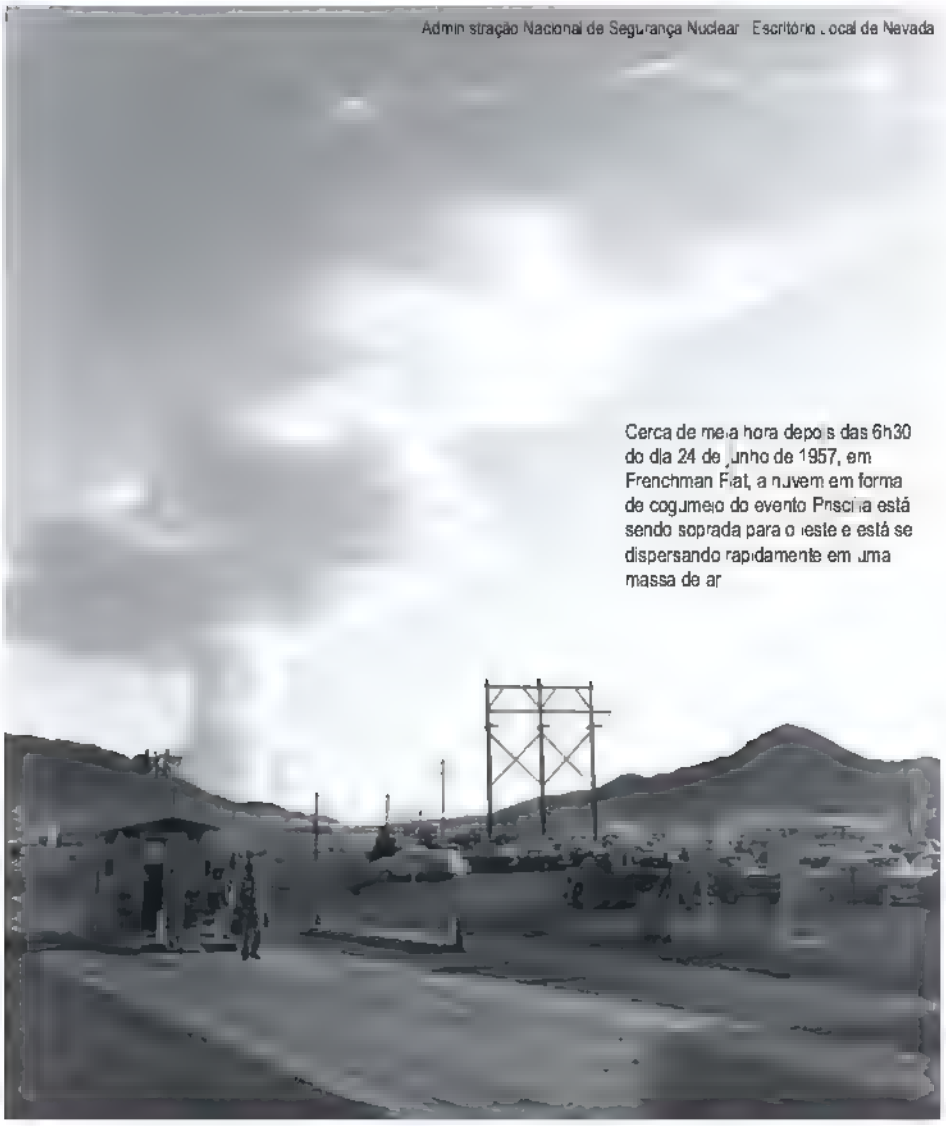
Sérgio Santana

Possui Especialização em Engenharia de Manutenção de Aeronaves. Licenciatura em Ciências Aeronáuticas. Colaborador da Shephard Media, autor de livros sobre aeronaves de Inteligência, Vigilância e Reconhecimento

Philipe Kling David

OS SEGREDOS DA ÁREA 51

PARTE 1



Administração Nacional de Segurança Nuclear - Escritório Local de Nevada

Cerca de meia hora depois das 6h30 do dia 24 de junho de 1957, em Frenchman Flat, a nuvem em forma de cogumelo do evento Priscilla está sendo soprada para o leste e está se dispersando rapidamente em uma massa de ar

te que os testes subterrâneos fossem realizados na ilha de Amchitka, na costa do Alasca. Isto mudou após a criação do NTS, quando o AFSWP decidiu que queria testar os artefatos em Nevada, a fim de desenvolver um mapa mais abrangente de precipitação radioativa.

Os testes serviram a vários propósitos, tais como: determinar o impacto das armas nucleares no ambiente físico e em estruturas feitas pelo homem (como em equipamentos militares); a busca de possíveis usos pacíficos destas armas; testar a força e a eficácia de novas armas; testar armas existentes; e estudar os efeitos da precipitação nuclear. Alguns testes também envolveram militares que conduziram operações perto do marco zero atômico, o ponto na superfície da Terra mais próximo da detonação de uma bomba, com o objetivo de desenvolver novas táticas no campo de batalha. Esses testes ocorreram em quatro regiões: Frenchman Flat, Yucca Flat, Rainier Mesa e Pahute Mesa.

Um exemplo da série de testes foi a Operação Plumbbob. Os militares norte-americanos a conduziram os testes de 28 de maio a 7 de outubro de 1957. Esta série de 29 testes nucleares foi uma das mais longas e abrangentes e tornou-se controversa depois que grande parte da operação foi tornada pública. Houve vários objetivos durante a Operação, tais como: melhorar o projeto de armas, testes de segurança, realização de experimentos biomédicos e testes de projetos para sistemas termonucleares. Como resultado, os seus testes liberaram grandes quantidades de iodo radioativo (I-131) na atmosfera, produzindo cerca de 32% de toda a exposição civil devido a testes nucleares atmosféricos. Cerca de 3.000 militares também foram expostos a altos níveis de radiação durante o teste "Shot Smoky".

O último teste nuclear subterrâneo ocorreu em 23 de setembro de 1992. Em 2010, o NTS foi renomeado como Local de Segurança Nacional de Nevada (Nevada National Security Site, NNSS). O local não é mais usado para testes de novas armas nucleares, mas ainda é usado para necessidades de segurança nacional dos EUA. Se for considerado necessário, o local poderá ser autorizado novamente para testes de armas nucleares. O NNSS é agora o local preferido para programas de defesa da Administração Nacional de Segurança Nuclear, pesquisa industrial e esforços de desenvolvimento. O Parque Nacional de Pesquisa Ambiental também está localizado no mesmo local. Tanto as agências federais quanto as indústrias privadas conduzem experimentos ao ar livre no NNSS, com foco em técnicas de resposta a emergências e remediação de testes. Por exemplo, o Departamento de Segurança Interna realiza testes e formação em resposta a emergências nucleares e radiológicas. Curiosamente, o NNSS pode ser visitado por meio de passeios mensais.

Abaixo segue o cronograma dos principais testes nucleares realizados no local de testes de Nevada:

27/01/1951: Os testes nucleares começam com a bomba Shot Able.

22/04/1952: O teste Shot Charlie é conduzido, tendo feito parte dos exercícios Desert Rock IV, onde milhares de militares treinaram para simular atividades em campo de batalha nuclear.

17/03/1953: O teste nuclear "Annie" é realizado. Uma casa com estrutura de madeira foi construída para a ocasião, como parte de um estudo da defesa civil sobre os efeitos de uma explosão nuclear.

19/05/1953: O teste "Harry" é realizado. Devido a uma mudança inesperada no vento, "Harry" causou a maior quantidade de precipitação radioativa de qualquer teste nos Estados Unidos, contaminando uma cidade próxima. O teste foi mais tarde chamado de "Harry sujo".

12/03/1955: O teste Shot Hornet é conduzido. Foi o quinto dos 14 testes da Operação Teapot. A Operação Teapot foi projetada para testar novos tipos de dispositivos de fissão nuclear.

28/05/1957-07/10/1957: Ocorre a já mencionada série de testes nucleares da Operação Plumbbob.

06/09/1957: O teste de segurança é realizado durante a Operação Plumbbob. Coulomb-B pretendia garantir que uma detonação acidental de altos explosivos convencionais em um dispositivo nuclear não causasse uma reação nuclear.

06/12/1957: O teste de segurança Coulomb-C Shot é realizado. O teste rendeu uma quantidade inesperadamente alta de 500 kilotons, gerando preocupação pública com as consequências nucleares.

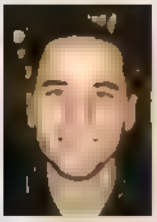
16/10/1958: É realizado o teste nuclear Shot Dona Ana. Fez parte da série Operação Hardtack II, na qual os Estados Unidos realizaram 37 testes nucleares.

8/12/1968: O teste nuclear da Escuna é realizado no subsolo. "Schooner" também fez parte da Operação Plowshare, um esforço para usar explosivos nucleares para fins pacíficos de construção.

23/09/1992: Os EUA conduziram seu último teste nuclear, codinome Divider, em uma instalação subterrânea em Nevada. Foi o último dos 1.032 testes nucleares realizados pelos Estados Unidos desde o Teste Trinity, 47 anos antes. OP

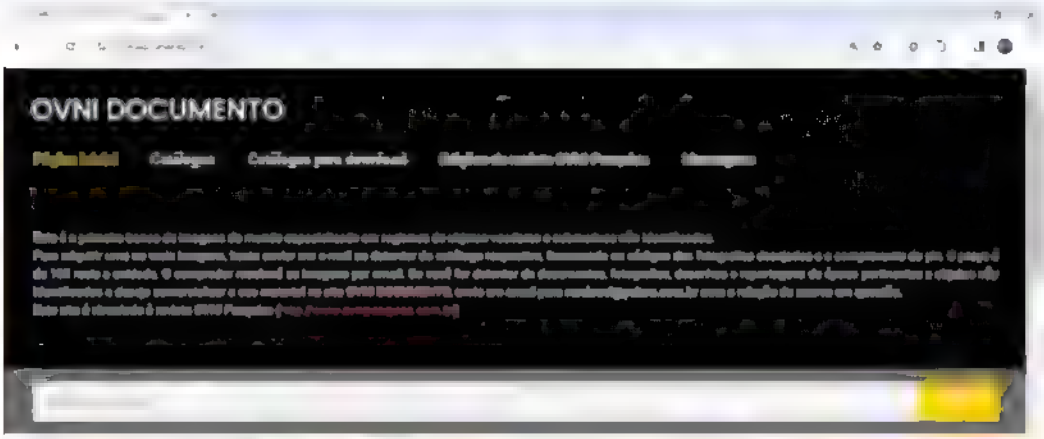
Na próxima edição, a segunda e última parte do artigo tratará das outras finalidades da Área 51 e dos mitos injustificados que a cercam há décadas.

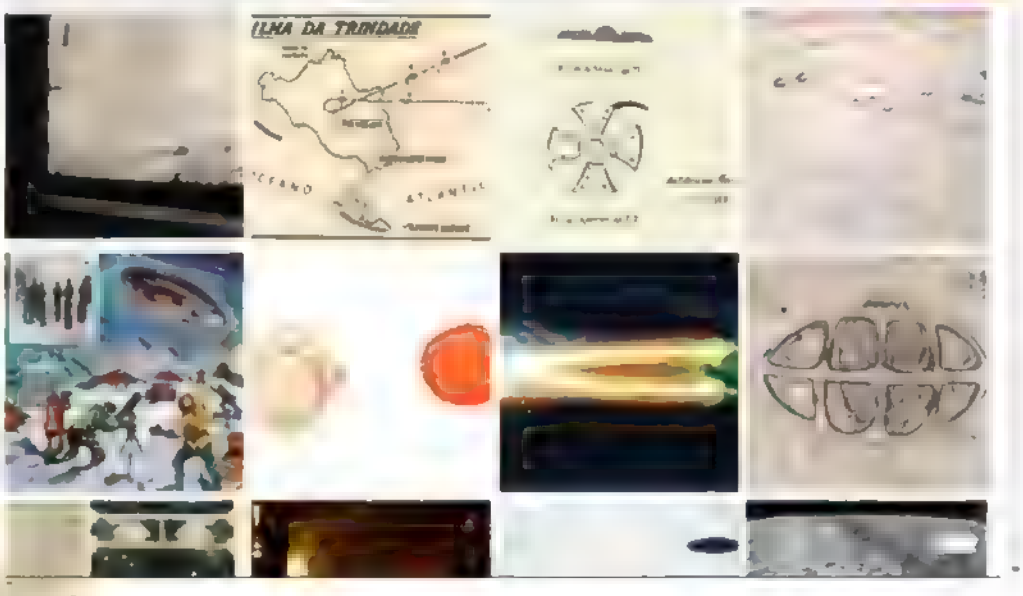
AUTOR



Por Rodrigo Moura Visoni

Bacharel em Arquivologia pela UNIRIO e colaborador de revistas especializadas em História e Aviação. Articulista da OVNI Pesquisa desde 2020





Os arquivos históricos da Ufologia a um clique de você!

Conforme anunciado na edição 16 da revista *OVNI Pesquisa*, já está operante o primeiro banco de imagens do mundo especializado no registro de objetos voadores e submarinos não identificados, o site OVNIDOCUMENTO. Contando atualmente com mais de 300 itens e em constante expansão, o banco reúne manuscritos, desenhos, fotografias e notícias de jornais pertinentes a avistamentos de corpos ou luzes de natureza desconhecida em movimentação no ar ou no mar.

O projeto surgiu da necessidade premente de se reunir os arquivos de diferentes colecionadores e pesquisadores, antes que tal material se perdesse ou fosse jogado fora como sem valor, como infelizmente já se viu tantas vezes na História, com enorme prejuízo às pesquisas! Atualmente, o site conta com quatro catálogos: o Catálogo RIBEIRO, de Renato Ribeiro, que reúne cartas com relatos de observações de OVNIs à revista *O Cruzeiro*, de 1954 a 1958; o catálogo SUENAGA, do renomado pesquisador Cláudio Tsuyoshi Suenaga, com registros de casos clássicos da ovniologia, como o Caso Villas Boas, o Caso Prestes Filho e outros menos conhecidos, como o Caso Guaimases, além de ter também raríssima documentação da Força Aérea Brasileira; o Catálogo VISONI, do arquivista Rodrigo Moura Visoni, idealizador e administrador do site OVNIDOCUMENTO, que se destaca pela documentação de observações antárticas; e o Catálogo WERNER, de Paulo Henrique Baraky Werner, ufólogo de campo e editor da revista *OVNI Pesquisa*, com diversas ilustrações e matérias de jornal pertinentes ao Caso Karran.

Todo o material upado foi rigorosamente tratado e descrito, sendo uma fonte fidedigna de informações para jornalistas, pesquisadores, historiadores ou meros curiosos. Para adquirir as imagens, basta mandar um e-mail para o respectivo proprietário anexando o comprovante de pagamento por pix e indicar as imagens desejadas. O valor atual é de 100 reais por imagem.

Visite o site e ajude a manter e expandir o projeto fazendo doações de qualquer valor.

Sua contribuição é muito importante e você estará colaborando poderosamente para o reconhecimento e a preservação da Ufologia Nacional e Internacional! OP

Acesse:
https://ovnidocumento.com.br/

Doação / PIX:
rmvisoni@yahoo.com.br

AUTORA

Por Rafaela Oliveira

Articulista e representante no CE da *OVNI Pesquisa*

rafaela.oliveirac84@gmail.com

O ano de 2023 foi um ano atípico na história da Ufologia, tratou-se de um período muito movimentado no qual os OVNIs/UAPs finalmente foram protagonistas de diversas pautas e discussões governamentais, principalmente nos Estados Unidos, assim como também foram alvo de debates e pesquisas dentro da classe científica, principalmente no que se refere ao projeto de pesquisa da Nasa que, em meados do mês de setembro, lançou um relatório analisando, pela primeira vez em sua história, os objetos voadores não identificados.

Fato importante advindo desses colóquios foi o projeto de lei criado para facilitar a liberação de documentos e depoimentos de autoridades e militares com relação aos UAPs. Porém, os congressistas dos Estados Unidos se veem em meio a mais uma dificuldade, já que criação dessa lei está causando uma grande contenda no governo, o que demonstra uma tentativa quase desesperada de impedir a aprovação do projeto. Quais os interesses por trás dessas tentativas? Se a discussão sobre a existência de OVNIs/UAPs chegou ao ponto de mobilizar o Congresso dos Estados Unidos, então qual seria o objetivo oculto de ainda tentar mantê-lo sob um véu de enganação e sigilo?

A própria Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (Central Intelligence Agency, ou CIA), diversas vezes acusada de ter um papel fundamental nesse acobertamento, nem se dá mais ao trabalho de mascarar a sua angústia de ser implicada em toda essa conspiração, já que depois do bombástico depoimento de David Grusch, o ex agente da inteligência que denunciou um programa militar secreto para recuperar OVNIs acidentados, a agência liberou propositalmente prontuários médicos do ex-oficial atestando que ele esteve em tratamento psiquiátrico por estresse pós traumático associado à guerra no Afeganistão, onde serviu. Expôr assim um ex-agente, ultrapassando todos os limites éticos e profissionais, numa tentativa frustrada de desacreditá-lo, parece haver tido um efeito oposto. Por conseguinte, mais testemunhas militares chegaram para embasar o depoimento de Grusch e a CIA ficou com a imagem ainda mais arranhada depois dessa exposição.

Esse grande receio das agências de inteligência e da cúpula militar dos Estados Unidos em serem expostos em mais acusações de acobertamento criminoso da realidade dos OVNIs parece ser o principal empecilho para que uma nova legislação que facilite o acesso às informações sobre o assunto chegue a valer integralmente em 2024. O presidente Joe Biden está prestes a assinar uma legislação surpreendente citando *"tecnologias de origem desconhecida e inteligência não humana"* com os principais congressistas pressionando por um avanço gigantesco na divulgação de informações sobre OVNIs. Porém, os principais defensores da causa dizem que a legislação está sendo deliberadamente prejudicada e culpam os membros do Congresso financiados pelas grandes empresas de defesa por atenuarem a lei Nos bastidores, uma luta acirrada tem sido travada pela divulgação do que o governo sabe sobre OVNIs. De um lado, temos as testemunhas e ex funcionários da inteligência, que afirmam ter conhecimento de um programa secreto que haveria recuperado e ocultado OVNIs acidentados e que tem como principais apoiadores no Congresso o líder da maioria no Senado, Chuck Schumer, o membro do comitê de inteligência do Senado, Marco Rubio também e Mike Rounds, membro do comitê de forças armadas do Senado.

Do outro, está a empresa de defesa Lockheed Martin e dois

poderosos republicanos da Câmara, a quem doa milhares de dólares: o presidente da comissão de inteligência, Mike Turner, e o presidente da comissão de serviços armados da Câmara, Mike Rogers. Em julho de 2023, Chuck Schumer foi responsável por apresentar um projeto de lei desbravador que faria com que especialistas com autoridade governamental examinassem documentos e registros sobre OVNIs com o objetivo de divulgá-los ao público, assim como também autorizava o governo a apreender cada *"tecnologia de origem desconhecida"* ou mesmo *"evidências biológicas de inteligência não-humana"* que estejam em poder de empresas privadas.

Segundo fontes que fizeram parte da elaboração do Projeto de Lei, os legisladores resolveram apresentar a legislação depois que informações confidenciais de testemunhas que supostamente trabalharam em OVNIs acidentados, recuperados pelo governo e entregues a empreiteiros de defesa, em programas secretos não compartilhados com o Congresso, vazaram. Fontes ligadas ao DailyMail.com disseram que a legislação foi elaborada com contribuições de ex-funcionários que trabalharam nos programas do Pentágono que investigam *'Fenômenos Anômalos Não Identificados' (UAP)*. Estes incluem Jay Stratton, que chefiou a Força-Tarefa UAP do Departamento de Defesa de 2018 a 2021, seu ex cientista-chefe Travis Taylor e o antecessor do programa, Luis Elizondo. O mais envolvido na elaboração foi David Grusch que, como dito anteriormente, foi um oficial de inteligência que alegou ter conhecimento de que o Governo dos Estados Unidos tem um programa exclusivo para identificar e recuperar UAPs acidentados.

■ David Grusch, o ex agente da inteligência que denunciou a recuperação de OVNIs acidentados

O projeto foi aprovado em votação no Senado, mas partes importantes foram retiradas pelos principais legisladores da Câmara antes de ser oficialmente adicionado como uma emenda ao projeto anual de gastos com defesa, a Lei de Autorização de Defesa Nacional (National Defense Authorization Act, NDAA). O representante de Ohio e cético Mike Turner, disse ao *News Nation* que o projeto original de 64 páginas de Schumer estava *"mal redigido"* e reclamou que *"ninguém sequer levantou o assunto"* com ele. Em uma entrevista no podcast The Joe Rogan Experience, Grusch criticou Turner e Rogers por 'bloquear' o projeto.

Se conseguissem obter uma patente sobre, por exemplo, sistemas antigravidade, isso representaria trilhões de dólares no futuro.

Daniel Sheehan

Advogado e ativista para a liberdade de informação sobre OVNIs, Daniel Sheehan, sendo consultado sobre a emenda Schumer, disse ao DailyMail.com que os dois legisladores tinham ligações com empreiteiros da defesa e estavam tentando manter em sigilo os segredos das bases militares em seus distritos. *"Ambos são dos distritos onde a tecnologia está sendo trabalhada", disse Sheehan. 'Turner é do 10.º distrito congressional de Ohio, que inclui a Base Aérea de Wright Patterson, e sabemos que foi para lá que a tecnologia do OVNI de Roswell foi levada em 1947. A indústria aeroespacial, especificamente, estava tensa em querer manter não apenas o controle físico dos materiais, mas também ter direitos de patente. Isso é o que eles realmente gostam, porque é para onde o dinheiro flui. Se conseguissem obter uma patente sobre, por exemplo, sistemas antigravidade, isso representaria trilhões de dólares no futuro. Dissemos, se tal tecnologia não existe, por que está preocupado com isso?"* Sheehan acrescentou: *"Sei que, por trabalhar em Washington há 50 anos, ninguém vai ao tatame por causa de uma questão como essa, a menos que haja uma razão prática."* Sheehan participou de casos marcantes, incluindo os Documentos do Pentágono em 1971 e a invasão de Watergate em 1972, e é creditado por lançar a investigação sobre o escândalo Irã-Contras da década de 1980.

Fica claro aqui não apenas um interesse militar e financeiro em manter esse acobertamento ufológico, mas também podemos especular que para sustentar um segredo tão grande e tão sério que impactaria tanto a história e a ciência da nossa civilização, uma infinidade de crimes também se seguiram a essa conspiração, impedindo o acesso a essas descobertas não apenas ao público, mas também à comunidade científica. Supõe-se que isso atrasou o que pode ser a maior descoberta da humanidade. Sem falar testemunhas, afetadas negativamente pelo Fenômeno OVNI e deliberadamente descredibilizadas e abandonadas à própria sorte. OP

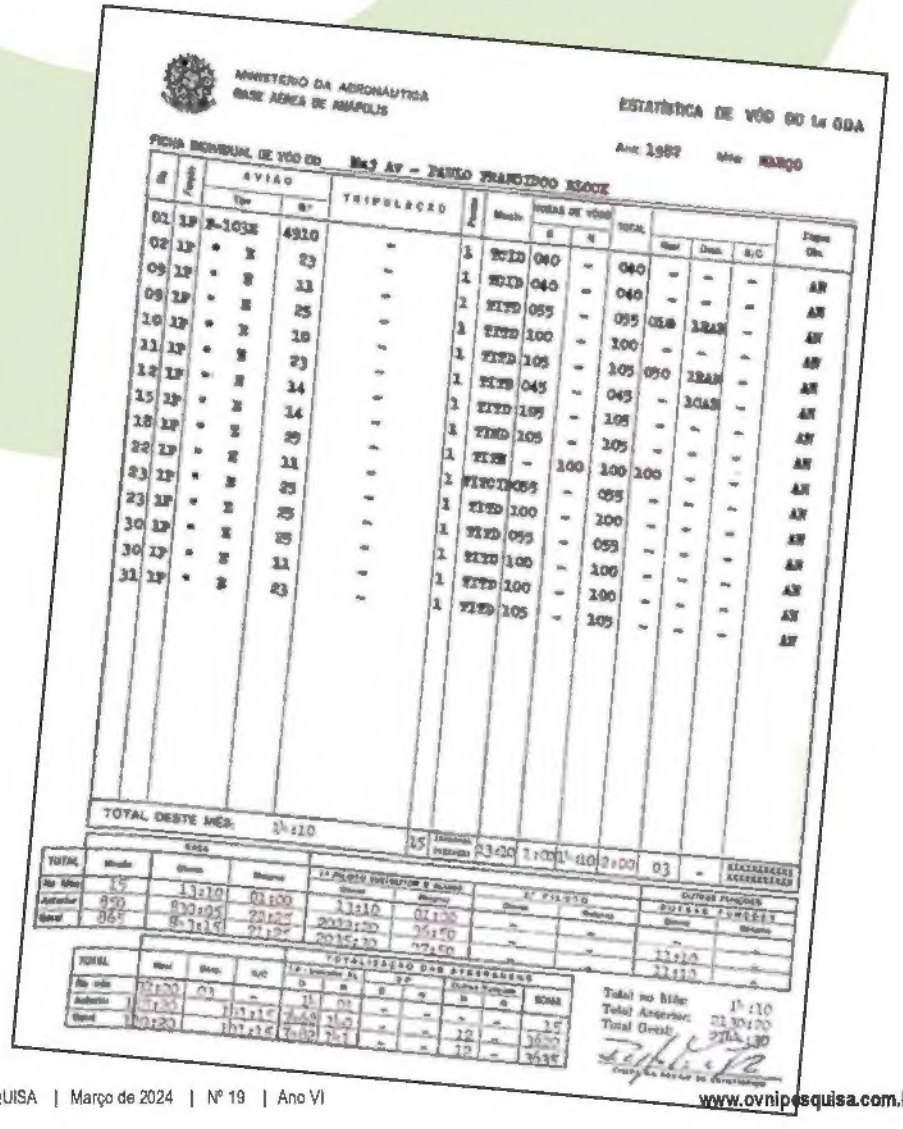
■ Um vídeo, que ganhou popularidade nas redes sociais, mostra um objeto voador não identificado (OVNI) em "formato de água-viva" sobrevoando uma base militar no Iraque. Apelidado de "medusa", o objeto na gravação foi divulgado pelo jornalista Jeremy Corbell, e exibe uma forma pouco definida e com aparência de tentáculos, deslocando-se suavemente sobre o ar. Segundo Corbell, o registro data de outubro de 2018

UM OVNI SOBRE A BASE AÉREA DE ANÁPOLIS

Por Rodrigo Moura Visoni

Arquivo de Iracema Block

Acima: Maj Av Paulo Francisco Block. Abaixo o registro de voos do Maj Block de março de 1982.


MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
BASE AÉREA DE ANÁPOLIS

ESTATÍSTICA DE VÔO DO 1º ESQDA

FICHA INDIVIDUAL DE VÔO DO Maj Av - PAULO FRANCISCO BLOCK

Ano 1982 Mês MARÇO

TOTAL DESTE MÊS: 31:10

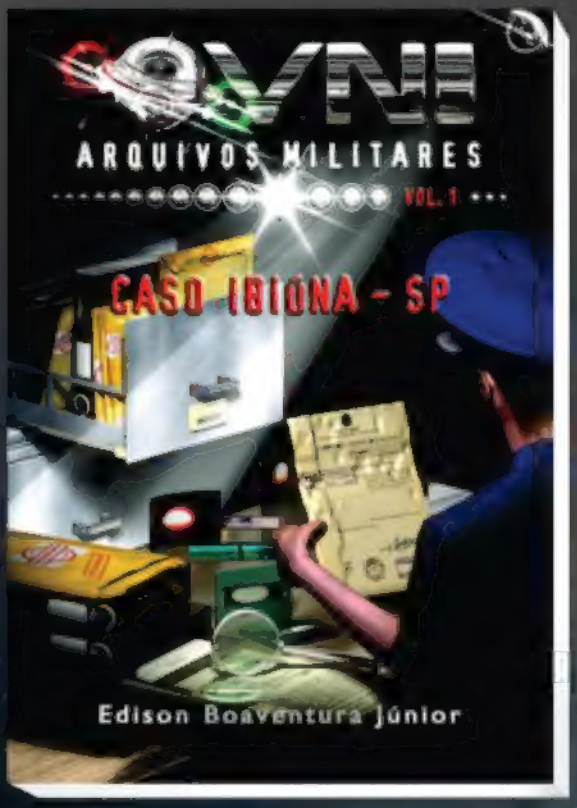
Às 11h da terça-feira de 23 de março de 1982, enquanto uma aeronave F-103 pilotada pelo capitão-aviador Elizeu Carlos Cardozo (1950), que completava 1.000 horas de voo, executava *loopings* sobre o aeródromo militar de Anápolis (GO), percebeu-se um OVNI no céu.

Havia no solo muitas pessoas acompanhando as acrobacias do piloto e assim quase todos na base nesse dia puderam ver o objeto voador. A olho nu, o objeto tinha uma forma aparentemente esférica, de cor branca, tendendo para prata; visto com binóculo, a forma era a mesma, porém, mais brilhante, por vezes se apresentando avermelhado, com tendência para dourado. Foi observado inicialmente quase sobre o aeródromo, não sendo possível estimar a altura, por estar muito alto.

Tomando ciência da situação, o Centro de Operações Militares (COpM) solicitou, decerto com a participação do Centro de Operações de Defesa Aeroespacial (Coda), o acionamento da aeronave de alerta com o objetivo de identificar o que era aquilo. Na prontidão estava o major-aviador Paulo Francisco Block (1950), que decolou no caça F-103E FAB 4925, e realizou dois voos em busca do OVNI: o primeiro, de uma hora, e o segundo, de 55 minutos. A situação era considerada tão crítica que ele sequer pôde descer da aeronave durante o reabastecimento para o segundo voo. Conquanto fosse realizada procura visual até o nível de voo 500 (5.000 pés), nada foi encontrado.

Por determinação do Comandante da Base Aérea de Anápolis (BAAN), o coronel-aviador José Elislande Bayo de Barros (1935), o capitão Zander Nogueira Martins (1949) foi incumbido de realizar investigações e elaborar um relatório do ocorrido. Pesquisas com o Quinto Serviço Regional de Proteção ao Voo (SRPV-5) a respeito de possíveis balões sondas, satélites artificiais e mesmo contatos telefônicos com o COpM não trouxeram quaisquer resultados concretos. O que quer que fosse o objeto avistado, jamais foi identificado. Após o episódio, uma luneta foi adquirida e integrada ao acervo do Centro de Operações Aéreas (COA) da base, para facilitar a observação e identificação de corpos celestes. Buscas recentes por esse instrumento, porém, não tiveram sucesso. OP

Adquira os seus livros e embarque numa aventura pelo desconhecido!



Arquivos Militares de OVNIs são revelados!

Esta instigante obra que é a primeira de uma série intitulada "OVNI – Arquivos Militares" tem o objetivo de preencher uma lacuna existente na Ufologia Brasileira, que é a divulgação de casos envolvendo a pesquisa oficial de militares com possível comprovação, por meio de documentos oficiais, relatórios, fotos, vídeos, croquis e outras evidências relevantes ao caso que será abordado em cada volume.

Neste primeiro volume, em suas 140 páginas, veremos casos que tiveram como palco a cidade de Ibiúna - em São Paulo.

Caro leitor, desejo que você possa fazer uma viagem nos casos fantásticos apresentados neste livro e se surpreenda com a seriedade, competência e zelo na elaboração de toda esta investigação que mostra inclusive, aspectos inéditos e a documentação original da pesquisa militar empreendida pela FAB – Força Aérea Brasileira realizada naquela época.

OSMAR DE FREITAS - Ufólogo

Um resgate da essência da Ufologia

Uma coletânea de casos tão antigos quanto intrigantes. Assim pode ser descrito o livro "Alienígenas no Passado do Brasil - Casos insólitos antes de 1947", a primeira obra independente lançada pelo ufólogo Edison Boaventura Júnior, presidente do Grupo Ufológico de Guarujá.

Boaventura é um dos poucuíssimos guardiões da chamada pesquisa de campo da Ufologia, aquela na qual o pesquisador vai às áreas de contato pessoalmente recolher amostras, falar com testemunhas, parentes ou vizinhos, ou encarar noites geladas de vigília em busca de uma comprovação dos relatos de moradores.

Era de esperar que, neste livro, sempre com casos anteriores a 1947 (ano escolhido não por acaso, mas por ser o ano que marcou o início da Era Moderna da Ufologia), o autor se concentrasse apenas em documentos ou escritos antigos. Mas Boaventura, ao invés disso, aplica aquilo que bem sabe fazer e presenteia os leitores com algumas narrativas insólitas em primeira mão, colhidas das próprias testemunhas.

Em mais de uma dezena de casos apresentados há de tudo: de contatos rápidos e furtivos até alegadas abduções de proporções épicas. Alguns relatos não são necessariamente inéditos, Mas a coletânea no melhor estilo "conta casos" - relativamente raro nos dias de hoje - conduz o pesquisador/leitor a um universo riquíssimo em detalhes que remontam a história da Ufologia, a morfologia dos supostos alienígenas, seus objetos e suas naves.

Em suas 77 páginas, ao mostrar a similaridade entre descrições de contatos a partir de lugares tão distantes entre si, numa época em que a informação não corria o mundo na velocidade à qual nos acostumamos hoje, o livro faz um verdadeiro resgate da essência da Ufologia. Ele relembra as razões que levam muitos ufólogos a terem a certeza da origem extraterrestre do Fenômeno OVNI.

JEFERSON MARTINHO - Jornalista e ufólogo

Disponíveis em versão digital e impressa
Pedidos:
http://boaventuragug.wixsite.com/livros
boaventura_gug@hotmail.com

ENIGMAS e MISTÉRIOS

VÍDEOS NOVOS TODA SEMANA

UFOLOGIA

PARAPSICOLOGIA

MISTÉRIOS

DOCUMENTÁRIOS

PESQUISAS

CURIOSIDADES

ENTREVISTAS

LANÇAMENTO

www.lojadoedisonboaventura.com.br

youtube.com/@EdisonBoaventura